

Boletim Trimestral
da
Comissão Catarinense
de
FOLCLORE

BIBLIOTECA DO PARANÁ
DIVISÃO DE DOCUMENTOS
DOAÇÃO



Set/Dez 54

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask for exchange
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

DIRETOR:

Walter F. Piazza

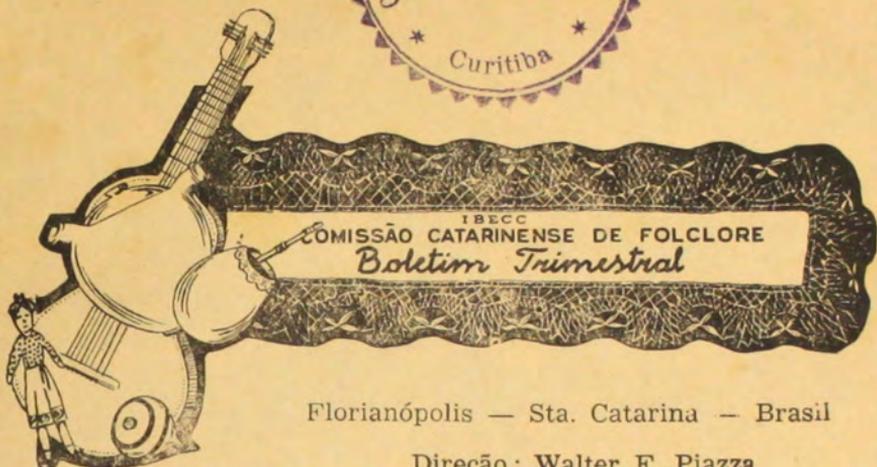
CONSELHO DE REDAÇÃO:

Almiro Caldeira de Andrada
Carlos da Costa Pereira
Oswaldo F. de Melo (filho)
Oswaldo R. Cabral
Victor A. Peluso Jor.

ENDEREÇO:

Comissão Catarinense de Folclore

Casa de Sta. Catarina
Rua Tenente Silveira, 69
Caixa Postal, 301
Florianópolis — Sta. Catarina
Brasil



Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil

Direção: Walter F. Piazza

ANO VI

— Setembro/Dezembro 1954

— Ns. 20/21

ÍNDICE

Págs.

NOSSO FOLCLORE

A figueira	Carlos da Costa Pereira	5
Achéas à Poranduba Catarinense	Lucas A. Boiteux	10
O tupi nos locais catarinenses	Victor B. Caminha	18
Têrço para São Gonçalo	Norberto de Souza	22
Crendices e Superstições	Olimpio Ferreira	24
Correspondência amorosa no interior ..	Constantino Medeiros	26
Cacumbí de branco	Walter F. Piazza	30

FOLCLORE NACIONAL

Sôbre o reísado no interior cearense	Florival Seraine	32
Ditados e comparações gaúchas	Walter Spalding	36
Quatro estudos	Tassilo O. Spalding	42
Aspéctos do folclore guasca	Noemy Valle Rocha	60
Cousas do folclore sul-riograndense	Horácio Paz	72

FOLCLORE DE OUTRAS TERRAS

O ciclo português do Natal	Luís Chaves	77
A folga	Júlio Andrade	84
Refranerillo de la alimentación	A. Castillo de Lucas	91
El tabaco en el folklore	Felix Coluccio	103

O QUE DIZEM DE NÓS	106
--------------------------	-----

NOTICIÁRIO	110
------------------	-----

RECEBEMOS E AGRADECEMOS	117
-------------------------------	-----

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

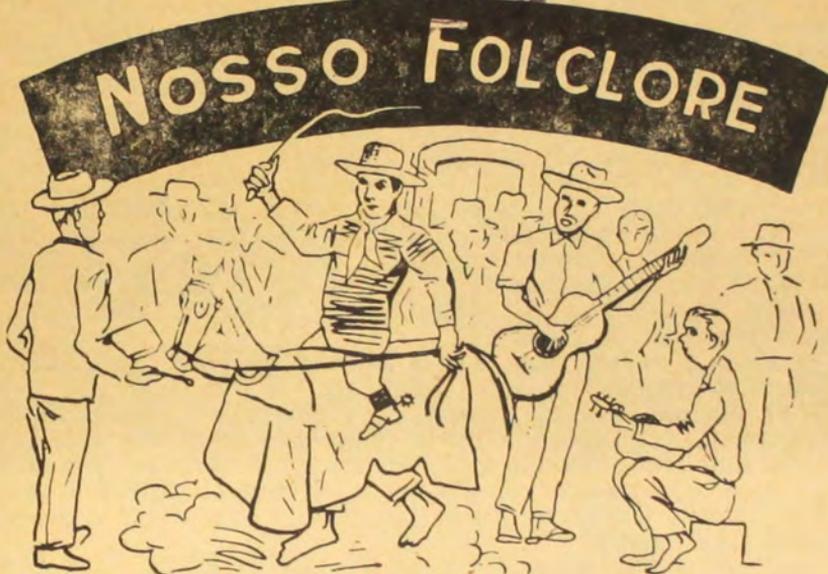


*
* * Nêste ano de 1954 a intelligência luso-brasileira comemorou o centenário da morte de João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, literato do mais alto quilate e da mais alta estirpe nas letras portugêsas.

Todos os cenáculos culturais do Mundo Português falaram alto e bom som da sua vida e da sua obra, onde o Brasil está presente.

Dedicou-se, também, ao estudo da vida popular e, por esta razão, não poderia a Comissão Catarinense de Folclore, pelo seu órgão, ficar alheia às manifestações.

Resolveu, pois, a Direção dêste Boletim dedicá-lo, nêste número, à memória do ilustre e exponencial vulto da Literatura Lusitana: **Almeida Garrett.**



A Figueira

Carlos da Costa Pereira

Pertence a **figueira** à família das Moráceas, que compreende mais de mil espécies. Muitas crescem espontaneamente no Brasil. A figueira comum, originária do sul da Europa e da Ásia Menor, foi trazida para o antigo domínio português pelos seus primeiros povoadores (1).

O nome provém de **figo**, e êste de **ficus**, o fruto e a árvore, em latim. Da palavra **figueira** derivam os subst. coms. **figueiral** e **figueiredo**, "plântio de figueiras"; **figueirola**, "**figueira pequena**", de onde **figueiró**; e, dêsses, os topônimos e sobrenomes **Figueira**, **Figueiredo** (2) e **Figueiró**. Há ainda **Figueiroa**, de origem galega, fem. de **figueirón**, segundo Mansur Guérios. E de formação erudita, originados de **ficus**, existem os vocábulos **ficáceas**, "gênero de plantas que tem por tipo a figueira"; **ficáceo**, "relativo ou semelhante à figueira ou ao figo"; e **ficóide** (do latim **ficus** e do grego **eidos**, forma), gênero de plantas da África do Sul, cujos frutos tem a forma do figo.

No grego, o nome correspondente a **figo** é **sykon** e a **figueira** é

- (1) Dizla o P. Manoel da Nóbrega ao P. Mestre Simão, em carta que se supõe ter sido escrita em 1549, que nestas terras davam figos "tão bons como os de lá". — **Cartas do Brasil (1549-1560)** — Biblioteca de Cultura Nacional (Publicações da Academia Brasileira), 1931, p. 98.
- (2) A propósito do sobrenome **Figueiredo**, conta-se a seguinte lenda: "O cavaleiro Goesto Ansures, em tempo de Mauregato, rei de Leão, encontrou uma vez, pelos campos uma taifa de mouros levando donzelas cristãs em cativeiro. O herói arrancou então o tronco de uma figueira e, afugentando os inimigos, libertou as moças. Casou com uma delas e tomou depois disso o nome de **Figueiredo**, que se perpetuou em famílias da mais alta linhagem. — O solar desta família é **Figueiredo**, comarca de Vizeu". — Rosário Farani Mansur Guérios, **Dic. Etim. de Nomes e Sobrenomes**, Curitiba, 1949, v. **Figueiredo**.

syké, de onde **sykómorus** (3), que através do latim **sycomorus** deu em português **sicômoro**, a **Ficus sycomorus** dos botânicos, conhecida vulgarmente por **figueira do Egito**, cuja madeira, tida como incorruptível, era empregada pelos egípcios no fabrico de ataúdes para as suas múmias. Têm a mesma origem — **sicita** (no grego **sykites**, de **sykon**), “vinho feito de figos”; **sicomancia** (de **syké**, figueira, e **manteia**, adivinhação), “sistema de adivinhação por meio de fôlhas de figueira”; **sicônio** (de **sykon**, figo, e o suf. **io**), termo botânico, “inflorescência constituída por capítulo, cujas bordas se elevam e se aproximam no ápice, e que, depois da fecundação, se torna carnudo”, **sicófago**, subs. e adj. (de **sykon**, figo, e **phagein**, comer), “que se alimenta de figos”; **sicofanta**, no grego, **sykophantes** (de **sykon**, figo, e **phaino**, mostrar), “caluniador, impostor, patife”, pròpriamente “delator, denunciante dos contrabandistas de figos” (4).

Deu ainda a palavra **figus** origem ao subst. **ficatum**, fígado, adaptado do grego **sykotón**, que quer dizer “nutrido com figos”, sendo o sentido de **ficatum**, segundo Dauzat (5), precisamente “(fígado de pato engordado) com figos”, termo culinário que substituiu **jecur** (6), nome que tinha em anatomia a viscera secretora da bilis. De **fígado** originou-se o adj. **figadal**, “relativamente ao fígado”, e, em sentido figurado, “íntimo, profundo, intenso”, como nas expressões — **inimigo figadal**, **ódio figadal**.

Prende-se também a **figo** a origem da palavra **figa**, provavelmente do italiano **fica**, designativo do amuleto que representa a mão fechada com o dedo polegar metido entre o indicador e o médio. É êsse objeto feito de marfim, ouro, coral, osso, ou mais modestamente, de madeira, talhando-o a nossa gente, de preferência em madeira de arruda, e usam-no contra o mau olhado e outros malefícios. Para afastar agouros e preservar-se de pessoas tidas por azarentas, costumam os supersticiosos, às ocultas, reproduzir com a própria mão a figura do amuleto, de onde a expressão — **fazer figa** (7), que não só tem o sentido de esconjurar, mas ainda de mostrar ódio, repelir, escarnecer. Emprega-se também o termo **figa** para exprimir menosprêzo: **pintor de uma figa**, **rábula de uma figa**, por exemplo.

Entram o **figo** e a **figueira** em diversos provérbios de origem portuguesa, dos quais citamos os seguintes: **Em tempo de figos, há amigos; em tempo de figos, não há amigos**; cada **figo** em sua **figueira**; antes para nós um **baguinho**, que dois **figos** para o **vizinho**; melhor é pão duro, que **figo** maduro; não ter cira nem beira, nem ramo de **figueira**; comem uns os **figos** e aos outros rebentam os **beijos**; seja tua a **figueira** e more eu à beira; a cadeia nem por coima de **figos**. — Existem ainda as expressões — não valer um **figo** e plantar uma **figueira**, com o sentido, respectivamente, de “não valer nada” e “levar uma queda”, e **figo** passado, **figo** sêco, com a significação de “pessoa magra” ou “coisa de nenhum valor”.

(3) De **syké**, figueira, e **môron**, amoreira. Os frutos dessa árvore se parecem com os da figueira e as fôlhas com as da amoreira.

(4) Vêr essas palavras em Ramiz Galvão, **Vocabulário Etymologico, Orthographico e Prosodico das Palavras Portuguezas derivadas da lingua grega.**

(5) **Dictionnaire Etymologique.**

(6) Explica Darmesteter (*La Vie des Mots*, Paris, 1950, p. 56) que “os romanos apreciavam o foie gras preparado com figos, **jecur ficatum** em latim e, redutivamente, **ficatum**, palavra que passou a designar não só o fígado em massa de figo, mas ainda o fígado, simplesmente. E eis como as lingues românticas tiraram de um derivado de **ficus** o nome dessa viscera”.

(7) Supõe-se que a **figa** seja uma modificação da figura do **phalus** outrora cultuada pelos egípcios, fenícios e outros povos, passando depois essa prática para a Grécia e Roma. O **phalus** simbolizava a força e a virilidade, e a sua figura, reproduzida em madeira ou outra substância, era usada como amu-

Segundo De Candolle (8), a figueira cresce espontânea ou quase espontaneamente, na extensa região situada entre a Pérsia (Irã), ou talvez Afeganistão, e as ilhas Canárias, chegando o citado autor à conclusão de que fôra a região média e meridional do Mar Mediterrâneo, desde a Síria até as referidas ilhas Canárias, o seu **habitat** pré-histórico. O nome científico de **Ficus Carica** dado por Lineu à figueira comum, prende-se à circunstância de haver Plínio escrito que os figos mais saborosos provinham de Cária, região situada à margem do Mar Egeu.

Na **Gênese** já se encontra referência a essa árvore. Quando Adão e Eva, após haverem comido o fruto proibido, viram que estavam nus, “coseram umas fôlhas de figueira e fizeram para si umas cintas”.

Como a oliveira e a vinha, merecia a figueira especial carinho do povo hebreu. Na Terra da Promissão, encontraria êle figueiras, romãzeiras e oliveiras.

Em várias passagens bíblicas — nos Reis, nos Salmos, nos Cânticos dos Cânticos, em Isaías, Jeremias, Oseas, Joel, Amos, Miquéias, Habacuc, Ageu e Zacarias — onde há referências à vinha, quase sempre vem ela associada à figueira. No Novo Testamento repete-se essa associação.

Abrigar-se à sombra da parreira e da figueira simbolizava o viver tranquilo e seguro. — “E habitavam Juda e Israel, sem temor algum, cada qual debaixo da sua parreira e debaixo da sua figueira, desde Dan até Bersabé, por todo o tempo que Salomão reinou” (9).

Dizia o apóstolo Tiago, em sua epístola, que de uma mesma boca procedem a bênção e a maldição, e não convém que isto aconteça; pois, “acaso... pode uma figueira dar uvas, ou uma videira dar figos?” — O próprio Cristo também havia dito que “cada árvore é conhecida pelo seu fruto; porque nem os homens colhem figos dos espinheiros, nem dos abrolhos vindimam uvas”.

E’ ainda na figueira que S. João, o autor do Apocalipse, vai buscar a comparação da queda das estrélas sobre a Terra, no Dia da Ira: elas cairão “como quando a figueira, sendo agitada de um grande vento, deixa cair os seus figos verdes”.

leto, sob o nome de *fascinum*. O seu uso, não obstante condenado pela Igreja, continuou na Itália, pelo tempo adiante, tomando o amuleto fállico a forma da mão fechada, e propagou-se entre os povos latinos, vendo-se ainda hoje êsse objeto pendurado ao pescoço ou ao pulso das crianças de colo, a fim de preservá-las do mau olhado. — notícia mais particularizada sobre a figa, encontra-se num trabalho do Dr. W. Born — *Feticcio, amuleto e talismã* — publicado em *Actas Ciba*, 8-9, agôsto-setembro, 1944, ps. 168/169. — Ignoramos que relação possa haver entre o figo, ou sua árvore, e o amuleto; mas não deixa de ser interessante saber-se que, segundo Winkelmann, citado por Caminhoá (*Elementos de Botânica Geral e Médica*, vol. III, p. 2.248), o *phalus* que figurava nas festas de Paço Sicilo, “era feito do lenho desta árvore”. — *Antenor Nascentes (Dic. Etim. da Língua Portuguesa, I vol.)*, dando o termo *figa* como provindo de *figo*, alude à explicação que o Larousse dá acerca da expressão. — *fazer figa*. Encontra-se all a história de que havendo os milaneses expulso de sua cidade, numa rebelião, a mulher de Frederico Barbarroxa, montada de costas em uma velha almária, vingou-se o imperador aprisionando-os e obrigando-os, em praça pública, a tirar com os dentes e colocá-lo no mesmo lugar, sem a ajuda das mãos, sob pena de enforcamento, um figo arrumado em certa parte de sua mula, e dizer ao carrasco: *Coca la fica*. Daí, considerarem os milaneses a maior injúria alguém *fazer-lhes uma figa*, ou o gesto da mão fechada com o polegar entre o indicador e o médio. — Segundo O. Block e W. v. Wartburg (*Dict. Etym. de la Langue Française, Paris, 1950*), no francês, *figue* provém do provençal antigo *figa*, lat. popular *fica*, originado de acôrdo com o modelo de muitos nomes de frutas em -a. do lat. clássico *ficus*, fem., ao mesmo tempo “*figuier*” e de onde o *it. fico*, nos dois sentidos. *Faire la figue à quelqu'un* que já se en-“*figue*”, de onde o *it. fico*, nos dois sentidos. *Faire la figue à quelqu'un* que já se encontra em docs. do século XIII, foi tomado do *it. far la fica, le fiche*, que designa propriamente um pesto de irritação, de intensão obscena, etc.

(8) *Origine des Plantes Cultivées, Paris, 1896, p. 235.*

Jesus incluiu a figueira em suas parábolas, como se vê no Evangelho de S. Lucas, 13:6 a 9, e amaldiçoara a figueira sem frutos, que encontrara na estrada que de Betânia seguia para Jerusalém. Segundo a exegese cristã, essa árvore representava a nação judaica, dizendo Daniel-Rops, em **Jesus no seu tempo**, que “a figueira maldita é Israel, hirsuta de observâncias legais, mas estéril de verdadeiros frutos de amor”.

Ao ser Natanael levado por Felipe à presença de Jesus, declarou o Divino Mestre que antes de o haverem chamado, vira-o debaixo da figueira, ficando Natanael, por essa circunstância, convencido de que Jesus era o Messias. Foi também debaixo de uma figueira, no pomar da casa em que residia em Milão, que Agostinho, chorando de amargura e desespêro, ouvira uma voz infantil, que cantava e dizia repetidamente: **Tole, lege! Tole, lege!** Toma e lê! Toma e lê! — Enxugando as lágrimas e obedecendo àquela ordem que parecia vir do alto, Agostinho levanta-se e dirige-se ao local em que se achava Alípio. Ali estavam as Epístolas de S. Paulo. Apanhando, abre-as e lê os versículos (10) em que o seu olhar fôra cair. Intensa luz fizera-se em seu espírito e logo se dissiparam as dúvidas que o atormentavam (11).

Na mitologia grega, Sica ou Siké, uma das Hamadriadas, fôra transformada em figueira por Baco, que tinha o sobrenome de Siceatés ou Sicitó, “o protetor das figueiras”. Na procissão que se efetuava durante a festa dedicada a êsse deus, conduziam-se cestas atestadas de figos que lhe depunham aos pés, a fim de que aplacasse a sua ira e debelasse a peste que assolava a cidade. Aliás, a figueira era a árvore utilizada nas expiações. Siciatios, “que expia”, derivado de **syké**, era o sobrenome de Júpiter. Chamava-se Siceu o titã fulminado e transformado em figueira pelo pai dos deuses. — As Canéforas, virgens consagradas a Minerva, nas festas das Panatenéias, usavam colares de figos secos.

A figueira comum tinha entre os gregos o nome de **figueira de Baco**. Lemos em Caminhoá que o figo era o alimento mais substancial dos gregos, antes de terem conhecido o trigo e outros cereais; e daí, haverem dedicado êsse fruto a várias divindades e terem-no incluído no emblema da cidade de Atenas.

Os romanos conheceram primeiramente a figueira selvagem, a que davam o nome de **caprificus**, cujas folhas serviam de alimento às cabras. Dessa palavra originou-se outra — **caprificatio, enis**, caprificação, processo antigo ainda hoje empregado, que consiste em colocar os frutos, ou inflorescências, ou sicônios, da figueira selvagem sobre os da figueira cultivada, a fim de que esta frutifique mais facilmente.

Segundo a lenda, antes da fundação de Roma existia por aqueles sítios uma figueira dessa espécie, a cuja sombra encontraram Rômulo e Remo, juntamente com a loba que os amamentava. A essa árvore deram o nome de **Ruminatis ficus**, provindo o adjetivo da palavra **ruma, ae, a teta, a mama**.

Só posteriormente ao tempo de Catão, o Antigo, é que a figueira comum teria sido transplantada para a Península, pois de outra forma não se explicaria o gesto do Censor apresentando ao Senado figos frescos procedentes de Cartago, como prova de quão perto de

(9) 3 Reis, 4:25.

(10) Aos Romanos, 13:13 e 14.

(11) Confissões, livro VIII, cap. XII.

Roma ficava a cidade que êle odiava e pedia incessantemente fôsse destruída.

Diz a tradição que Judas, arrependido de haver traído o Divino Mestre, se enforcara numa figueira. Mateus conta-nos apenas que o Iscariote, "depois de lançar as moedas (o preço da traição) no templo, retirou-se e foi-se pendurar de um laço" (12). A lenda, porém, inspirou a Antônio Nobre (13) a belíssima poesia — **Os figos pretos** — da qual transcrevemos a primeira e a última quadra:

"— Verdes figueiras soluçantes nos caminhos!
Vós sois odiadas desde os séculos avós:
Em vossos galhos nunca as aves fazem ninhos,
Os Noivos fogem de se amar ao pé de vós!

.....
— E, assim, ao ver no Outono, uma figueira nua,
Se os figos caem de maduros pelo chão:
Cuido que é a ossada do Traidor, à luz da Lua,
A chorar, a chorar sua alta traição!"

Houve época em que os teólogos procuraram indagar que espécie de árvore seria a "da ciência do bem e do mal", de que fala a **Gênese**. Era crença geral de que fôsse a macieira. Alguém achou mais verossímil se tratasse da figueira, visto Adão e Eva, após o pecado, terem ocultado a sua nudez com fôlhas dessa planta.

A figueira mais conhecida entre nós, depois da comum, é a do gênero **Urostigma**, a que pertence a **figueira brava** ou **mata-pau**, da qual existe no Jardim Oliveira Belo, em Florianópolis, um magnífico exemplar que tem inspirado os nossos poetas. Deu o vulgo a essa espécie e afins a denominação de **mata-pau** por causarem, conforme diz J. S. Decker (14), "a morte das árvores em que crescem inicialmente como simples **epífitas**". Sugeriu êsse vegetal a Monteiro Lobato o conto **O mata-pau**, que vem nos **Urupês**.

Pela sua natureza daninha ou em virtude da lenda de que o Traidor procurara uma figueira para enforcar-se, é a figueira brava tida pela nossa gente simples na conta de árvore amaldiçoada.

Segundo o autor de **The romance of Medicine** (15), há uma antiga superstição de que os figos atraem os maus espíritos, e em certas regiões da Itália perdura a crença de que os espíritos maléficos fizeram das figueiras sua habitação. Diz o mesmo autor que o Talmud aconselhava os filhos de Israel a não passarem à noite por baixo das figueiras, evitando, assim, encontros desagradáveis com os demônios. Já entre os hindus, a **figueira dos pagodes (Ficus religiosa)**, ou **árvore santa**, foi consagrada a Buda, e reina a crença de que Visnu, segundo termo da trindade braamânica, nascera debaixo de uma figueira dessa espécie, sendo-lhes, por isso, defeso cortá-la. Por sua vez, os povos ocidentais incluíram na sua heráldica, como símbolos da paz ou da vida doce e tranquila, a árvore ou o fruto da figueira comum. E nos lares cristãos festejamos o Nascimento de Jesus saboreando figos secos vindos da Espanha e de Portugal...

(12) 27:5.

(13) *Só*, 3a. ed., p. 66.

(14) *Aspectos Biológicos da Flora Brasileira*. S. Leopoldo, R. G. S., 1936, p. 7.

(15) Dr. Benjamin Lee Gordon — *La Novela de la Medicina*, tradução-espanhola, Buenos Aires, 1949, p. 412.

Achegas à Poranduba Catarinense

por Lucas A. Boiteux

NR. — Do farto material folclórico recoihido em nosso Estado pelo devotado catarinense, Sr. Almirante Lucas Alexandre Boiteux, mais uma vez, publicamos algumas partículas do muito que possui e nos entregou.

PASQUINS

AS SARDINHAS (Canasvieiras)

A quatorze de Agosto
Fol uma grande alegria:
Deram um lanço de Sardinha
Na praia da freguezia.

O senhor Antonho Basto
Ficou muito arrependido...
"S'eu soubéra qu'era assim
Do porto não tinha saído..."

"Do porto não tinha saído,
S'eu soubéra qu'era assim...
Pois estava também na rêde
O seu amigo Serafim.

O sr. Faustino do Saco,
No seu cavalo melado,
Chegou no Zé Verissimo
E topou o portão fechado

O Faustino só dizia:
— "Isto são lucros p'ra mim".
Chegou na venda e perguntou:
"Tem sardinha aqui, assim?"

A senhora Teodora
Já com sono não contava;
Era mais de meia noite
E sardinha inda escalava.

O Isidoro lá não foi,
Pois estava de caixeiro,
Mas o Janga carregava
Por baixo do cafeseiro.

O Dedéca naquele dia
Tirou seu pé do lôdo;
Para carregar sardinha
Foi o primeiro de todo.

Quem estava bem contente
Era o Manuel Rafael:
Tinha 300 do Zézinho
E 300 do Faél.

O Sr. Manuel Haro
Foi na rêde do Sardá;
Como não matou sardinha
Foi na outra ajudá...

O Dadá mais o Nélo
Fizeram combinação;
Levaram o balalo da rêde
Com o João do Lesbão.

O nosso amigo Martinho
Tambem estava desmalhando...
Disse para o Jijí:
— "Oh! rapaz, vai carregando!"

Lá no monte de sardinhas
Não se ouvia senão grito...
Tambem levaram seu sacco
A Maria mais o Tito.

O Sr. José Mourição
Tambem deu sua caminhada:
O filho levou no sacco,
Ele levou enfiada...

Assim que a rede enxugou
Botaram a bôca no mundo;
O Martinho só dizia:
— "Não há pelxe como no fundo."

A rede da Ponta das Canas
Velo pescar e foi enxuta;
Levou uma barcada de sardinha
P'ra não voltar devoluta.

O Totó foi o caixeiro
Da sardinha que ficou;
O João Estêvo escolheu
E bem poucas levou.

A mulher do Honoro
Tambem sardinhas levou;
Mas p'ra não dar tanto trabalho
Chegou na Florença e escalou.

Durante o mês de Agosto
Não poudo o povo trabalhar;
Com as mãos todas pisadas
De tanta sardinha escalar.

Tambem estava carregando
O Vida do Zé Veríssimo...
— "Disso sai algum pasquim,
Mas não me importo com isso..."

O Manuel e o Clodino diziam:
"Estamos no fim do mundo,
Pois a sardinha era tanta
Que botou a rede no fundo

O Sr. João Rufino
Está muito farto agora;
Dizia para o menino:
— "Ah! Zéca, bota isto fóra!"

Pois a sardinha foi muita,
Não deu p'ra fazer dinheiro;
Quem levou por quatro vezes
Foi o Antonho Timbezeiro.

O Faustino quando chegou
Na praia do Zé Maria,
Perguntou se era corvina
Que um bocado comprar queria

O Sr. Dóca de Abreu
Da praia era o dizimeiro:
Para trazer sua sardinha
Deixou o povo sair primeiro.

A senhora Maria Carlota
Também veio cá buscar;
E o Sr. Chico Martins
Trouxe o carro p'ra levar.

NAUFRÁGIO DO BARCO "SINGULAR" (Canasvieiras)

Seu João Nunes veio à praia
De manhansinha muito cedo;
Viú um barco a naufragar
Na ponta do Azevêdo...

De manhã muito cedo,
O Sol inda não saía,
A' porta do Zé Vicente
João Narciso batia.

João Narciso a bater?...
(Isto é grande novidade!)
Agora, pergunto eu:
— "Zé Vicente, vamos à cidade?"

P'ra nós irmos à cidade
Isto ainda é muito cedo...
Vamos pedir a canôa
Ao seu Domingó Azevedo.

O seu Mané Colodino,
Este veio disparado;
Pensou que a carga do Narciso
Fôsse algum taboado.

O seu Mané André
Também á prala correu...
O João do Anacleto
Sacas de trigo roeu.

Este João Anacleto
Não tem vergonha comsigo;
Pois ao seu Mané Americo
Pediú farinha de trigo.

O sr. José Maria
Ia p'ra rede malhar;
Ao vêr o barco naufragado:
"Oh! rapazes, bamos ajudar"

"Rapazes, bamos ajudar...
Isto deve ser um beneficio...
No convéz vejo assentado
O nosso amigo Moricio.

O rs. Francisco Marinho,
Um homem de opinião,
Assim que embarcou no barco
Foi comendo camarão...

O Dóca do Mané Constancio
Póz-se na praia a pular;
Segurou numa adriça
E caiu de pernas p'ro ar...

O Lotério, de carreira,
Disse que era um castigo...
Nessa prala nunca vira
Tanta farinha de trigo.

O Martinho do Mestre disse:
— "Isto não está bom, não..."
"Nunca mais posso vender
Da minha venda o sabão..."

O seu Quinca Rafael
Chegou à janela e olhou;
Viú o barco naufragado:
— "Oh! meu Deus, eu tambem vou!"

O sr. Jóca Pinheiro
Chegou por derradelo...
Só quem ficou em casa
Foi o Miguel sapateiro.

O Zéca do Zé Vicente
P'ra jantar foi convidado;
O coitado do Zezú
Quais morreu encarangado.

O sr. João Bianco
Por ser homem muito mau,
O filho ganhou uma caixa
E ele um pedaço de pau.

Os foguetes que aticavam
Estralavam que nem pipóca,
O João e o Guilherme
A bordo dansaram polca.

Os senhores não desconfiam
Que isto vem de ano em ano?
Caiu n'agua e se molhou
O nosso amigo Luciano.

Os senhores não desconfiam
Que isto foi brincadeira...
Foi o barco "Singular"
Que naufragou em Canasvieira

OS SIRÍS DE TRÁS-DO-MORRO (Lagôa)

Devem lêr com atenção
Os versos deste pesquim,
São um pouco divertidos
Do princípio até o fim.

Amigos, vamos falar
Em que chegou o Sirí,
A 1200 a duzia,
Coisa qu'eu nunca vi.

O povo de Trás-do-Morro
E o de Tacurubí
Se continuar assim
Acaba com o Sirí...

Isto é um desafôro,
Que não devia ser:
Passar a ser negocio,
Apanhar para vender.

Até o Manoel João,
Aquele cara de fome,
Com seus olhos pelados
Parecia um lambishome

Já na ponte da Lagóa,
Os siris que apanhou,
Vendeu à pata a duzla
E p'ra casa não levou.

Queimou o chapéu de botiá
(Contudo não lhe fez dano);
Com o dinheiro dos siris
Comprou agora um de pano.

O povo de Trás-do-Morro
Não se farta de ser leiteiro;
Agora também é
Enganado siriseiro...

O povo de Trás-do-Morro
Anda todo disparado;
Com o dinheiro dos siris
Té faz casa de sobrado.

O café e a farinha
Não dão tanto resultado
Como os siris estão dando
Aqui dentro do Estado.

Estão vendendo seguido
A tres vintens cada siria;
Com efeito!... E' roubar...
Cruzes, Credo, Ave-Maria!

Até o Manuel Vieira,
Professor de Tacurubi,
Já abandonou a escola,
Meteu-se a apanhar sirí.

Agora, como são férias,
Por ora tudo vai bem;
Ganha o seu ordenado
E negoceleia também.

Senhor José Alexandre
E' homem que briga à tóa;
Cuidado não vá brigar
Com os siris da Lagóa.

O Senhor Manuel Alexandre
Para lá foi disparado;
Roubaram-lhe o cavalo
E foi p'ra casa ensilhado.

Pois o rapaz da Merencia
Levou uma grande esfrega,
Por que os siris lhe cortaram
A corda de sua égua.

Uma noite e um dia
Levou ele a procurar;
Já tinha cntristecido
E disparado a chorar.

Eles deviam cortar
Era o rabo não a corda:
Para que todos dissessem:
"Olha a eguinha da moda".

O sr. Joaquim Poluceno,
Com o se unariz cambado,
Deve ter muito cuidado,
Não vá morrer afogado.

O sapo de Trás-do-Morro
Eû como sirí da Lagóa;
Como é bicho espantado
Mete-se logo na tabôa.

O sr. João Ozébio
Deve ter muito cuidado,
Não vá pegar algum sapo
E ficar muito assustado,

Como lhe aconteceu
Com um sapo que pegou;
Botou dentro do balalo
E o sapo ali ficou.

Depois um sirí o pegou
E o sapo deu em gritar;
Andava o João Ozébio
Em redor a precurar.

Era dentro do balalo
Que o pobre sapo gritava...
Aquele burro não via
Com a pressa que andava

Aqui de Tacurubi
Foi o que vi passar;
Não sei se foi mais algum
Para a ponte variar.

O sr. Marcos Elias
E' um polaco danado.
No heril (1) das arelas
Pegou um sirí a nado.

(1) Veril, limite exterior de arrecifes,
arelas, etc.

O sr. José Cardósa
Não se lembra do passado;
No beril das areias
Ia morrendo afogado.

De cabeça para baixo
Lá ia como um danado;
Se outros não acudissem
Ele lá tinha ficado.

Foi o seu Manuel Luis
Na ponte tarrafiar;
E o Juca tambem foi
Para os siris ajuntar.

O Venceslau da Camila,
De ceroula e de colete,
Com o boné na cabeça
Parecia Nique Foguete (?)

O Venceslau da Camila
De boné e de colete,
Parecia um polaco
Mandado por um Cadete.

O Cadete era o Juca,
O causante do barulho;
Mandava o polaco pegar
Nem que fosse de mergulho

O sr. Manuel Florenço
Não tira a forquilha d'agua;
Nem as sirias escapam
Daquele grande mão larga.

O seu Manuel Florenço
Dizem estar criminoso;
Porque brigou com o Juca
E fez um samba perigoso.

Pela invejão que ha
Eu já estava admirado
Ajuntar-se tanto povo
E ainda não ter brigado.

Dizem até que já brigaram,
Me disseram, eu não vi,
Só pela grande invejão
Da pescaria do siri.

Se o siri não se acabar,
Que vá havendo seguido,
Ha de haver muita pancada
E muito homem ferido.

O sr. Antonio Isabel,
Pela fama que corria,
Também foi lá á Lagôa
Encomodar as sirias.

Também lá apareceu
O nosso amigo Crispim;
Não podendo apanhar siri
Virou-se a comer capim.

O sr. Alexandre Ourives,
Também com sua tarrafa,
Não val lá muito a miudo
Que isto é uma grande estafa.

O Donato mais o Ourives,
Com o balão bem cheinho,
Amanheceram na ponte
Como o gambá no caminho.

Pois o Donato e o Ourives
Bem podiam se mudar
P'ra freguezia da Lagôa
E poder negociar.

O Manuel Albino Terra
É filho de meia lingua;
Ele ainda não sabia
Que havia Siri catinga.

O Manuel Albino Terra
Está em lugar do Lorena (2);
Já mandou pegar em armas
Sua força mais pequena.

O nosso amigo Ismael,
Comandante superior,
É que leva o armamento
Para bordo do vapor.

Na casa do Ismael
Eu vi muitos no varal,
Quasi todos siris machos
E sirias de casal...

Pois o senhor Ismael
Este é o mais enganado;
Não ha siri que lhe chegue
Para vender no mercado.

Também foi lá á Lagôa
O sr. José Maria;
Velo de lá torcendo linha
Com a barriga vastia.

(2) Capm. de Mar e Guerra Frederico
Guilherme de Lorena, presidente do Go-
vêrno provisório federalista.

O filho do João Machado,
Mela língua, trapalhão,
Lá na ponte da Lagôa
Atirou-se no fundão.

O sr. Joaquim Machado
Também foi experimentar
Se o ganho dos siris
Daria para lucrar.

Junto com seu irmão
Interessava o negócio:
Um matava, o outro vendia,
Era o amo e mais o sócio.

O nosso amigo Anastacio
Tem o posto de barbelro,
Botou-se a apanhar siris
Que lhe dava mais dinheiro.

A mulher ficou em casa
E passou só com o cheiro,
Por que êle é um cigano
Que não pôde vêr dinheiro.

Pois até o Innocencio,
Aquele barba barrosa,
Também foi lá p'ra ponte
Tarrafiar todo prosa.

O sr. Miguel Silva
E o Joaquim Laurentino,
Um atrás, outro adiante
Pareciam dois toca-sino.

O crioulo José Martins,
Morador lá no sertão,
Apanhou sete sirlas
E vendeu por cinco tostão.

O sr. João Sebastião
Também é outro godêro,
Com a tarrafa nas costas
Parecia um quero-quero.

O sr. Chico Clemente,
Este é outro esganado,
Para apanhar um siri
Quasi se botou a nado.

Também lá apareceu
O sr. João Bernardo;
Não devia de lá ir
Sendo ele um soldado.

O Luis Cordeiro, Gambá,
Quando chegou lá no morro,
Olho atrás, olho adiante
Com medo d'algum cachorro.

O sr. João Matias,
Mais pequeno gambásinho,
Não sabe apanhar siris...
Tenho pena, coitadinho!

Também foi lá na Lagôa
Seu Alexandre Anestinho,
Com a força e o balaio
Apanhar um sirisinho.

O sr. Jacinto Cardoso,
Morador na freguezia,
Ainda não se enfarou
De comer ova de siria.

O sr. Jacinto Cardoso,
Me disseram, eu não vi,
Não falh adia nenhum
Que não vá pescar siri.

O Paulino da Caleira
Andava lá disparado,
Com a sua pirlaquita
Parecia um esganado.

Pois até o Joaquinzinho
É uma autoridade;
É Inspetor dos siris
Por sua livre vontade.

Por ser ele inspetor
É que ficou obrigado
A apresentar uma lista
Dos siris que são casados.

O emprego do Joaquim
O diabo que o queira:
É preciso que não durma
E ande sempre de carreira.

Amaro, Nelson e Pinheiro,
Antônio Teixeira e Martinho,
Me consta que também foram
Na ponte fazer bagrinho.

Amaro, Nelson, Pinheiro
E também o João Correia
Com esta revolução
Que parece um batalhão.

O povo de Trás-do-Mórro
Anda apanhando siri
P'ra fazer um batalhão
Para apresentar por si.

Até os pobres siris
Vão passar a ser soldados
Para defender a Pátria
Em lugar dos esganados.

Até os pobres dos siris
Já não vem ao pé da terra
Quando o batalhão se forma
Como quem faz fogo em guerra

O povo da freguezia
E' povo acovardado,
Já deixou os Polacos
Lhe tomarem o Estado.

Eles deram em escrever
Para o sr. Pedro Telxeira,
Que viesse com sua rede
P'ra cercar a marisqueira.

O nosso amigo Venceslau
Do dinheiro que já fez
Já gastou todo no jogo,
Esta pobre de uma vez.

O Venceslau da Camilla
Ao Presidente do Estado,
No dia nove do mês
Apresentou-se fardado.

Pois carregou um cavallo
Somente de armamento;
Na fortaleza da Barra
Vai fazer destacamento.

O nosso amigo Deluvino,
Comandante da esquadra,
Que tome sentido, não volte
Com a cabeça quebrada.

O povo de Trás-do-Mórro,
Em cima do paredão,
Fórma de tal maneira
Andavam de mala cheia.

As forquilhas dos Polacos
Não são capaz de quebrar;
Já são feitas de proposito
Para nunca se acabar.

Quatro pregos em um pau,
Pregados com segurança,
Pareciam os Rio-grandense
Cada um com sua lança.

Se o povo da freguezia
Levasse de prevenção,
Já tinha feito acabar
Com esta vadiação.

Pois até de Santo Antonio
Vi passar dois mandrião,
Que tambem eram devotos
Da mesma vadiação.

No dia sete de Dezembro
Lá na ponte da Lagôa,
Logo depois do meio dia
Contel 80 pessoas.

Mas agora é principio,
Por que nunca se constou
Do siri chegar ao preço
Que nesta era chegou.

O povo de Trás-do-Mórro
Como já está enfarado.
De comer siris frescos
Já tem porção escalado.

O povo de Trás-do-Mórro
Devia imaginar
Da miseria que ha de haver
Quando o siri se acabar..

O povo da freguezia
Já vive desconsolado
Por não comer mais siri
E lhe tomarem o Estado.

Pois vão fazer uma lista
E a seguinte declaração
Com a idade e a familia
E tambem a profissão.

Como agora ha siris
Eles têm muita fartura;
De repente a luz se apaga
E hão de ficar à escura.

Desprezaram a lavoura,
Já não cuidam em trabalhar;
Amanhecem e anoitecem
Na ponte a tarrafiar.

Quando chega este tempo
Não se vê senão passar
O povo de toda banda
Para a ponte a vadiar.

Ainda hontem ouvi dizer,
Não sei se isto é verdade,
Hoje ha muita mentira
Mas eu corto pela metade.

Eu faço uma idéia
Dos fachos que têm passado;
Mais de 700 ripas
Já êies têm queimado.

As casas de Trás-do-Morro,
Que tem paredes de ripas,
Ainda havemos de vêr
Tapadas de tiriricas.

O negocio do siri
E' uma vadiação;
Até mulheres têm ido
Para a mesma procissão.

As mulheres do Pantanal
(Não falo com todas, não).
Somente com aquelas que foram
Lá para a vadiação.

As mulheres do Pantanal,
Não têm agulha nem fuso,
Foram lá para a Lagôa
Comêr miolo de buso.

Depois que anoiteceu,
Em casa da Policarpa
Ferrou-se um farué
Que té espantou a vaca.

Cerrou-se um baile sem cota.
Um pagode sem viola,
Dansaram chotes e valsas
A toque de castanhola.

Se eu fôsse convidado
Tambem eu lá tinha ido
Com uma buzina na boca
Tocar um chote corrido.

Como não fui convidado
Não quis ser oferecido;
Perdi um grande pagode,
Hoje estou arrependido.

Este ano na Lagôa
Vale a pena a gente ir,
Quem não apanha siri
Ao menos consola-se a rir.

No dia que eu fui lá
Tambem não foi brincadeira.
Pois uma sirla mordeu
O sr. Antonio Silveira.

Pegou-lhe ela na barriga,
Não sei como não furou;
Já estava bem apertado
Quando a sirla o deixou.

Teve grande prejuizo
O filho do João Silveira;
Queimou a roupa que tinha
Guardada na capueira.

Camisa, calça e ceroula
E uma faca com bainha...
De certo tambem queimou
Alguma pulga que tinha.

Pegou fogo no Bilé
Em uma manga de camisa;
Os outros logo disseram:
"Deixa queimar o lambiza.

Se eu conhesse bem
O povo da freguezia,
Dos casos que tem passado
Ainda mais eu contaria.

Por aqui vou acabar
O final do pesquim;
Um versinho puxa outro,
Isto nunca mais tem fim.

O final do pesquim
Em uma cantiga se encerra:
Quem notou foi a Vicencia,
Quem esceveu, o Albino Terra

- FIM -

NOTA: — Este pasquim foi com-
por Manuel José de Borba, natural
Lagôa, em 1893-94. Já é falecido.
Copiei-o em 1915.

O Tupí nos Locativos Catarinenses

Victor B. Caminha

Entre a Geografia, o Folclore e a Linguística ficamos ao entrar nêstes assuntos. Sem pretensões de opiniões categóricas, tentemos uma digressão assimiladora e incentivadora.

A imensidade de nomes sob interrogação quanto aos significados no solo brasileiro, devia ser encarada sob propósitos firmes de instituição. Não é êste um caso para largas objetividades pessoais. A obra mestra ou pelo menos básica de Theodoro Sampaio, lastimavelmente sem reedições, está também aguardando retificações e as homolações; ademais é a referida de uma limitação notória. Mas reafirmemos: é um marco meritório. Esforços paralelos não puderam, por vários motivos, chegar a maiores reflexos para atender aperfeiçoamentos nas deficiências. É como o caso de vocabulários de brasileirismos em que o que se almejava está longe das realizações ainda que estas estão se mostrando mais promissôras. O folclorismo nesta ultima parte terá grande proveito já que em exemplo notamos, há dias, cêrca de 150 verbetes dos grifos de Arthur Ramos no texto de "O Negro Brasileiro" que não estão inclusos em dicionário nosso de nomeada. E só por acaso constata-se estas ausências de arrolamentos porquanto em dicionários não é costume citar bibliografias desviando, assim, prováveis verficações e até colaborações.

Em matéria de topônimos onde consultar ou como suprir o que é esparso, esgotado, e muito atrapalhado. Encontramos procelas, hipóteses, contestações bruscas, redundâncias, faltando a unidade construtiva em progressão crescente. A fraca estrutura de etimologias compromete muito os entusiasmos e as consultas sob vários intéresses. Fora dos etimos há as precariedades de significados normais, das vernaculizações, assim seja visto nos livros de botânica de Paul Le Coïnte, mal aproveitados aos nomes populares.

Para divulgação, em parte fundamentado sobre estudos acreditados, merecendo o assunto maior extensão de vistas faremos uma resenhha dos nomes geográficos mais ressaltantes no Estado de Santa Catarina, filiados à proveniência indígena, na maioria do Tupí-Guaraní. Faltando retrospecto desta natureza parece ser de bom objetivo como já tivemos ocasião de ver quanto ao Rio Grande do Sul e Pernambuco, de maneira prática. Detalhes posteriores sempre seriam recomendáveis. Simplificamos mesmo, quando menos necessários os pormenores semânticos. Apesar do campo de eventuais contradições, com equívocos até dos altamente versados, o folclorismo elementar faria valiosas colaborações insistindo nas ajudas às elucidações dos enigmas ou obscuridades que no correr do tempo maiores problemas ficariam lembrados, contudo, que as deturpações dos vocábulos indígenas foram criadas pela desorientação natural dos colonizadores, mesmo nas documentações oficiais: Há casos em que as primeiras aparências dão falsas presunções de significado: seja **Caverá** que seria tomado como erro tipográfico por **Caveiras**, **Garçaba** que poderia parecer algo de **roupas**, **Caxambú** que para muitos está ligado do a tambor ou a dança africana e nós admitimos ser correlativo à água jorrante no mato; **Moleques** é uma incógnita a respeito de muitos arrefices com este nome no Brasil e viria para muitos, de puro africanismo (mas porque — moleque — no mar?) mas fica-se a pensar si não provem, digamos, de **murú** (molhado) + **iké**, **aique** (o que entra, etc.)?

Enfim charadas originais podem nascer nêstes assuntos e talvez apresentamos algumas solucionando-as

Assim dos solo catarinense não são das mais intrincadas exceto algumas nas dificuldades da exótica linguagem Caingang; de outros Estados há na toponímia surpresas e mistérios de desorientar, assim: São Sepé (Rio Grande do Sul), Bertioaga (São Paulo), vd. estudos de A. Neiva; Simão de Tiba (nome julgado ser deturpação de sernambitiba); Baependi (Minas: com cerca de dez interpretações). Marañon e Maranhão (vd. João Ribeiro e cujo significado parece ser: mar que corre). Cuiabá (que não convence como homem da **cuia**, mas, talvez, como homem da raça?), etc. etc.

ILHAS — **Saf** ou **Sahy**. Refere-se a certos macacos e também aves. Etimo (tradução): eca-i — olhos pequenos. **Itacolumi**. Nos dicionários vê-se: Itacurumbí (vd. Itacuruba) — lugar cheio de pedregulhos e seixos miúdos; mais: Itacurua (vd. Tacurua e ainda Tacuruba, Tacuru, etc., no significado de uma trêmpe de pedras, etc.).

A tradução (etimo) consagrada no topônimo é pedra criança (ita-curumi) pois é normal aparecer uma junto da outra em desigualdade de tamanho. Em Minas Gerais o lugar (montanha) **Itacolumito**, que é grafia correlata, firmou-se na expressão de minério típico do local, largamente estudado (um arenito). Não há necessidade de ir às explicações sobre tacuru, etc. **Araras**. Arara é frequentativo de ara (alt. de guira — ave); ara+ara é o pássaro grande (ou ará), que possivelmente significaria pássaro (ara) gente (aba) pelo modo de falar.

Paraná (ou paranã) o mar que corre.

A expressão, ás vezes, se contrae (ex.: Paraopeba, etc. ou altera-se como em Pernambuco). Pará, talvez, venha de pá-ara — onde acaba o mundo onde estamos. Igual a Paranã confronte-se: Marañã (donde Maranhão, sem duvida).

PONTAS — **Itapocoroí**: curuí — esmigalhado, desfeito em peda-

ções; ita-pú, no dito caso, seria melhor considerar como lingua de pedra ita-pecô) ainda que pú — saltado (puc), também, explicaria. Vem ao caso comentar que o curuí — esmigalhado, também, pode ser pôsto em consideração para o minério itacolumito, já argumentado. **Taquara** (s) referente a uma gramínea — bambú —. O dicionário indica também juruva, alusivo, portanto, ainda, a uma ave (qual o conceito?). A tradução apresentada por Theodoro Sampaio (ta-coara) — haste furada. **Garopaba** (Theodoro Sampaio): de igara-paba — porto (Stradelli menciona para a Amazônia — yarapána na equivalência à Igarapaba. Admitamos i+yara — igara (canôa) e uera (frequentativo que para a canôa é, como dizemos, de carroça x carroçável; franqueado as canôas. É de confrontar igarapé-paua — o fim do igarapé. **Imbituba** (ibituba), de ibi+tuba ou tiba. Significa muita terra (areia seria ibicuí); nos dicionários do vernáculo: embituba, imbetuba — praias altas. **Gy** — machado (também: ngi, ndgi, ndyi. Não confundir com gya (gihi) — sapo-gia). Pressuposta que itají — machado ou gigoara, tenha se contraído. O segundo verbete é correlato ao yuy-uara (Stradelli) — o que procede da terra; naturalmente pela coleta para as utilidades. **Sambaquís** (ou: tambaquí, no plural). Conforme Theodoro Sampaio — o montículo de ostras (e os vocábulos persistem no vernáculo). A considerar tembê = beijo; tambá é o que tem beizola, bordas (ostra, também, no tupí) acrescente iniaky — secado (Stradelli). **Cacupé**. Vejamos: caá (mato, folha), cupé — espinhaço, costas. Si cupeara (que deu copiar, etc.), em (Stradelli), está como alpendre dos fundos de casa, somos dados a considerar — cupé — detrás, para o significado de cacupé — atrás da mata.

MONTANHAS E MORROS — Capivara (s) o que come capim (Capim, a folha miuda). Animal que ficou no vernáculo. **Tamanduá** (no vernáculo: é um animal. Ti+mundaua — lingua furtadora. A tradução de Theodoro Sampaio não parece incidente. **Tacanica** sugerível: tacanha, sacanha — galho. Ikê — furo, entrada, lado. **Catinga**. No caso é da vernaculização, sem duvida de: mato clareado (caá+tinga); o homófono de mau cheiro deve ser africanismo. Aquê — primeiro verbete tem alusão á florestas de árvores enfezadas (deve de preferência ser grafado caatinga, ainda que vemos — catingal — sem dupla vogal, **Ierim**. Não é de fácil elucidação, talvez seja palavra dos cainguangues ou carnes (na significação de cabeça?); mas poderia ser uma alteração de tupí. digamos: i-cury — águas a miude, ou i-curui — pinheiro do rio ou, rio do silêncio (i-kiri). **Taió**; de algum dialeto em que vale ió por agua; a menos que seja igual a casa de formiga. Ou seria de taiá-oba — coberturas de taiá (úteis em lugares de embarcar mercadorias)?

RIOS — Iguacú — rio grande. **Uruguai** é, em geral, mencionado como rio dos caracóis (no Norte uruaí — caracol, naturalmente em diminutivo e uruaí é certo caramujo referido em Stradelli).

Chapecó — é uma palavra que deve ser dialetal, não do Tupí-Guarani. **Peperí-guaçú** (nos dicionários hoje vemos ser pipiri certo vegetal, mas, parecendo ser diverso de pipiri; guaçú — grande (ou: uaçú, açú); sem duvida atinente a uma classe de planta ou aonde está em grandes dimensões. **Itapocú** — pedra alongada; pôde-se admitir um y ou ú — rio no final. **Itajai-açú** (vide adiante em Itajai e sendo açú — grande). **Biguaçú**. Biguá hoje é um pássaro (ou miuá no Norte), admitindo-se o significado — étimo — o que é do fundo, pois, é mergulhador. A idéia de pés redondos não é cabível, nem pelos desdobramentos). **Maruí** em certos casos ouve-se (Imaruí):

i (rio) — maroim (vernaculizado êste — mosquito), rio do mosquito. Maroim é também chamado muruim. **Araranguá:** baixada (estendal d'águas) das araras. **Mampituba** (no registro de Theodoro Sampaio: brejal das cobras (mbai-ipaua-tiba: muitas lagoas de cobras).

LAGOAS — Caverá — folha brilhante (caa-beraba), conforme Theodoro Sampaio que diz ser mate de inferior qualidade, faltando, entretanto, confirmações em dicionários daquêle verbete.

Jaguaruna tem o significado (etimo) o jaguar prêto ou escuro; indígenas também andaram chamando de jaguára (assim, hoje, se diz no Rio Grande do Sul) a cachorros; onça pintada ou, também, chamada prêta, são denominações de hoje, bem comuns.

Ibiraquara. Ibira, mira, etc. (yby-ra — nasce do chão) é a madeira, páus, árvores, e quara — buraco; assim, na substantivação temos: buraco da madeira. **Saguaçu:** saguá aparece como peixe, em dicionários; guaçu — grande; mas, nota-se, também, sauacu que é confinante homófono, no significado de certo macaco. Não seria estranhável ser decorrente de adulterações quanto às cousas do solo. **Uruçanga:** admitido geralmente com razões ser de u ou y (água) + roçanga (frescura). Mesmo em Stradelli vemos para fresco: irusanga; o i primário pôde designativo supletivo ou substantivante. **Imbaú.** É interessante que tal nome possa ser na serra de Minas: Baú (alemão, ?) dando-se improvisações comparativas, apesar do feitiço que se compara. Muitas conjeturas podem ser feitas do verbete, a menos que se constatem grafias históricas. Por ser relativo à águas poderíamos admitir mbaú + hú (águas das comidas). **Imaruf.** Com referência provável às águas, o sufixo —i = rio, digamos, inicialmente —mbarú poderia ser (segundo B. Castro) perfumoso, o que não se identifica claro em buscas no dicionário de Stradelli. Acho conveniente, nêstes casos, os livros de Guaraní (recomendamos Guasch) com as estruturações linguais bem paralelas. Poderia ser, também, de imirá (árvore) + y (rio, águas); é de lembrar que maruim (hoje continúa aplicado a certos mosquitos) pode identificar a tradução. **Massiambú.** Propendo, scb possíveis confirmações, a admitir a interpretação: mací (de mo + acy ou mbaci = doente) e ipú = nascente d'água. **Jacaré.** Afastando-se da imprecisão de Theodoro Sampaio admite-se: aca (carnes, protuberâncias) + ré por ariré (seguidamente, continuado).

CIDADES — Itajá. Entre as apreciações de Theodoro Sampaio é mais justificável a suposição de: taiá (ou tajá, um vegetal) + y (rio). **Tijuca (s)** = lamaçal ou tijuco (no vernáculo, da interpretação: água apodrecida, seja ty + iuca). **Coritibanos** (híbrido o vocábulo) = os que são de Curitiba. Curi = pinheiro; n = étimo correlativo a cor ou a continuidades de árvores? Até em Stradelli está o vocábulo, apesar da região ser ao Norte quanto ao Nheengatú. Alvítro, contudo, pela minha opinião, vir de curú=rugoso e tiba=muito (devido ao caule). **Camboriú.** Admissível digamos: caá+ibi+hú (ou y) = rio das areias do mato. Nas reflexões sôbre o local ou talvez: rio dos camorins (robalos); as homologações como estas terminariam com interrogativas sem conta. **Caverá** de caá+uera (antiga mata)? impressão do significado de folha reluzente não é aceitável como alguns mencionam (caá = mata, mas, em Stradelli, realmente indica folha).

NOTA FINAL — Que outros, sem receio dos preconceitos, ademais em assuntos tão oscilantes, deixem de aceitar opiniões mantidas como irredutíveis, procurando-se a verdade dentro de elementos convergentes ou ocasionais. O Estado de Santa Catarina, ainda, contém, para estudo, muitas designações locativas do tupí e outras línguas indígenas a serem explicadas e confirmadas.

Têrço para São Gonçalo

NORBERTO DE SOUZA

“Têrço para São Gonçalo”, é um ato religioso que é procedido por devotos do dito Santo, em ação de graças e adoração. Essa intenção religiosa só é encontrada no norte do Estado de Santa Catarina, isto é, somente nos municípios de São Francisco do Sul e Araquari. Haja visto que nas sedes dos municípios não é usado êsse passo religioso. O “têrço para São Gonçalo” tem boa aceitação nas zonas rurais e litorânea, onde imperam grandes agrupamentos do nosso caboclo.

São Gonçalo é um Santo que tem mais ou menos 25 centímetros de altura. E' no outono, às noites de sábado, que os fiéis acham época mais propícia para fazerem o dito têrço. Às vêzes, raramente, fazem em outra época — o que êles chamam de “têrço temporão”: quando morre alguém que deixou promessa de têrço a pagar.

Para consumação do ato, é organizado o seguinte: Na casa onde é realizado o têrço em aprêço, são removidos os móveis da sala da referida residência, ficando como mais usual um ou dois bancos menores para o tocador de viola ou tocadores. Em um canto da sala é improvisado um altar para o aludido Santo. O altar é ornamentado com flores, colocadas em rústicos vasos, velas acesas e uma toalha bordada à moda da região.

Durante o têrço não há rezas. Há uma espécie de dança que é procedida pelos fiéis na ocasião de começar o culto ao dito Santo. Para a realização de tão apreciada dança, só podem dançar duas pessoas do mesmo sexo, maiores de sete anos. Os fiéis são de ambos os sexos. A dança é ritmada com os braços para o ar, estalando os dedos,

ao som da viola e do cantar o violeiro, arrastando os pés, num vai-e-vem, até junto do altar. Em um desses vai-e-vem, os convivas oferecem ao santo sua oferta em dinheiro. Os danzadores, com todo o respeito e reverência, em uma das vêzes, beijam o Santo.

Os versos em louvor a São Gonçalo são improvisados pelo tocador da viola, que num rasgo de saudação, entre outros versos, canta assim:

Vos qui sôs
Bom premessero,
São Gonçalo está escuitando.
Ora viva São Gonçalo!

São Gonçalo
E' bom Santo,
Casamenteiro das véias.
Ora viva São Gonçalo!

São Gonçalo
Fêz um barco
Da raiz do aipí.
Ora viva São Gonçalo!

A última linha de cada verso é repetida duas vêzes.

No comêço de cada verso que dá início ao têrço, é feita uma saudação ao autor da promessa, quando êste se encontra presente. Há casos em que o autor da promessa é morto, e são os parentes que procuram saldar aquela dívida que êle deixou quando em vida. O dono da promessa (**premissa**, como dizem êles), o promotor do têrço (dono), é o primeiro que sai a dansar. De maneira nenhuma alguém lhe pode preterir a vez.

E nesse ritmo de dança e canto, o têrço se prolonga até o amanhecer. Os convidados são brindados com cachaça e **queimada** (cachaça com açúcar e um vegetal ralado, que tem uma raiz branca quase cremeada, planta rasteira, a que êles dão o nome de **gejive**). Tôda essa mistura é levada ao fogo, fervida e bebida pelos presentes. Além dessa bebida, é oferecido café com muita bolacha.

Há certas ocasiões em que resolvem fazer contra-dansa. Contra-dansa é desfazer aquêlo ato religioso, retirando o altar e o Santo da sala, para em seguida começar uma espécie de baile à meia noite, que êles chamam de chamarrita. Podem, então, dansar juntos indivíduos de sexos opostos, isto é, como em outros bailes comuns.

Crêndices e superstições na Ilha de Santa Catarina

Olímpio Ferreira

O nosso Povo, humilde e ordeiro, acredita que, se numa noite escura se disser “noite escura”, uma voz responderá — “Escura escura tua alma!”. Deve-se, sim, dizer: “noite turna”.

Assim, também, uma parturiente, para abreviar o tempo do parto, deve pôr em sua cabeça um chapéu do espôso, soprar numa garrafa e encher a mão direita de sal, ao mesmo tempo que a parteira sopra em outra garrafa.

E se uma criança nascer sufocada a parteira e outras pessoas de casa devem bater, com uma colher, no fundo de um prato de alumínio ou de esmalte.

Acreditam, ainda, que, ao escurecer, se olhar para trás, se pode levar um tapa de uma mão invisível...

Crêem, também, que uma avó, vestida de Nossa Senhora, batizar o seu neto, êste será felicíssimo e, no futuro, advinhará tudo.

Dizem que se se enterrar um beija-flôr (cutílo) morto, num forno de feiço, depois se tirar os ossos, torná-los a pó e, por fim, colocá-lo numa flôr bem cheirosa e entregá-la a uma moça e ela sentir o odor, ficará perdidamente apaixonada por quem tiver feito o “serviço”.

É corrente, ainda, que, se uma pessoa se encostar numa porta e voltar o Credo de trás para frente, a porta se abrirá repentinamente.

Também, assinalamos no nosso populário que, para, se retirar

um corpo estranho de uma vista, basta erguer a pálpebra e dizer três vêzes: “— Erguero, erguero, vai prô teu polêro!”.

E, para acalmar a chuva, diz-se, também, três vêzes: “— Santa Clara clarear, Santo Estevão estiar!”. Ou quando estiver chovendo demais o mais moço da casa deve fazer uma cruz de cinza no quintal para que a chuva estie.

São, também, crendices comuns:

— Comichão no ouvido é sinal de chuva.

— Fazer buraco no quintal é morte fatal.

— Para uma visita retirar-se mais cêdo, colocar uma vassoura virada atrás da porta e sal no fogo.

— Quem cruza as mãos sôbre a cabeça agoura a morte da mãe.

— Sonhar com ovos é mexerico que vem aí.

— Se uma pessoa roubar um ovo do ninho terá de penar tanto tempo quantas penas tenha a galinha.

— Se uma pessoa corta o pé e um cachorro lamber o sangue a pessoa ficará maluca.

— Se salvarmos um sapo da bôca de uma cobra, teremos salvação.

— A pessoa que matar um gato tem sete anos de atrazo na vida, porque o gato tem sete fôlegos.

— Grilo cantando na sala é visita, no quarto é morte, na cozinha é sinal de miséria.

— Se cair um garfo no chão é visita de homem, se cair uma colher é visita de mulher.

E, finalmente, sôbre animais, diz o nosso Povo que o gato é amaldiçoado porque quando Nossa Senhora pediu um copo d'água êle não deu. E o cachorro é bendito, pois, lavou o copo e levou-o cheio de água bem clara.

Correspondência amorosa no interior

Constantino Medeiros

Não deixa de merecer um particular interêsse aos estudiosos das tradições do nosso povo o interessante estilo tradicional com o qual são escritas as cartas amorosas. E as etiquêtas observadas.

O papel usado é o papel "China", (de cores, em geral, rosa ou azul), geralmente denominado papel de "raminhos", por ser geralmente encimado por ramos ou bouquês de flores. E' considerada inobservância de etiquêta e desconsideração ao namorado ou namorada, escrever cartas em papel comum. A carta pròpriamente dita, escrita em prosa, sempre é curta, são poucos os que possuem a capacidade de alongarem-se num assunto qualquer ou desenvolverem um tẽma poético ou romântico. Vemos então esta falta de capacidade intellectual hãbilmente preenchida pelas quadrinhas populares. Valendo-se das quadrinhas que nenhum jovem adulto ignora-as os amantes dizem o que desejam ao bem amado ou lançam o desprẽzo e contam seus sentimentos e desejos, conforme a oportunidade de terminar.

Muitas quadrinhas, são muitas vẽzes as mesmas cantadas nas ratoeiras, outras são especiais para correspondência. Numa carta pode-se escrever três, cinco, seis ou mais quadrinhas, conforme fôr o desejo e o repertório do autor ou autora.

No cabeçalho das cartas usa-se ainda as seguintes aberturas: "Afetuosas Saudações", "Saudosa saudação sem fim" "Cordiais saudações para o jovem", "Meu querido (ou saudoso) amante". E' muitíssimo usada a palavra "Saudade" e suas derivadas. A palavra "aman-

te” que hoje os mais cultos já deixa quasi expressivamente para de terminar aquêlê com quem outro mantém relações ilícitas é ainda muito usada, tanto no cabeçalho, como no encerramento, onde vê-se: “Da tua eterna amante”, “Do teu fiel amante”, ou ainda no encerramento que ora tenho em minha frente: “Sem mais, envio-te mil recordações e um saudoso adeusinho da tua eterna amante”.

Muitos dão preferência (além da carta) da parte interna da tampa do envelope, para enviar um “abraço”, um beijo” ou ainda uma quadrinha que careça de mais segrêdo, como seja, “pedir um beijo”.

Existe ainda a preferência pelo laço de tira de papel que geralmente vem prendendo os maços de envelopes ou as fôlhas de papel. Enviar êste laço de papel representa um forte abraço ou o desejo de um dia enlaçar-se para sempre a esta pessoa.

As moças usam pó de arroz para perfumarem as cartas. Muitas enviam beijos impressos com os próprios lábios pintados a baton. Os jovens geralmente não usam perfume nas cartas, pois consideram fraqueza e falta de masculinidade homens perfumarem cartas. Mas adoram as cartas perfumadas que recebem.

E’ ainda muito em voga enviarem a “dobra” de papel, chamada: Chave do coração. Olhando esta dobra vemos na primeira parte (a de cima) uma chave desenhada e a frase: **Pegue esta chave com tua mão.** Abrimos as duas primeiras pontas e vemos desenhado um coração e a frase: “**Abra com ela o meu coração**”. Mais uma vez abrindo as duas segundas pontas, vemos um segundo coração desenhado, no centro da terceira dobra, de maneira que fica em quatro partes. Este agora é atravessado por um punhal. Lemos a frase: **Veja como está todo ferido, por tua causa todo partido**”. Abrindo todo o papel, que toma a forma retangular, lêmos no centro a quadrinha:

“Aqui vai o meu coração
partido em quatro pedaços
vai terminar de morrer
em teus delicados braços”.

Vemos então algumas quadrinhas para exemplo. Geralmente um procura respondê-las conforme o primeiro escreveu, exceto nos casos que um quer por fim ao romance e o outro não concorda. Ou quando um pretende iniciar e o outro não deseja.

Exemplo de quadras que podem ser trocadas entre dois namorados que se compreendem:

“Vai-te carta venturosa,
visitar quem eu quero bem,
vai contar que fiquei chorando
Por não poder ir também.

Eu amo a lêtra A
E por ela tenho paixão
quem fala da letra A
Fala do meu coração.

Na fôlha da sempre viva
teu nome quero escrever,
Não sendo feliz contigo,
com outra não quero ser.

Desde a hora em que te vi
Meu coração te adorou
na corrente de teus olhos
minh’alma presa ficou.

Menina dos olhos prêtos,
Corda de meu coração,
Nem que teu pai ponhe guarda,
Fortinela no portão.
Hei-de romper a guarda,
E consolar teu coração.

A carta pede licença
A lêtra pede perdão.
Espero que aceites:
Lembranças dum coração.

Não mando-te meu coração
Porque terei que arrancar
Arrancando eu sei que morro,
Morte não posso te amar.

Joguei a pena p'ra cima
Caiu no chão fez um F
Quero bem esta lêtra F
A rica lêtra da flor
Por ser a primeira lêtra,
Do nome do meu amor.

Com pêna peguei na pena
com a pena p'ra te escrever.
Com pena larguei da pena,
com pena de não te ver.

A flor do lírio cresce
Mas no céu não pode chegar,
Se casamento for sorte
Contigo hei-de me casar.

De dois namorados distantes:

Triste dia foi aquele
que o destino nos separou
as pedras choraram sangue,
o sol tremeu e parou.

Lá do céu caiu um cravo
pelo ar se desfolhou.
Meu amôr é tão ingrato,
Foi embora e me deixou.

Queixas e pedidos:

Tenho sêde tenho fome
tenho sêde não de vinho
Tenho sêde tenho fome
tenho sêde dum beijinho.

Bensinho meu bensinho,
Bensinho de meus querê
E' uma infelicidade bensinho,
Namora tudo o que vê.

Eu a amar-te, tu a amar-me
não sei qual será mais firme
Eu como o sol a procurar-te.
Tu como a sombra a fugir-me

Coração que ama dois
pode amar até três
ou me use uma firmeza,
ou me deixe duma vez.

Cedro verde encopado
natural duma cidade.
Tenho visto tantos olhos,
Mas só do teu tenho saudade.

Lá do céu caiu um cravo
no ar se desfolhou
quem quizer casar comigo,
fale com quem me criou.

Sonhar contigo meu bem
muitas vêzes tenho sonhado
Sonhando contigo e vendo,
quanto dói uma saudade.

Bensinho meu bensinho
Deixe de ser desconfiado
Que eu por outro não te deixo.
Podes viver descansado.

Quando vejo a tarde triste,
com ares para chover
Faz lembrar que são meus olhos
que choram por não te ver.

Eu me queixo, tu te queixas
Não sei qual tem á razão
Tu te queixa de meus erros
Eu da tua ingratidão.

Nas fôlhas do mato virgem
em tôdas elas bate o vento.
E' triste se querer bem
quem não tem conhecimento.

Moça dos olhos prêtos
Dentes de marfim dourados
Quero teus pais para meus sôgros
teus irmãos p'ra meus cunhados.

Terminando o namoro ou brigando:

Lá do céu veio um anjinho.
Só por Deus veio mandado
Veio só para dizer:
Que nosso amor está acabado.

Não quero mais ver tua cara.
Já te dei bom desengano
Não me importo que tu morras
Atolado num pantano.

O anel que tu me destes
Era vidro e se quebrou.
O amor que nos unia
Era pouco e se acabou.

Quando eu te queria bem,
Pulava cerca de vara
para ver a tua cara
Hoje pulo a cerca de espinho
P'ra não ver os teus fucinhos.

É assim cantando como os passarinhos que os namorados sertanejos trocam juras de amor. E nem mesmo quando vêm o romance desfeito não deixam de cantarem. Continuam cantando como pássaros solitários e ainda dizem: "Quem canta, seu mal espanta".

Campos Novos, 30-4-954.

Cacumbí de branco

Walter F. Piazza

A primeira referência que ouvimos a esta modalidade de dança ocorreu quando, em fins de 1953, na localidade de Cachoeira, município de Biguaçu, coletávamos os dados que comporiam o nosso trabalho sobre "Quicumbí" (vide "Boletim" n. 17/19).

Ali ouvimos falar em "**quicumbí**" de branco.

Aguçou-se a nossa curiosidade e, desejamos encontrar o tal con junto.

Não nos custou muito.

No mesmo município de Biguaçu, na localidade de Limeira — Rua Velha, centralizada pela sua igreja dedicada a São Sebastião, dominando a região do alto de sobranceira elevação.

E o que encontramos?

O nosso entrevistado foi o **capitão** de cacumbi Jorge Jacinto, de mais de cinquenta primaveras bem vividas, que nos esclareceu o assunto.

O **cacumbí de branco** é o reisado que conhecemos e descrevemos no nosso trabalho, atrás referido.

Tôdas as nuanças, do outro, nêste se encontram, e, até mesmo, se acentuam os africanismos.

O referido **capitão de cacumbí**, Jorge Jacinto Duarte, nos disse que aprendera aquela dança com um "mestre" negro de Biguaçu.

Mas, o que mais liga êste **cacumbí** aos demais reisados africanos é a persistência, como instrumento musical, do **cajá** — apetrecho que marca a presença da África na música.

Já, na vestimenta, diferem pouco dos outros que assinaláramos: neste o “capitão” traça uma **farda** de fazenda escura e todos os demais participantes roupa branca, em manga de camisa (são os tocadores de cajá, pandeiro e tambor).

Os tamboreiros, entretanto, diferenciam-se dos outros pela existência de um friso vermelho nas calças e êles são em número de dois.

*
* *

Temos, desta forma, visto uma nova modalidade dentro do vasto campo dos reisados de origem nitidamente africana.

Portanto, aos africanistas, mais esta nossa contribuição.

*
* *

Florianópolis, 1954.



Sôbre o "Reisado no interior cearense" (*)

Florival Seraine

Rodolfo Teófilo em "O Paroara", romance de costumes, editado em 1899, faz uma descrição do **Bumba-meu-boi**, no interior cearense, que não só possui valor literário, como também folclórico, pois entre as qualidades ressaltantes do escritor a crítica jamais deixou de considerar o seu vigor de observação e conhecimento seguro das coisas regionais.

A descrição aludida faz parte do capítulo VIII do romance (págs. 74 a 81).

A exibição do folguedo ocorre — como já se indicou — em uma vila do interior cearense, cuja localização infelizmente não logramos efetuar. A noite é precisamente a de Natal, antes da missa-do-galo.

Os personagens são: o **Caga-pra-ti** ou **Prevelégio**, "um fantasma

(*) Trabalho apresentado ao II Congresso Brasileiro de Folclore, pelo autor.

de forma humana, esguio, encolhendo-se até ser anão e estirando-se até ficar da altura de dois homens”; a **Ena**, “uma imitação grosseira, mas que dava mais ou menos a idéia dessa ave”; o **Boi**, que vinha no centro do bando”, “uma ficção desenvolvida com muito jeito e arte”, cuja “cabeça feita de uma caveira natural, com o seu bem talhado par de cornos, se articulava a um pescôço curto que se implantava num corpo bovino, sem pernas, mas modelado numa carnação sobberba”, cuja “pele era representada por um branco lençol de algodão, onde se desenhavam manchas negras, admiravelmente dispostas para bem representar um boi lavrado”, e em cuja “arca do corpo, ôca e espaçosa, tinha lugar de sobra para nela se mover o homem que havia de fazer dansar o **Bumba-meu-boi**”; a **Burrinha**, que surgia atrás do **Boi**”; tocando o seu maracá”, e “representava um cavaliño sem pernas, montado por um rapaz vestido de sáia, com a cabeça, o pescôço e a anca ornadas de guizos e laços de fita” e trazendo escanchada na garupa “uma boneca bonita muito bem vestida e enfeitada”; a **Caipora**, “um caboclinho muito pequeno, magro, apenas de tanga, com o corpo pintado de urucú e com uma urupema à cabeça”; o **Babau**”, a figura mais exótica do bando; um homem alto de camisa e ceroulas, com cabeça de cavalo; fantasma exquisito que andava num saracotear constante, expondo a caveira, cujas maxilas fazia bater uma na outra numa bulha de matraca, a que respondia a besta humana, que fazia de espectro de cavalo, com um rincho de ensurdecer”; as figuras que o romancista classifica de complementares: o **Vaqueiro**, **Mateus** e **Catirina**; e, por fim, o **Cirurgião**, que chega quasi ao término do auto para receitar uma ajuda ou clister ao **Boi** moribundo.

O bando saíra às 8 horas da noite do bairro mais canalha da vila. Acompanhava-o o estrugir de maracás e “duas violas que choramingavam um saudoso baíão”.

A exhibição do folguedo é realizada em primeiro lugar, gratuitamente, diante da casa do vigário, que ficara “agradecido àquela atenção do seu compadre Flamino, o dono do **Boi**”.

Conclui-se à leitura da narração que faz da conhecida dança dramática o romancista cearense que ela difere do **Reisado** que apresentámos, em vários aspectos.

Falta-lhe, antes do mais, o caráter de “**Festa de Reis**”, com a louvação inicial e as dansas efetuadas depois no interior da habitação, como sucede no folguedo que estudámos. A apresentação começa logo ao ar livre, com o aparecimento sucessivo das personagens, no **Bumba-meu-boi** de Rodolfo Teófilo.

Quanto a estas, há aqui o **Prevelégio**, o **Babau**, a **Caipora**, sêres fantásticos, a **Catirina** e o **Mateus**, figuras humanas, que não aparecem no **Reisado**, pelo menos com nomes iguais. E no folguedo que recolhemos surgem o **Bode** e o **Caboré**, que não se acham no **bumba** de “O **Parcara**”, bem assim o **Chamêgo** e a **Cabeçuda**, esta idêntica à **Caipora**, e aquela da mesma categoria e com análogas funções no auto às de sêres de aspecto fantasmal, constantes de **bumbas** em outras regiões.

Do texto literário inclui o romancista na sua descrição, além de chamamentos e incitações ao **Boi** para dansar e saracotear:

— “Hê bumba, bumba meu boi ! . . .” “Hê bumba, meu boi lavrado ! . . .” “Hê bumba, meu boi bonito” ! “Hê bumba, meu boi ligeiro ! . . .” “Hê bumba, espelha esta gente ! . . .”; além desses brados, que solta o vaqueiro, o escritor apresenta êstes versos da **Burrinha**:

“Zabelinha come pão
Que daremos Zabelão”.

E é só. Mas a estrutura geral do auto popular, ao ar livre, apresenta-se idêntica em ambos os folguedos, embora o que descrevemos seja bem mais simples: — uma série de pequenos quadros independentes, caracterizados pelo aparecimento sucessivo de vários personagens e concluindo com a morte e ressurreição do **Boi**, segundo admiravelmente resumiu Oneyda Alvarenga.

Em ambos há também a parte cômica da **ajuda** ou clister, consistindo na introdução de um menino nas trazeiras do **Boi**; e se fazem as **sortes** com lenços à procura do dinheiro dos assistentes.

Sem dúvida, o auto sertanejo de Rodolfo Teófilo, se bem que mais reduzido, se aproxima bastante da variante litorânea de Gustavo Barroso e até mesmo da de Pereira da Costa (“Folklóre pernambucano” — pags. 261 — 270” — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras. “Tomo XII — 1907 — parte II). Difícil será, no entanto, descobrir se o romancista não transportou ao sertão material folclórico por êle recolhido na capital do Estado. . . (Há autores que supõem a sua origem no “hinterland”, com a vinda posterior para o litoral).

Rodolfo Teófilo, á margem da descrição que faz do **Bumba — meu — boi**, formula observações dignas de registo, entre elas a da ocorrência de personagens brasileiras no auto, a saber: o **Babau**, a **Ema**, a **Caipora**.

O sincretismo com o ameríndio está declarado, e é êle registável também no **Reisado**, através do **Caboclo**, do **Caboré**, da **Ema**, da **Cabeçuda**, que o caboclo — é preciso que se note — representa com formas simbólicas não de todo estranhas à plástica mítica aborígene, especialmente as segunda e terceira figuras. E há ainda o estribilho — **ô manin sarará!** — da “moda da despedida”, no folguedo.

A propósito, convém acentuar que na zona onde assistimos à exibição do folguedo, — fazendo “Extremas”, do município de Acaraú — como, aliás, na maior parte do Ceará, o afluxo negro não preponderou, e que um aldeamento indígena de certa importância se encontrava a poucas léguas do local citado, vizinho a Itarema, em Almofala, onde os tremembés receberam a catequese.

A verdade é que a maioria dos habitantes do lugar, quando lá estivemos, era constituída de caboclos, isto é, produtos de mesclas dos sangues indígena e do português colonizador. Tipos mais próximos do branco, alguns.

Mulatos, ou negros, só por exceção. Negro apenas podemos citar, um, já bastante idoso, descendente direto de africanos — segundo nos informaram — que havia sido “fábrico”, isto é, empregado humilde de **fazenda**, e cuja especialidade era a de, em troca de alguns níqueis, soltar magníficos **aboios**, só comparáveis talvez àquêles do **Vaqueiro**, no **Bumba — meu — boi**. E, que Rodolfo Teófilo descreve nestas linhas: — “A voz cheia do vaqueiro, que era um cabra fornido e com uma máscara ainda mais feia do que êle, fez ouvir alguns segundos as notas melódicas e de uma saudade selvagem da toada do boiadeiro. Daquela peito rude saíam acordes de uma harmonia tão doce; naquella laringe ignara se formavam combinações de notas de uma nostalgia tão intensa, que a alma se deixando atravessar por elas caía em funda melancolia. O auditório quedou-se logo aos primeiros acordes da toada. Todos se recolheram dentro de si mesmos para melhor sentirem o espirito se saturar daquella música triste, cuja harmonia embebedava os sentidos e fazia chorar de gozo”.

O saudoso escritor aprecia a gênese do folguedo do seguinte modo: "Os rapazes dominados pela loucura da topação estavam contentes do divertimento, embora fôsse êle uma cópia muitíssimo infiel das touradas espanholas.

Desconheciam completamente a tauromaquia. As notícias de combates com os touros chegadas a êles por via de Portugal lhes despertaram idéia um folguedo representando uma tourada e, ao mesmo tempo, uma comédia com tipos brasileiros e cenas todas nossas".

Bem diferente, por certo, da explicação que nos oferece um Artur Ramos, que enxergava no **Bumba — meu — boi** — como já se observou — uma sobrevivência totêmica de origem afro-bantu, reforçada por temas análogos do folclore caboclo dos vaqueiros, de influência ameríndia, em certos pontos do nordeste e centro brasileiros. Acrescido tudo isso de um esclarecimento psicanalítico, que termina por considerar as festas de sobrevivência totêmica como expressão de uma volta do recalçado. ("O negro brasileiro" — vol. 188 da Brasileira — 3a. edição — pgs. 312 a 324).

Ao estudar uma apresentação de folguedo do gênero dêste, realizada em comunidade de homens rústicos, quasi integralmente participantes da cultura de **folk** importaria, sem dúvida, encarar o tema sob vários aspectos que se relacionam com a **estabilidade** e a **mudança** culturais, do ângulo em que as encara, por exemplo, um **Herskovits**. ("Les bases de l'Anthropologie culturelle" — Payot-Paris, 1952 — pags. 176 e seguintes).

Por mais conservadora que seja uma comunidade está ela sujeita a mudanças culturais e seria importantíssimo verificar não só estas como a resistência às mesmas através de elementos do seu folclore.

O isolamento em si não explica tudo, embora não se desconheça que a posição geográfica significa bastante. De modo que nossas afirmações logo às primeiras páginas do trabalho "**Reisado no interior cearense**" exigem exame mais detalhado, no tocante à conservação da forma antiga do folguedo nesse agrupamento humano do norte do Estado do Ceará. Pois si a dificuldade de comunicações terá corrido aí para a manutenção de certos elementos culturais, em verdade, não constitui só ela fator significativo no processo da "enculturação".

Vimos em nosso trabalho, como apesar de haver conservado a sua unidade básica e de oferecer vários pontos de contacto, na sua encenação e no seu próprio texto poético, com folguedos idênticos de outros lugares, até mesmo distantes, **Reisado** de que nos ocupámos, tem as suas variantes regionais ou locais, suas características particulares, detalhes próprios, dignos de estudo.

Mas não devemos esquecer — como acentua Herskovits — que a conservação e as mudanças culturais do jôgo dos fatores ambientes, psicológicos e históricos, e é tão arriscado generalizar a importância de um fator, quanto emitir opinião geral sobre culturas inteiras". (Op. cit. pg. 187)



Ditados e comparações gaúchas

Walter Spalding

Ditados e comparações gaúchas existem já recolhidas algumas centenas, quer nas obras de Roque Callage, especialmente ao "Vocabulário", quer nas de J. Simões Lopes Neto, especialmente nos "Contos Gauchecos", quer no "Adagiário", de Vitor Russomano, quer na recente publicação de Silvío da Cunha Echenique — "Bruaca — Adagiário Gaúcho", — quer espalhadas nas páginas de jornais e revistas de caráter folclórico e tradicionalista, como "Quero-Quero", da "União Gaúcha J. Simões Lopes Neto", de Pelotas, ou "Sinuelo", do "Centro de Tradições Gaúchas Poncho Verde", de Santa Maria, e outras, como no trabalho de Horácio Paz — "Coisas do Folclore sulriograndense", publicado no "Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore", ns. 15/16, pág. 197.

Apesar de tudo isso, recolhemos algumas comparações e frases típicas que ainda não figuram em publicações de nosso conhecimento, ou figuram, algumas poucas, com forma algo diferente.

Aos interessados, e em especial os bons e grandes amigos da Comissão Catarinense de Folclore, oferecemos êsse modesto punhado de flores silvestres recolhidas nos mais diversos recantos do Rio Grande do Sul. Para melhor compreensão, acrescentamos leves explicações que também servirão de norma para seu emprego.

SÉRIO COMO TAMANCO (ou que nem tamanco) — O tamanco, pela sua sobriedade na confecção, deselegância e rusticidade, dá impressão de sissudês, de seriedade absoluta, embora seja barulhento, o que também acontece com certos "sérios"... desde que não sejam cuidados. — Aplica-se às pessoas que, em certas ocasiões, e geralmente por cálculo, não tujem nem mugem.

TRISTE COMO QUEM SOFRE DE CALO NA PROCISSÃO DO DIVINO — A festa do Divino Espírito Santo é uma das mais populares, ainda hoje, pelo interior do Rio Grande do Sul. A procissão, outrora, era longa e vagarosa, com muita reza e muito foguete... além de muito concorrida. Quem sofresse de calos certamente deveria passar maus bocados, e profunda tristeza por sentir os calos ardendo e não poder divertir-se como os demais, após a procissão... — Por isso, quando alguém anda triste, abichornado, costuma dizer: "anda triste como quem sofre de calos, na Procissão do Divino"...

VAZIO COMO BOLSO DE DEFUNTO — Quando alguém fala muito sem dizer nada, ou quando faz tolices, ou, mesmo, quando nada tem de seu, aplicam-lhe a comparação, mesmo porque, comparando é que o gaúcho gosta de falar. Observador e vivo, nada perde. E assim, no sofragante, vai dizendo as cousas e comparando com o que observou na prática. — Ora, o defunto nada leva. Seus bolsos vão vazios de utilidades. Por isso há sujeitos de fala vazia que nem bolso de defunto; de cabeça vazia como bolso de defunto... e também governos vazios que nem bolso de defunto!...

AFIADA COMO LÍNGUA DE COMADRE NO MELHOR DO FANDANGO — Comadre, de modo geral, são as senhoras idosas ou... as solteironas já entradas em anos, que nada mais esperam. — Fandango era um dos bailes populares gaúchos onde se dançavam as "marcas" tradicionais, hoje folclóricas, como "A Chimarrita", "O Tatú", "O Massanico", "O Baláio", etc. — Quando baile está no auge, quando todos os remechem e suam, as comadres, incentivadas pelo calor da festa, soltam suas "linguinhas de prata"... — Aplica-se aos conversadores e maldizentes, sempre dispostos a retalhar a vida e a reputação alheias...

MAIS ALERTA DO QUE QUERO-QUERO EM COXILHA — Há uma tradição gaúcha que diz: O quero-quero (*Belonopterus cayennensis*) não dorme nunca. É o eterno vigilante das coxilhas, vales e banhados do pampa. Pervigil audaz da terra sulriograndense. — Por isso, quando alguém cuida de seus trabalhos e vigia constantemente para que tudo saia bem, a tempo e a hora, — aplica-se-lhe a frase que é, aliás, grandemente elogiosa. — Quero-quero na coxilha, — na coxilha por ser ponto elevado que permite ampla visão para todos os lados.

ENREDADO QUE NEM LAÇO DE GURI — O guri (criança) não sabendo lidar com laço, ou por não ter prática, ou porque o laço é dos bons, de 12 braças, portanto longo e pesado, deixa-o todo emaranhado e não raro de tal forma que se perde tempo imenso para tirar-lhe os nós. Mas acontece que, no geral, os gurus também possuem seus laços, feitos especialmente para êles, nas estâncias. E com os tais laços o mesmo acontece quase sempre: ficam enredados. — Por isso, quando aparece qualquer coisa emaranhada, ou ser-

viço mal feito e atrapalhado, dizem que a cousa está enredada que nem laço de guri.

MAIS TRAMADO DO QUE TRANÇA DE CHINA — As chinocas, as gaúchas, de modo geral usam cabelos compridos e longas tranças feitas muitas vezes com quatro e mais pontas, muito bem tramados e, por isso, duras e difíceis de se desmancharem. — Essa a razão de dizerem que as cousas muito enredadas, ou muito bem arranjados de modo a tornar-se difícil descobrir o fio da meada, que estão mais tramadas que trança de china, — alguns ainda acrescentam, — em dia de festa, — que é quando elas mais capricham nas tranças...

MAIOR QUE ASPA DE BOI FRANQUEIRO — O boi franqueiro é o que tem aspa maior. — Porisso, quando algo é muito grande, ou exagerado, aplicam-lhe a comparação.

COMPRIDO COMO ESPERANÇA DE POBRE (ou — que nem esperança de pobre) — Diz o povo que o pobre tudo perde, menos a esperança. Muitas vezes não sabe o que espera. Mas espera, espera sempre. A esperança do pobre só morre com êle. — Por isso aplicam a frase a discursos muito longos, intermináveis e cacetes, visitas assás demoradas e importunas, passeios e caminhadas muito longas, e outros casos semelhantes.

APERTADO QUE NEM QUEIJO EM CINCHO — O ditado-comparação refere-se ao preparo do queijo num processo primitivo em que o leite talhado para queijo era enrolado em panos e apertado com cinchas de couro para formar a massa seca. — Assim, quando numa festa, por exemplo, ou num baile, há gente demais, dificultando o movimento, ou quando, numa acareação, a pessoa fica sem justificativa, "malito que nem rato em guampa", aplica-se-lhe a frase.

MALITO QUE NEM (ou como) **RATO EM GUAMPA** — Guampa — chifre. Quando um rato entra numa guampa e o gato, por exemplo, se coloca na abertura, dificilmente poderá salvar-se. Fica apertado que nem queijo em cincho. — Há muita gente assim por êste mundo do Cristo.

MAIS DESCONFIADO QUE CUSCO COMEDOR DE OVELHA — Cusco — cachorro. O cão comedor de ovelha, vicia-se e não há possibilidade de tirar-se-lhe o vício. Por isso dizem que, cachorro comedor de ovelha, só mesmo matando. Parece que o animal conhece a situação e, por isso, torna-se desconfiado, arisco, fugindo de todos, escondendo-se ... — Aplica-se às pessoas desconfiadas seja pelo que for.

MAIS ENROSQUILHADO QUE CUSCO NO BRAZEIRO NAS NOUTES DE INVERNO — Nas frias noites de inverno os cães deitam-se junto aos brazeiros, nos galpões de estância, formando quase que uma bola. — Quando alguém está com muito frio e cheio de roupas, ou quando se meteu em entaladelas estando, por isso, triste, jururú (abichornado), ou ainda quando costuma sentar-se ou deitar-se "enrosquilhado" (em forma de rosca), aplica-se-lhe a frase.

CAVALO MANEADO TAMBÉM PASTA — Quando o cavalo está maneado, não pode correr e, mesmo, andar livremente, pois as patas dianteiras ou trazeiras estão presas pela manea, uma à outra. Isso, entretanto não o priva de pastar em volta de si. — Aplica-se o ditado às pessoas que, embora comprometidas, fazem o que não deviam em razão do compromisso. É muito comum applicá-lo a noivos e casados que gostam de namorar ... Muitas vezes êles mesmo o dizem quando se lhes chama a atenção. — Também o emprega quem, tendo trabalho fixo, faz biscates ...

MANSO QUE NEM BOI DE CANGA — Boi de canga é o boi de carreta, ou de arado, sempre muito manso e humilde. — Diz-se das pessoas acomodadas, que se não preocupam com nada e para as quais tudo está bem. Aplica-se, igualmente, aos maridos enganados que se não importam, ou fingem ignorar...

MATREIRO QUE NEM ZORRILHO — Matreiro — arisco, desconfiado, cheio de manhas. — O zorrilho (**Maritacaca** — *Mephitis suffocans*), quando atacado defende-se esguinchando sobre o atacante um líquido fétido que nunca mais sai da roupa e custa a abandonar o corpo da vítima. Além disso, o zorrilho é um animal cheio de manhas, que sabe ocultar-se para melhor se defender. — Aplica-se às pessoas desconfiadas e que, por qualquer coisa que julgarem referir-se a elas, procuram defender-se ...

MARCADO QUE NEM NEGRO FUJÃO — Negro fujão, no tempo dos escravos ... É hoje muito pouco usada. Mas ainda se ouve, geralmente com acréscimo: no tempo dos escravos ... O negro fujão naquela ignominiosa época, era marcado com um F, com ferro em braza, na paleta de modo geral. Tal como se marca os animais. — Aplica-se com referência aos indivíduos que são cuidados pela polícia ou por quem quer que seja, noiva, namorada, etc., e também para designar pessoas de quem se desconfia algo e a "marcamos". Muitas vezes aplicam-na a si próprios quando, por exemplo, foram explorados por alguém, enganados, ludibriados. Em política seu emprego é comum ...

ESTRAÇALHADA QUE NEM CARNIÇA BICADA POR URUBÚS — Feito em pedaços, totalmente inutilizado. Diz-se da pessoa, animal ou coisa que nada mais vale por estragada, doente ou arruinada. Aplica-se, também, à roupa. Por exemplo: F. saiu do bochincho (briga) com a fatiota estraçalhada que nem carniça bicada por urubús! ...

FROUXO COMO PALANQUE DE BANHADO — Palanque — poste, estaca, moirão, fincado em banhado certamente garantia alguma poderá fornecer ... — diz-se das pessoas que não sabem o que querem, que não têm opinião formada sobre coisa alguma, e, também, de quem tem medo ou receio de assumir compromisso, por pequeno que seja.

VIVER QUE NEM CUSCO GAUDÉRIO — Gaudério — sem dono, vagabundo. — Viver ao léo, ao Deus dará, sem eira nem beira. O cusco gaudério vive farejando em todas as casas, procurando alimento. Geralmente é magro, sujo e feio. -- Há muita gente que vive que nem cusco gaudério por este mundo de Cristo, mas ... por preguiça ...

ANDAR QUE NEM TATÚ DENTRO DA CASCA — O tatú vive na sua carapuça e aí se esconde. Parece um animal casmurro, fechado. — Diz-se dos que vivem isolados, fugindo de todos, entregues à misantropia ...

VIVER DE RÉDEA SOLTA — Viver sem cuidado, à vontade, com excesso de liberdade. O cavalo, quando anda de rédea solta, faz o que bem entende, mesmo com o cavaleiro em cima. — Diz-se das pessoas que não tem governo, que não se dominam, que andem às soltas, que criam **casos**, muitas vezes, como acontece com o cavaleiro que, deixando o cavalo à vontade, de rédea solta, quando menos espera, está no chão.

FAZER BARULHO QUE NEM TROVOADA DE VERÃO — As trovoadas de verão são, muitas e muitas vezes, barulho apenas. Trovões, relâmpagos, mas nada de chuva. Barulho para assustar ...

medrosos. — Há muita gente assim: gritam, esbravejam por qualquer cousa mas, se encontram resistência, recuam. Param. “O be-zouro também ronca vae-se ver, não é ninguém ...”

COMER FEIJÃO MAL COZIDO E ARROTAR GALINHA — Diz-se dos individuos que blasonam muito, mas nada são ou fazem. — Os “valientes” de mesas de café... O mundo está cheio deles. Em todas as esquinas encontramos alguns...

BATER ESTRIBO JUNTOS — Quando dois viajam, à cavalo, lado a lado, não raro os estribos de um e outro batem, chocam-se. — Bater estribo juntos, é o mesmo que viajar lado a lado. Em sentido figurado usa-se para dizer que duas ou mais pessoas trabalham juntos por uma mesma causa ou ideal: Patrocínio e Nabuco bateram estribo juntos pela causa da abolição.

BONITO COMO LARANJA DE AMOSTRA — As amostras, no geral, são melhores e mais bem apresentadas que o resto. Laranja, no caso, pode ser qualquer outra cousa. — Diz-se das cousas aparatosas sem consistência. Bonitas, mas inúteis...

POBRE QUE NEM PULGA DE TAPERA — Tapera é ruína. No Rio Grande do Sul em tapera ninguém para ou pousa. Nem entra, mesmo de passagem. Tapera é tapera. Nela nada mais existe. A **pobreza** é absoluta e as pulgas, quando existem, não tem alimento. — Diz-se das pessoas que nada possuem e, também, das que, nada possuindo fingem ter muito, arrotam grandeza...

GRUDADO COMO CARRAPATO EM PAPADA DE VACA MAGRA — O carrapato em papada de vaca ou boi magro, prende-se com mais força para ver se consegue sugar algum alimento. — Diz-se das pessoas que costumam viver aborrecendo constantemente o próximo, dos que “tomam assinatura pra cima de alguém” e não abandonam por cousa alguma as vítimas que elegeram para conversar, cercar de elogios, de rapapés e dos quais é preciso fugir.

MANSO QUE NEM GATO DE BOLICHE — Boliche — mercearia ou armazem de campo, de beira de estrada, no qual o principal produto é a cachaça. Os gatos que vivem nesses boliches são mansíssimos. Nada os preocupa. São assim como certa gente para quem tudo está bem. Nada os preocupa ou incomoda: são mansos que nem gato de boliche...

ESCONDIDO QUE NEM TOURO VELHO EM AGOSTO — Agosto, mês do desgosto... frio... muito frio e ventoso também. Nessa época os touros velhos que já estão pela carona, costumam procurar lugares abrigados, sobretudo nos matos. — Diz-se das pessoas que não aparecem muito e das que, no inverno, costumam não sair com medo do frio.

CINCHADO QUE NEM BAGUAL DE PRIMEIRA ENSILHA — O bagual quando ensilhado pela primeira vez, deve ficar com a cincha bem apertada, como que dividindo a barriga em duas partes. Assim o animal bravo ainda, resiste menos e os arreios ficam, também, mais firmes, mais garantidos em caso de corcovos. — Diz-se das pessoas que vivem apertadas... por dinheiro, e das que se metem em roupas demasiado apertadas. Usa-se igualmente para designar pessoa muito presa pela família, que não tem liberdade de andar à vontade, e que tem hora para tudo.

ATRAPALHADO QUE NEM PIOLHO EM CABELEIRA POSTIÇA — Em cabeleira postiça piolho se atrapalha porque não encontra alimento. — Quando uma pessoa se encontra em maus lençóis por uma imprudência qualquer e, atrapalhado não sabe como sair da entaladela, applica-se-lhe a frase. Mas também pode ser apli-

cada a algum orador que, apertado, fica sem responder, — atrapalhado que nem piclho em cabeleira postica...

ESPUMOSO COMO APOJO DE BRAZINA — É tradição, lenda ou superstição, mas que garantem ser realidade: o leite de vaca brazina é melhor, mais gordo, mais forte e, por isso, mais espumoso logo que tirado. O apoio é o resultado da ordenha inicial, dos primeiros jactos de leite tirados do úbere. Este apoio é, sempre, muito espumoso: muita espuma e pouco leite. — Diz-se das pessoas que aparentam muito nada sendo ou tendo. Simples aparência de couca bôa... Os candidatos, em época de eleições são, no geral, espumosos como apoio de brazina...

ATRAPALHADO QUE NEM CUSCO EM CANCHA DE BOCHA — Bocha é um jogo de origem italiana, introduzido no Rio Grande do Sul pelos imigrantes, desde 1875. É muito vulgarizado hoje e, no interior, não há venda que não tenha uma cancha de bocha ao lado ou nos fundos. O jogo que é feito com bolas de madeira que cabem na concha formada pelas duas mãos unidas as pontas dos dedos. assemelha-se ao bilhar. Mas não tem taco, as bolas são atiradas. Cachorro no meio daquelas bolas fica, sempre, atrapalhado. Se uma acerta nele, mata-o fatalmente. O cão, se acaso entra numa cancha em que estão jogando, pula de um lado para outro até conseguir sair ileso. — Aplica-se às pessoas que se metem onde não devem e, por isso, ficam atrapalhadas, e em outros casos mais ou menos congêneres.

CHEIO COMO BARRIGA DE AFOGADO— A pessoa que morre afogada, incha logo em virtude da água que bebeu. — Aplica-se aos beberrões, às pessoas convencidas, cheias de empáfia. — No geral dizem: cheio que nem barriga de afogado.

E por aqui, amigos, me quedo por hoje. Muito boas noites e até outra vista, se Deus quiser...

Quatro estudos

O PAU-BRASIL, O PINHEIRO, A BANANEIRA E A FIGUEIRA

Tassilo Orpheu Spalding

O PAU BRASIL

Não consta que outra árvore tenha tido a honra que coube ao pau-brasil, qual seja, a de dar seu nome a um dos maiores países do mundo.

A palavra **brasil**, para João Ribeiro (Colmeia, São Paulo, 1923, páginas 234-239), foi o primeiro galicismo que perpetramos e êsse já na pia batismal.

Diz o notável gramático e filólogo que o vocábulo era conhecido na Idade Média e designava certa madeira de tinteira de côr rubra.

Por intermédio dos italianos, que faziam o comércio do Oriente, chegou o nome **verzi**, **berzi**, **verzinho** ou **bercino** a dar o **braissil**, **brailsill** ou **brésil** dos franceses.

Marco Polo usa a expressão **birço** ou **byrço** para designar a madeira e a côr.

Traz Bernardino José de Souza no seu livro **O pau-brasil na História Nacional** um excerto de A. C. Teixeira de Aragão, da Academia Real das Ciências de Lisboa, que passo a transcrever:

“O conhecimento do pau-brasil parece remontar ao século IX pelos itinerários dos árabes El-Hacem e Abuzie, publicados por Renandot nas “Antigas Relações com as Índias” e onde se designa com o nome persa Bakham que êle traduziu em latim *Bresilium*. O pau-

brasil é muito parecido nas qualidades com uma planta de Samatra, donde se extrai também tinta da mesma côr. Tanto esta droga como o pau-brasil eram importados para a Europa pelos árabes, vindos do Oriente pelo mar. Vermelho, e por terra atravessando o Egito. O pau-brasil tinha grande consumo, servindo principalmente para tingir de encarnado as lãs, algodões, sedas. Diz Muratori que nas alfândegas de Ferrara, 1139, e nas de Módena, em 1316, aparecem notícias da droga para tingir os tecidos de encarnado, chamada na Itália **Brezil, Brecilis, Bracire, Brasilly, Brazilis e Brazili**. . . O pau-brasil começou a ser importado em Espanha nos anos de 1221 a 1243. . .”

Bernardino José de Souza transcreve, a seguir, as palavras do sábio Conde Ficalho, que vêm no precioso livro de Garcia Orta **Colóquios dos Simples e Drogas da Índia**:

“O **brazil**, de que Orta fala apenas de passagem, merece no entanto uma nota especial. Era a madeira de uma árvore da família das Leguminosas, *Caesalpina Sappan*, Linn. , madeira empregada na tinturaria, e conhecida no comércio europeu, desde os antigos tempos da Idade Média, pelos nomes de **brazil, brézil**, em italiano **verzino**, os quais julgaram derivados de **brasa** ou **braise** pela côr vermelha da madeira.

“É bem sabido, como uma madeira ou diversas madeiras, semelhantes a esta, tendo os mesmos usos, e procedendo de várias espécies do mesmo gênero *Caesalpina*, se encontraram nas terras da América, visitadas pelos portugueses logo no começo do século XVI. E é também conhecida a frase, em que Barros lamenta que o nome Santa Cruz — primitivamente Vera Cruz — se mudasse por influência do diabo no de um “pau que tingem panos”. Deixaremos porém, esta frase e as reflexões que poderia suscitar o nome Brasil, dado às terras de Santa Cruz. Começando a vir o **pau-brasil** em maior quantidade da América, passou o nome especialmente para a mercadoria nova; e o antigo **brazil** da Índia e outras partes da Ásia voltou a ser geralmente designado pelo nome asiático de **sappan**, ou **sapang** no arquipélago Malaio, o qual parece prender-se ao sânscrito **patanga**, ou ao **máláyalam shappan**, que significa vermelho.

“O **brazil** asiático havia sido conhecido dos portugueses e designado por este nome antes do descobrimento da América; e no **Roteiro da Viagem de Vasco da Gama** se lê que em Tenacar — provavelmente Tenasserin — se encontrava “muito brasyll, o qual faz muito fino vermelho.” Depois de a mercadoria da Ásia ser geralmente suplantada no comércio pela de procedência americana, ainda continuou, no entanto, aquela a ser conhecida por algum tempo. O **brazil** de que fala Orta, é provavelmente o asiático, confundido ocasionalmente pelo seu amigo mercador com o **sândalo vermelho**. E do **Lyvro dos pesos** se vê também, como, no meado do XVI século, o **brazil** era uma mercadoria bem conhecida, tanto em Hormuz como em Malaca. . .”

Camões (*Lusíadas*, X, 140) alude à preciosa madeira:

Mas cá onde mais se alarga alli tereis

Parte tambem co'o pau vermelho nota,

De Santa Cruz o nome lhe poreis . . .

Igualmente aparece o nome de nossa pátria num dos **Autos** de Gil Vicente:

Com ilhas mil

Deixae a terra do Brasil . . . (Auto da Fama)

Vários nomes davam os indígenas ao pau-brasil: **Ibirapitanga**,

corruptela de **ybyrá** (pau, árvore, madeira) e **pitanga** (vermelho). **Ibirapiranga, Ibirapitã e Ipirapuitã.**

Araboutan é o nome que aparece nos livros franceses dos séculos XVI e XVII como designação dada pelos índios ao pau-brasil.

Consta que os selvagens tingiam as penas de seus enfeites com a tintura extraída da célebre árvore. Aprenderam, assim, os civilizados, dos índios o emprêgo da madeira côr de brasa.

Métraux, em sua **Civilisation Matérielle**, informa que os tupinambás para se enfeitarem untavam o corpo todo de resina ou de mel e nele colocavam fina penugem tirada do pescôço de certos pássaros. Apreciavam, particularmente, as galinhas brancas, cujas penas cortavam muito miúdas e tingiam de vermelho, fazendo-as cozinhar com pau-brasil.

O pau-brasil é uma árvore — diz Lamarck que o descreveu em 1789 — que fica bastante grossa e muito grande. Sua casca acinzentada se acha armada de espinhos curtos e esparsos. Os ramos estiram-se largamente, as fôlhas são bipinadas e as flores, amarelas, nascem em racimos e têm uma metade do labelo de tonalidade vermelha. O fruto é uma vagem chata, escura, com espinhos. O cerne compacto mostra bela côr vermelha de brasa.

A espécie foi estudada pela primeira vez em 1648, por Piso e Marcgrav, na **Historia Naturalis Brasiliae**, na parte **Historia Plantarum**.

Por curioso quero transcrever aqui o capítulo XIII da **História de uma viagem feita à terra do Brasil**, por João de Lery, na tradução de Monteiro Lobato. Nele se faz referência à madeira que emprestou seu nome ao nosso país.

“Ao falar das árvores dêste país — escreve João de Lery — devo começar pela mais conhecida entre nós, êsse pau-brasil de que a terra, por influência nossa, tomou o nome e é tão apreciado graças à tinta que dêle se extrai. Os selvagens o chamam **arabutan**. Notamos que é árvore que engalha como o carvalho das nossas flores-tas, havendo algumas tão grossas que três homens não lhes alcançariam o tronco.

“A respeito de árvores grossas o autor da **História Geral das Índias Ocidentais** narra que nessas regiões foram vistas duas, cujos troncos apresentavam extraordinária grossura: uma media de oito braças de roda, e outro, acima de dezesseis; na primeira — tão alta que nenhuma pedrada lhe alcançava o cimo, um cacique, por segurança, armara sua choça, do que muito riam os espanhóis, vendo-o lá pousado qual uma cegonha. Refere ainda que no país de Nicarágua existe uma árvore chamada **ceiba**, que engrossa a ponto de não poderem abraçá-la quinze homens.

“Voltando ao pau-brasil direi que é planta que não dá frutos e tem as fôlhas como as do buxo, embora mais claras.

“Por causa da sua dureza, e consequente dificuldade em derrubá-la e carregá-la num país destituído de animais de tiro, o serviço se faz por meio de muitos homens; e se os estrangeiros não fôsem ajudados pelos índios não poderiam em um ano carregar um navio médio.

“Os selvagens, em troca de algumas vestes, chapéus, facas e bugiárias, com os machados, cunhas e mais ferramentas fornecidas pelos europeus cortam, serram, atoram, desbastam e racham o pau-brasil, e depois o transportam nos ombros nus, às vêzes de três léguas de distância, por montes e sítios escabrosos, até junto ao mar onde os navios os recebem.

“Isto o fazem depois que os europeus começaram a frequentar o

país, pois antes, conforme ouvi dos velhos, não tinham outro meio de abater uma árvore senão lhe deitando fogo ao pé.

“Aqui na Europa muitos julgam que os toros redondos, encontrados nos armazéns de comércio, são da grossura natural; mas não é assim, visto como é árvore em geral muito grossa, sendo necessário que os índios desbastem e arredondem as toradas a fim de facilitar o transporte e manejo no navio.

“Como já fizemos muita fogueira com o pau-brasil, pude observar que não é madeira úmida, mas naturalmente seca, queimando com pouco fumo. Um dos nossos companheiros, indo lavar camisas, deitou na lixívia cinzas dessa madeira, resultando que em vez de alvejadas se tornaram elas de um vermelho tão indelével que tivemos de usá-las assim.

“Os nossos tupinambás muito se admiram do trabalho a que se dão os europeus para a posse do **arabutan**. Uma vez um velho índio perguntou-me: — Que significa isto de verdes vós outros, peros e mairs, buscar tão longe lenha para vos aquecer? Não a tendes por lá em vossa terra?

Respondi que tínhamos lenha, e muita, mas não daquele pau, e que não o queimávamos, como êle supunha, mas dêle extrafamos tinta para tingir.

Retrucou o velho:

— E por ventura precisais de tanto pau-brasil?

— Sim, respondi, pois em nosso país existem negociantes que têm mais panos, facas, tesouras, espelhos e mais cousas do que vós aqui podeis supor, e um só dêles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.

— Ah! tu me contas maravilhas! disse o velho; e acrescentou, depois de bem alcançar o que eu dissera:

— Mas êsse homem tão rico não morre?

— Sim, morre como os outros.

— E quando morre para quem fica o que é dêle?

— Para seus filhos, se os tem, e na falta, para os irmãos ou parentes próximos.

— Na verdade, continuou o velho, que era nada tolo, agora vejo que vós, mairs, sois uns grandes loucos, pois que atravessais o mar com grandes incômodos, como dizeis, e trabalhais tanto a fim de amontoardes riquezas para os filhos e parentes! A terra que vos alimentou não é suficiente para alimentá-los a êles? Nós aqui também temos filhos, a quem amamos, mas como estamos certos de que após nossa morte a terra que nos nutriu os nutrirá também, cá descansamos sem o mínimo cuidado.

“Êste discurso, que ouvi de um pobre selvagem americano, duma nação que reputamos bárbara, mostra como êles zombam com desdém dos que, com fito de lucro e perigo de vida, atravessam os mares em busca do pau-brasil; e por mais broncos que sejam êles, atribuindo maior importância à natureza e fertilidade da terra do que nós atribuímos ao poder e providências divinas, insurgem-se contra êsses rapinantes chamados cristãos, que abundam na Europa tanto quanto escasseiam na América...”

E' justamente célebre o livro de André Thevet, **Singularidades da França Antártica a que outros chamam de América**. O escritor e viajante francês, no capítulo LIX da obra em questão faz referência ao pau-brasil. Vejamos o que êle diz:

“Temos como certo que foi Américo Vespúcio quem descobriu ês-

se vasto continente, cercado por dois oceanos, embora não tivesse visitado tôda a região, mas a sua melhor parte.

"Depois vieram os portugueses, os quais, não satisfeitos com as suas conquistas, esforçaram-se cada vez mais, por encontrar novos países, — tudo com o fim de apoderar-se das riquezas ou coisas singulares, das quais lhes davam notícias os naturais. Visitando, pois, a América, tal como fizeram os troianos no território cartaginês, — conheceram os portugueses certos objetos de plumas que logo foram introduzidos no tráfico. E, procurando informar-se de como os indígenas pintavam essas plumas (comumente tintas de vermelho), mostraram-lhes êstes a árvore do pau-brasil.

"É o pau-brasil, que na língua selvagem tem o nome de **arabou-tan**, árvore de muito bela aparência; a casca é tôda acinzentada, mas a madeira interna vermelha, sobretudo o cerne que é dos mais excelentes, motivo pelo qual aumenta sempre a sua procura.

"Desde então os portugueses carregam cada vez mais uma crescente quantidade de pau-brasil. Êsse tráfico ainda hoje continua e é feito também pelos franceses, depois que êste vieram a conhecer tal mercadoria.

Verdade é, todavia, que os portugueses não suportam, de bom grado, a concorrência dos francêses, que lá traficam em vários lugares, sob o argumento, aliás verdadeiro, de que são os proprietários dessa região, uma vez que foram êles os primeiros que a descobriram e dela tomaram posse.

"A árvore do pau-brasil (retornando ao assunto) é dotada de fôlhas semelhantes às do buxo e, como as do buxo, miúdas, embora espessas e abundantes. Não produz nenhuma goma, como algumas outras, nem, tampouco, frutos. Outrora ainda era mais estimada do que atualmente, sobretudo no Levante; acreditou-se a princípio que essa madeira é a mesma de nome **dalmagin**, referida no livro primeiro dos **Reis**, a que a Rainha de Sabá levou a Salomão.

O grande capitão Onesicrito trouxe, de sua viagem à ilha de Taprobana, situada no Oceano Índico, ao Levante, enorme quantidade dessa madeira, assim como outras coisas muito esquisitas — o que foi muito apreciado por Alexandre, seu chefe.

"O pau-brasil do litoral do Rio de Janeiro, de Morpion e do Cabo Frio é melhor do que o das costas da região dos Canibais e do Maranhão. Quando os europeus, franceses ou espanhóis vão a êsses lugares carregar o pau-brasil, os próprios naturais o cortam e decepam, trazendo, algumas vêzes, de matas distantes três ou quatro léguas, até o local onde se encontram os navios. E é fácil imaginar com que trabalho fazem isso, só pelo gôsto de conseguirem uma pobre camisa ou qualquer atavio de pouco valor..."

Hoje, infelizmente, é o pau-brasil bastante raro.

Ilustres personagens já sugeriram, sem melhor resultado, que em tôdas as grandes praças públicas, das principais cidades do país, fôsem plantados alguns pés de pau-brasil, a exemplo do que se vê em Belo Horizonte, na praça Afonso Arinos, onde existe um magnífico exemplar dessa Leguminosa, plantada, no Dia da Árvore, (13-9-1951) como Árvore da Amizade, pelo Rotary Club daquela cidade.

Porque a verdade, a dolorosa verdade, é que quase ninguém, hoje em dia, conhece a árvore que deu seu nome à nossa pátria.

O PINHEIRO

Houve um mancebo frígio, por nome Atis, que se viu encarregado por Cíbele do cuidado de seus sacrificios.

Uma das muitas condições que o jovem deveria cumprir ao exercer o sagrado ministério era o de nunca violar a castidade.

Aconteceu, porém, que veio visitar o santuário de Cíbele a ninfa Sangarida ou Sangáris, virgem de extremada beleza.

A ardente ninfa, ao ver o belo adolescente, tomou-se de furiosa paixão por êle. Não se passava dia sem que Sangáris viesse ao jovem para testemunhar-lhe seus sentimentos. E um dia, encontrando-se a sós com êle na sagrada lapa, mostrou-se em tôda a sua esplendente nudez. Atis não resistiu aos encantos da ninfa. Durante dias os dois amantes viveram num alheiamiento completo, esquecidos do mundo, absorvidos naquele amor insensato e violento que fazia as próprias florestas emudecerem de espanto.

Por fim, saciado o seu ardente desejo, Sangáris foi embora.

Sòzinho na sua gruta, sem o aguilhão alucinante do amor a espicar-lhe o espírito e a carne, Atis entrou a reconsiderar o grande crime que cometera. E encheu-se de tal desespero que, alucinado, mutilou-se bárbaramente.

Cíbele, condoida do infeliz mancebo, metamorfoseou-o em pinheiro.

Assim se explica o fato de ser tal árvore consagrada à deusa da terra e dos animais.

A. M. Guillemin, no seu livro *Récits Mythologiques*, dá outra versão desta história: "Rhéa, la mère des dieux la grande mère qu'on appelait aussi Cybèle, était honorée d'un culte fort ancien à Pessinonte, sur la frontière de la Phrygie. Elle était représentée dans son temple par une pierre noirâtre, probablement un aérolithe. Sa légende s'était compliquée de celle d'une divinité égyptienne qui eut une grande fortune dans l'antiquité, Attis.

La déesse aurait recueilli ce jeune dieu, abandonné par ses parents, sur les bords d'un fleuve. Après avoir joui de ses bienfaits, il lui aurait été infidèle. Frappé de folie en punition de son erreur, il se serait blessé lui-même dans un de ces accès de violence mystique communs dans certaines religions de l'Inde et de l'Afrique. Il revint plus tard à la déesse, et dès lors appartint sans retour à son service. Ces avatars étaient célébrés par de grandes fêtes; pendant trois jours, les femmes faisaient retentir leurs thrènes, accompagnés de la flûte et du tympanum, en honneur du deuil de son départ; puis on portait solennellement au temple un pin représentant Attis rentré en grâces".

A *Mythologie grecque et romaine*, de P. Commelin, traz o seguinte com referência a Attis: "Fille du Ciel et de la Terre et, par suite, la Terre elle-même, Cybèle, femme de Saturne, était appelée la **Bonne déesse**, la **Mère des dieux**, comme étant mère de Jupiter, de Junon, de Neptune, de Pluton et de la plupart des dieux du premier ordre. Aussitôt après sa naissance, sa mère l'exposa dans une forêt ou des bêtes sauvages prirent soin d'elle et la nourrirent. Elle s'éprit d'amour pour Atys, jeune et beau Phrygien auquel elle confia le soin de son culte, à condition qu'il ne violerait pas son voeu de chasteté. Atys oublia son serment en épousant la nymphe Sangaride, et Cybèle l'en punit dans la personne de sa rivale qu'elle fait périr. Atys en éprouva un violent chagrin. Dans un accès de frénésie l'infortuné se mutila lui-même; et il était sur le point de se pendre, lorsque, touchée d'une compassion tardive, elle se changea en pin..."

Conta a mitologia que Pitis, ninfa de extraordinária beleza, tomou-se de amores por Bóreas, vento setentrional, filho de Astreu e de Eribéa.

Mais tarde, porém, com a inconstância própria do sexo, vendo-se sòzinha já que Bóreas percorria distantes regiões, deixou-se seduzir pelo trêfego deus Pã, protetor dos rebanhos e dos pastores.

Não tardou muito e o sanhudo Bóreas regressou do seu giro pelo mundo. De imediato conheceu que Pitis o traíra. Infinitamente indignado, arrebatou-a num violento redemoinho e arrojou-a sôbre agudos rochedos, onde a infeliz ninfa em breve veio a expirar.

A mãe terra — **mater tellus** — compadecida da triste sorte que coubera a tão formosa criatura, mudou o seu corpo outrora escultural, reduzido a postas pela queda, num soberbo pinheiro.

E desde então essa árvore, com a sua folhagem fúnebre e peregrina passou a ser símbolo de luto e dor.

Há uma lenda araucana, recolhida pela senhora Berta Koessler (Argentina), referente ao pinheiro das cordilheiras (**araucaria imbricata**), que em Neuquém possui o nome de **Pehuén**.

Assim diz a lenda: "Certa manhã uma **ñiuke** (mãe índia) vendo que o inverno chegava e que seu espôso Kalfu — Kir (Lagarto — Azul) não retornava ao calor da sua **ruca** (choça indígena araucana), pediu ao seu filho que o fôsse buscar.

O jovem, bem suprido de víveres, iniciou a longa e penosa marcha através dos vales e das montanhas.

Um dia viu um **pehuén** e como não podia passar de largo sem dar-lhe uma oferenda, colocou uma das suas sandálias nos ramos da árvore.

Prosseguindo seu caminho encontrou uma tribo desconhecida que o tratou cordialmente. Enquanto dormia, porém, fatigado da caminhada, atáram-no de pés e mãos e roubaram-lhe tudo quanto trazia. Depois, ligado como estava, expuseram-no ao cruel **nahuel** (tigre).

Sua mãe, entretanto, teve um pressentimento e saiu a buscá-lo.

No caminho encontrou os restos de **Kalfü-Kir**, seu infeliz marido. Cheia de dor cortou os cabelos que cobriam sua fronte e prosseguiu na busca.

Enquanto isto seu filho estava a ponto de expirar. Naquele transe, erguendo os olhos viu o jovem, na serrania, um formoso **pehuén**. E exclamou:

— Oh! Se tu fôras minha mãe (**ñiuke**), ó boa árvore de copada ramagem, por certo não me deixarias aqui exposto às feras. Vem cá! Vem cá!

Como se entendesse o apêlo desesperado do jovem, o soberbo pinheiro arrancou suas raízes da terra e acercou-se do moço índio. Cobriu-o com seus ramos e folhagens, defendendo-o dos animais com os espinhos.

Entretanto chegou a mãe ao lugar onde jazia seu filho e desamarrou-o das cordas que o envolviam. Agradeceu ela à árvore e não só deixou-lhe a outra sandália do filho mas ofereceu-lhe, também, seu próprio calçado e vestes. Começaram, então, o caminho de volta, acompanhados sempre pelo pinheiro até onde foi necessária sua proteção.

Quando o pinheiro se deteve e não caminhou mais, deram áquele lugar o nome de **Ñiuke** (mãe), que mais tarde, por deturpação, mudou-se para **Nuequén**"

Didi Caillet, hoje senhora Pedro Calmon, publicou na **Revista do Globo** n. 19, de 1929, a **Lenda do Pinheiro**. Ei-la:

"Havia num país longe, para lá das terras dos sonhos, onde o céu é sempre estrelado, no reino azul de um santo rei, o mais lindo príncipe do mundo. Era alto e esbelto como o seu mais guapo guerreiro; os cabelos revoltos desmanchavam-se-lhe em tórno da cabeça alta, auréola doirada, e o seu sorriso lhe iluminava a face como o sol, ao levantar-se, clareia e aquece a natureza.

Morava a sua namorada no meio de uma planície vasta — tão ampla e tão chata como o mar que se tivesse petrificado — num delicioso bosque de faias onde ela se escondia, para proteger dos rigores do dia escaldado a brancura imaculada de suas mãos de fada. Eanhava-se numa torrente que parecia, ao sol pleno, feita de pérolas que rolavam.

E cantava aos luars saudcosos, melancólicas endeixas de amor.

Diariamente, ao sol pôsto, os apaixonados se reviam na auréola do bosque, e então a planície imensa e o firmamento brando ouviam os mais suaves juramentos de amor que já dois noivos trocaram. Até que...

Poderes miraculosos tinha o rei daquele reino azul, e movido pelos conselheiros sagazes, que lhe advertiam desse ao príncipe encantador mulher de sangue real, resolveu converter numa pobre árvore dos campos a ninfa do bosque de faias.

A loucura escureceu o cérebro do mancebo, ao procurar em vão, na planície sem fim, a sua amada e as faias de sombra por onde um riacho corria.

Tôda a sua cólera pesou, implacável, sôbre o reino do santo rei e depois de terríveis represálias que comprometeram a tranquilidade do país, errou, doido, pelos prados, erguendo alucinado os braços para o céu, a gritar que lhe restituíssem o seu amor perdido.

A piedade do rei mago socorreu-o: mas como não podia fazer com que a faia dos campos voltasse a ser mulher, converteu em árvore, também, o príncipe delirante. Numa árvore alta como tórre, que parece querer enfiar no céu de turquesa os braços trêmulos, que o desespero fustiga, e ainda com a coroa real equilibrada muito lá em cima, sôbre uns ombros desfeitos que as tempestades chicoteiam, e que, nos crepúsculos triste imitam, de encontro ao incêndio do horizonte, o perfil sofredor do rei Tazir! Essa árvore foi o pinheiro".

A lenda do dilúvio caingangue, tribo que habitou as terras onde hoje se estende o Paraná, faz alusão a um pinheiro no qual o valente Aré salvou-se da inundação que cobrira a terra. A palmeira de Tamarandá, nesse mito, é substituída pelo pinheiro de Aré.

Assim diz a lenda: "Depois que muito choveu e a terra ficou coberta de água, Aré, valente chefe caingangue, o mais valente de todos, subiu a um pinheiro e esperou que a terra, novamente, surgisse a seus olhos.

Descendo da árvore, quando as águas foram embora, como estivesse sôzinho, raptou uma virgem que se banhava nos goioerês. A tribo ressurgiu dêsse casal e se fez forte como antes".

Com referência ao pinheiro, João Cezimbra Jacques, no seu interessante livro, **Assuntos do Rio Grande do Sul**, à página 246, e seguintes, faz as observações que transcrevo:

"No Estado existem duas espécies de pinheiro: o **curiy**, do guarani, e o chamado **pinheiro bravo**, o qual é tortuoso e não dá frutos comestíveis como aquêle, se prestando para tábuas algumas árvores retas, as quais constituem exceção. O **curiy** está no número das mais

formosas árvores do Rio Grande do Sul. É reto, cresce consideravelmente, sobrepujando as outras árvores da floresta de que faz parte.

Essa árvore vegeta em grande quantidade em uma parte da região serrana, a leste do rio Jacuí, nos municípios de Soledade, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria, São Francisco de Paula de Cima da Serra, de Viamão, sem falar de alguns pinheirais de outros municípios, tais como Guaporé, Santa Maria da Bôca do Monte e outros.

A referida espécie dá excelente madeira, própria para diferentes misteres, tais como a tábuca, muito preferida para assoalho, visto resistir bem às lavagens dos mesmos. Dá uma linha quase de forma esférica, formada pelos frutos, pinhões, e pelos que se chamam **falhados**.

O pinhão contém amido, é muito alimentício e excitante afrodisíaco; é uma bela fruta saborosa que faz parte da alimentação dos índios e das populações rurais das ditas zonas. É fruta muito estimada. Além de ser o pinhão vendido em sacos como os de milho, nos povoados, em que se o come cozido, os habitantes dos pinhais (pinheirais) fazem dessa fruta farinha e **paçoca**, as quais comem com leite. É um excelente prato. Fora disso come-se a mesma fruta assada e cozida.

Usam fazer o que chama **sapecada**, espécie de **pic-nic** no mato. Para realizar as sapecadas juntam-se às vezes mais de uma família que, munidas de comestíveis, vão ao mato de pinheiros e ali debaixo de alegria, como um exercício para reagir contra o frio de inverno, juntam, o pinhão caído dos pinheiros, pois as pinhas maduras quebram-se naturalmente, e com os próprios ramos secos dos pinheiros, que têm o nome de **grimpas**, fazem uma fogueira: põem uma camada de **grimpas** e outra de pinhões, em seguida outra de **grimpas** e assim por diante, em seguida prendem fogo no monte assim preparado. Quando se extingue a fogueira está a sapecada pronta, os pinhões estão assados. E dêste modo prontos, com um pedaço de pau, **macete**, dão uma ou duas pancadas no pinhão ainda quente e assim êle salta logo da casca, sendo saboreado imediatamente”.

E mais adiante o citado autor continúa:

“A árvore referida, o pinheiro, também é encontrada fora da cordilheira, Serra Geral, em grandes capões, e mesmo um que outro isolado nos campos de Cima da Serra.

Falando ainda dessa primeira espécie, o **curiy**, cumpre dizer que pinhão, além de ser um alimento do homem, alimenta também os gados vacum e suino com grande vantagem, engordando os ditos animais, rapidamente.

No pinheiro, para que haja fecundação, é necessário que a árvore fêmea esteja em lugar onde exista a árvore macho. Na primeira espécie **curiy**, há uma qualidade de pinheiro — **caáyúvê** — palavras guaranis, do qual o pinhão amadurece mais cedo do que os vermelhos.

Em regra o pinheiro começa a dar pinhas aos 16 anos.

Árvores há dessa espécie cheias de nós a que chamam **nós de pinho**. O **nó do pinho** além de ser um excelente combustível que se presta até para iluminação, presta-se também para diversos artigos de indústria, torneados”.

O pinheiro riograndense é contradicho nas trovas e nas quadras populares. Citemos algumas:

Pinheiro me dá uma pinha,
Pinha me dá um pinhão,
Menina me dá um abraço
Que eu te dou meu coração.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhão,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixão.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Dos homens nasce o zêlo,
Da mulher a ingratidão.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração.

Oliveira Bello, no seu trabalho **Os farrapos**, esbôço de um romance brasileiro, editado no Rio de Janeiro, em 1878, traz as seguintes quadras alusivas ao pinheiro:

Pinheiro me dá uma pinha,
Que eu te darei um pinhão,
Mocinho, me dá um abraço
Ai! Meu bem!
Que eu te darei meu coração.

Que pinheiro tão alto,
Que de alto se vergou,
Que mocinho tão ingrato
Ai! Meu bem!
Que de ingrato me deixou!

Múcio Teixeira no **Os Gaúchos** registra esta quadrinha:

Do pinheiro nasce a pinha,
da pinha nasce o pinhão;
do homem nasce a firmeza,
da mulher a ingratidão.

Sílvio Romero, nos **Cantos Populares do Brasil** coligiu trovadas típicas do Rio Grande do Sul:

Oh! Que pinheiro tão baixo,
com tamanha galharada!
Nunca vi moça solteira
com tamanha filharada.

Oh! Que pinheiro tão alto,
que de alto se envervou!
Que menina tão ingrata
que de ingrata me deixou!

Do pinheiro nasce a pinha,
da pinha nasce o pinhão,
da mulher nasce a firmeza,
do homem a ingratição.

Em São Paulo tem curso a quadrinha seguinte.

Pinheiro, dá-me uma pinha.
roseira, dá-me um botão;
menina, dá-me um abraço,
que te dou meu coração.

Fonte não desprecienda de riqueza, do nosso Estado e do Estado vizinho, o Paraná, anda sempre o pinheiro associado às gralhas, aves ainda hoje bastante abundantes na região serrana.

Foram as gralhas, no dizer do povo, as plantadeiras dos vastíssimos pinheirais, hoje dizimados bárbaramente, que se estendiam a perder de vista. Buscando guardar os pinhões costumam essas aves armazená-los em covas e buracos onde germinam e se transformam em majestosas florestas.

A BANANEIRA

A bela musácea conhecida pelo nome vulgar de bananeira (*Musa Sapientium*), tão comum entre nós, em suas variadas espécies, é um vegetal que, na crença popular remonta às origens da criação do mundo, pois, de acôrdo com a tradição, Adão e Eva comeram de seus frutos no Paraíso terreal.

Efetivamente, sua origem asiática — isso na suposição de que o Éden, de fato, estivesse localizado na Ásia — magistralmente discutida e comprovada por A. de Gandolle (1806-1893), e a sua classificação botânica de *Musa Paradisiaca*, imposta pelo sábio Lineu, autorizam, não há dúvida, a popular lenda.

Pacova ou pacoba é designação comum, em o norte do país, para a banana.

Na linguagem cotidiana a apreciada fruta figura em um sem número de provérbios, gnomas, parêmiás, expressões da gíria e termos vulgares.

Dar uma banana, gesto comum e popular que se faz com os dedos indicador e polegar, indicando que não se dará, de forma alguma, o que o outro deseja.

Bananeira que já deu cacho se diz dos indivíduos que passaram da idade para determinado feito ou ação.

Plantar uma bananeira significa levar uma queda. E' muito mais usada a expressão **plantar uma figueira**.

Um banana é um sujeito sem energia, abúlico, apático, atoleimado ou palerma.

Gostar de alguma coisa como macaco de banana, indica que se quer muito ou se gosta muito de algo.

De pessca muito dada às lágrimas costuma-se dizer que **tem mais água do que bananeira**.

A poesia popular anda cheia de quadras referentes à bananeira e às bananas. Vejamos algumas.

Das **Mil Quadras Populares Brasileiras**, por Carlos Goes, extrai-mos a seguinte:

Me trepei na bananeira,
me enrolei com o mangará;
comi banana madura
até o gato miá.

Do **Cancioneiro Capixaba de Trovas Populares**, por Guilherme Santos Neves, constam estas quadrinhas:

A fôlha da bananeira
bota verde, cai madura.
Assegura sua palavra
que a minha está segura.

A fôlha da bananeira
de comprida foi ac chão.
Mais comprida foi a fita
que laçou meu coração.

Bananeira é mulher rica
pelos filhos que ela tem.
Corta o cacho, morre a mãe,
fica os filhos sem ninguém.

E vem a lua saindo
por detrás da bananeira.
Já me dói a céu da bôca
de beijar moça solteira.

A fôlha da bananeira
de comprida amarelou.
A boca do meu benzinho
de tão doce açucarou.

A fôlha da bananeira
de tão grande foi ao chão
Quem tiver língua comprida
faça dela um **currião**.

Eu nunca vi bananeira
soltar cacho na raiz
Nunca vi rapaz solteiro
ter palavra no que diz.

Lá vem o sol entrando
por cima da bananeira.
Dá lembrança à minha gente,
minha mãe seja a primeira.

Théo Prandão, autor das **Trovas Populares de Alagoas**, coligiu várias quadrinhas sôbre a bananeira:

A fôlha da bananeira
de comprida amarelou:
a boquinha de meu bem
de tão doce açucarou.

Bananeira bota cacho,
também bota seu buzinho.
Eu não posso me esquecer
da cara do meu benzinho.

Lá vem a lua saindo
por detrás da bananeira;
já me dói o céu da boca
de beijar moça solteira.

No **Cancioneiro Tanabiense** encontrei esta quadra:

A fôlha da bananeira
de tão verde amarelou;
a boca do meu benzinho
de tão doce açucarou.

A quadra que abaixo transcrevo vem no **Quadrinhas do Folclore Ilhéu** (Santa Catarina), de Osvaldo F. de Melo Filho:

Bananeira chora, chora,
pelos filhos que tem;
cortam o cacho, chora a mãe,
ficam os filhos sem ninguém.

Do **Folclore Pernambucano**, por Francisco Augusto Pereira da Costa, publicado no tomo LXX, parte II, 1907, da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tirei as duas quadras que a seguir transcrevo:

Passarinho que cantais
no ôlho da bananeira,
passarinho, quando fores
dá lembrança à minha gente,
e minha mãe seja a primeira

As fôlhas da bananeira
bolem com o ar e o vento;
menina, êstes teus olhos
bolem com meu pensamento.

O **Tratado Descritivo do Brasil em 1587** é, talvez, a obra mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista; Gabriel Soares de Sousa, autor do livro, como êle mesmo afirma, residiu 17 anos no Brasil, e, de volta a Madri ofertou seu trabalho a Cristóvão de Moura.

Dessas **lembranças por escrito**, como lhes chama o autor, tirei o seguinte capítulo que é o L, em que se declara a natureza das pacobas e bananas:

“Pacoba é uma fruta natural desta terra, a qual se dá em uma árvore muito mole e fácil de cortar, cujas fôlhas são de 12 e 15 palmos de comprido e de 3 e 4 de largo; as de junto ao ôlho são menores, muito verdes umas e outras, e a árvore da mesma côr, mas mais escura; na Índia chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fruto figos.

Cada árvore destas não dá mais do que um só cacho que pelo menos tem passante de 200 pacobas, e como êste cacho está de vez, cortam a árvore pelo pé e de um só golpe que lhe dão com uma foice a cortam e cerceam, como se fôra um nabo, do qual corte corre logo água em fio, e dentro em 24 horas torna a lançar do meio do corte um ôlho mui grosso donde se gera outra árvore; de redor dêste pé arrebetam muitos filhos que aos 6 meses dão frutos, e ao mesmo faz à mesma árvore. E como se corta esta pacobeira, tiram-lhe o cacho que tem o fruto verde e muito teso, e dependuram-no em parte onde amadureça, e se façam amarelas as pacobas; e na casa onde se fizer fogo amadurecem mais depressa com a quentura; e como esta fruta está madura, cheira muito bem. Cada pacoba destas tem um palmo de comprido e grossura de um pepino, às quais tiram as cascas, que são de grossura das das favas; e fica-lhes o miolo inteiro almecegado, muito saboroso. Dão estas pacobas assadas aos doentes, em lugar de maçãs, das quais se faz marmelada muito sofrível, e também as concertam com beringelas e são muito gostosas; e cozidas no açúcar com canela são estremadas, e passadas ao sol sabem a pêssegos, passados. Basta que de tôda maneira são muito boas, e dão-se todo o ano; mas no inverno não há tantas como no verão, e a estas pacobas chama o gentio pacobuçu, que quer dizer pacoba grande.

Há outra casta que não são tamanhas, mas muito melhores no sabor, e vermelhaças por dentro quando as cortam, e se dão e criam da mesma maneira das grandes.

Há outra casta, que os índios chamam pacobamirim, que quer dizer pacoba pequena, que são do comprimento de um dêdo, mas muito mais grossas; estas são tão doces como tâmaras, em tudo mui excelentes.

As bananeiras têm árvores, fôlhas e criação como as pacobeiras, e não há nas árvores de umas às outras nenhuma diferença, as quais foram ao Brasil de São Tomé, aonde seu fruto chamam bananas e na Índia chamam a êstes figos de horta, as quais são mais curtas que as pacobas, mas mais grossas e de 3 quinas; têm a casca da mesma côr e grossura das pacobas, e o miolo mais mole e cheira melhor como são de vez, às quais arrega a casca como vão amadurecendo e fazendo algumas fendas ao alto, o que fazem na árvore; e não são tão sadias como as pacobas.

Os negros de Guiné são mais afeiçoados a estas bananas que às pacobas e delas usam nas suas roças; e umas e outras se querem plantadas em vales perto da água ou ao menos em terra que seja muito úmida para se darem bem e também se dão em terras sêcas e de areia; quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas ver-lhes-á no meio uma feição de crucifixo, sôbre o que contemplativos têm muito que dizer”.

Lery, na sua curiosa obra **História de uma viagem à terra do Brasil**, deixou algo escrito sôbre a bananeira e seus frutos.

“A **pacoveira** — diz êle no capítulo XIII — é um arbusto em geral de 10 a 12 pés de altura, tronco grosso como a coxa de homem e tão mole que uma cutilada põe abaixo uma dessas plantas. O fruto, a **pacova**, tem mais de meio pé de comprido e é de forma semelhante ao pepino, e amarelo como êle, maduro. Crescem de 20 a 25 reunidos num só cacho. Os americanos os tomam tantos quantos possam sustentar nas mãos e assim os trazem para casa. E’ boa fruta; a casca tira-se como de figo fresco; e sendo gomosa como êste dirieis, ao ço-

mê-la, que saboreais um figo. Por essa analogia nós franceses lhe dávamos o nome de figos, embora fôsemos mais doces e saborosos que os figos de Marselha. Deve a **pacova** figurar como uma das mais bonitas e saborosas frutas do Brasil.

Conta a história que Catão, de volta de Cartago, trouxera figos de espantosa beleza, e como os antigos não mencionam fruta igual à pacova parece-me verosímil que tais figos africanos fôsem a nossa fruta.

As fôlhas da pacoveira assemelham-se na forma às do **larathum aquaticum**; são, porém, tamanhas que medem, de ordinário, 6 pés de comprimento por mais de 2 de largura, e creio que na Europa, Ásia ou África, não se encontrarão fôlhas maiores.

Ouvi a um boticário dizer que vira uma fôlha de tussilagem medindo 4 pés de largo ou 10 de circunferência; inda assim não alcança as dimensões da nossa pacoveira.

Tais fôlhas não são espessas na proporção do tamanho; delgadas e sempre eretas, quando o vento é um pouco impetuoso só o talo central lhe oferece resistência; as lâminas laterais espedaçam-se por forma tal que, ao primeiro relance, de longe, diríeis grandes penas de avestruz...

Também André Thevet da bananeira e de seus frutos. Quase todo o capítulo XXXIII é dedicado a essa espécie vegetal. Creio não ser por demais transcrever algumas linhas:

“Já que se me oferece oportunidade, descreverei, agora, outra árvore, mais pelo interêsse de sua excelente virtude e incrível singularidade, do que mesmo pelo propósito de tornar mais extenso meu tema. Trata-se da planta que os selvagens chamam **pacovera**, por ventura a mais admirável das árvores até hoje vistas. Primeiramente direi que a árvore, do chão aos ramos, não ultrapassa, aproximadamente, a altura de uma braça, não sendo a sua grossura, quando atinge a planta crescimento normal, tão grande que não possa um homem empunhar o caule com as ambas as mãos espalmadas. E êsse caule é tão tenro que se pode cortar com um golpe de faca; as fôlhas têm a largura de 2 pés, de comprimento uma braça, um pé e quatro dedos (como posso realmente asseverar).

Vi uma espécie muito semelhante à pacoveira, no Egito e em Damasco, quando de volta de minha viagem a Jerusalém: suas fôlhas, todavia, não se aproximavam da metade sequer das da planta americana. A diferença das frutas ainda é maior, pois as da árvore de que falo têm um bom comprimento, isto é, as mais crescidas, sendo tão grossas como um pepino, com o qual, aliás, se parecem muito.

A fruta dessa árvore, que na língua dos selvagens se chama **pacova**, estando madura é muito saborosa e de boa cocção. Colhem-na os índios, quando está de vez, levando-as para as suas chocas, como em regra se faz na França. As pacovas crescem em cachos de 30 a 40, bem juntas umas das outras em penquinhas quase pegadas ao tronco.

O admirável é que a árvore não produz mais do que uma vez. Quase todos os indígenas, até há alguns tempos passados, alimentavam-se dessa fruta durante uma boa parte do tempo, assim como de uma outra, que existe nos campos, chamada **hojriri**...

A FIGUEIRA

Escolhida por Júpiter e por Baco, a figueira estava destinada a representar importante papel na civilização antiga.

Desde tempos imemoriais fôra a figueira consagrada a Ceres e era uma das árvores adoradas por vários povos gregos, sobretudo pelos Atenienses e pelos Lacedemônios.

Entre os Romanos gozava a figueira de indiscutível prestígio e da veneração geral, mercê da lenda que remonta aos primórdios da fundação da cidade. Diz essa tradição, tão cara aos romanos, que Rômulo e Remo, filhos da vestal Réia Sílvia e do deus Marte, descendentes de Ascânio, filho de Enéias, foram lançados no Tibre e conseguiram escapar graças a uma loba que os amamentou sob uma figueira, onde se abrigavam os dois meninos. Daí os Romanos chamaram a figueira de árvore dos **Ramni**, ou, ainda, **ficus ruminalis**.

Conta a mitologia que Demeter, em Eleusis, dera a Fítalo — cujo nome significa “O Plantador” — a primeira figueira que se tem notícia. Dêsse exemplar de origem divina, do qual descendem tôdas as figueiras que há no mundo, via-se representações no Propileu de Atenas.

Velha tradição afirma que tôdas as figueiras sagradas que sombreavam a Acrópole de Atenas eram, também, de origem divina. Por tal razão somente os sacerdotes e os iniciados nos mistérios de Demeter podiam colhêr os figos que lá nasciam em abundância.

A figueira, juntamente com a parra e a oliveira, é a árvore que mais ocorre no Antigo Testamento, e isso pela razão de ser ela considerada pelos Hebreus como dádiva muito especial outorgada pelo Céu aos pobres filhos de Adão.

Simbolizava a figueira a abastança e a fartura.

Convém não esquecer que para o povo escolhido — os Judeus — o pão, o vinho, o azeite e os figos representavam a base da alimentação.

Figura, também, em vários lugares, a figueira em o Novo Testamento. No capítulo VII, versículo 16 do Evangelho de São Mateus, Cristo pergunta à multidão que o ouve: “Porventura os homens colhem uvas dos espinhos ou figos dos abrolhos?”

Colhêr figos dos abrolhos passou a provérbio.

No capítulo XXIV, versículo 32, do Evangelho de São Mateus, Nosso Senhor se serve duma comparação tomada da figueira para explicar o fim do mundo: “Aprendeí, pois, o que vos digo, por uma comparação tirada da figueira: quando os seus ramos estão já tenros, e as fôlhas brotaram, sabeis que está perto o estio...”

Belíssimo trecho do Evangelho é aquêlê em que São Marcos nos narra, no capítulo XI, versículo XI, e seguintes, a história da maldição lançada contra a figueira estéril: “... E, no outro dia, saindo de Betânia teve fome; e tendo visto ao longe uma figueira que tinha fôlhas, foi lá a ver se acharia nela alguma coisa; e quando chegou a ela nada achou senão fôlhas: porque não era tempo de figos. E, falando lhes disse: Nunca jamais coma alguém fruto de ti para sempre. E os seus discípulos o ouviam...”

E sabemos, por outro trecho do mesmo Evangelho, que a árvore secou: “E na manhã seguinte, ao passarem, viram que a figueira ficara sêca até às raízes. Então, lembrado Pedro, lhe disse: Olha, Mestre, como secou a figueira que amaldiçoaste...”

Origina-se dêsse episódio bíblico a fama que possui a figueira — em alguns lugares — de ser árvore maldita. Mais logo veremos que

tal suposição se funda, também, numa outra tradição, por sinal bastante discutível.

Vê-se nas decorações de igrejas e mosteiros, que datam do século XI ao XV, a passagem bíblica de Zaqueu subindo a um sicômoro para ver Jesus que passava. São Lucas é quem relata o acontecido, no capítulo XIX, versículo 1 e seguintes: "E tendo entrado em Jericó atravessava Jesus a cidade. E vivia nela um homem chamado Zaqueu; e era êle um dos principais entre os publicanos, e pessoa rica. E procurava ver quem era Jesus; e não podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. E correndo adiante subiu a um sicômoro para o ver..."

Esse sicômoro tem dado azo a muita disputa e discussão. Parece, porém, que é simplesmente uma espécie de figueira — *ficus sycomorus* — ainda que o Evangelho traga a expressão — *arborem sycomorum*.

São sem conta os lugares, tanto do Novo como do Antigo Testamento, em que aparece a figueira. Se fôssemos citá-los a todos, por certo encheríamos não poucas páginas.

Entre grande parte do nosso povo está firmemente arraigada a crença de que aquela espécie de figueira que não produz frutos, de copa larga e majestosa, que atinge às vêzes dimensões respeitabilíssimas, está consagrada ao demônio. Por quê?

A nossa gente dá duas razões:

1) Por ter sido numa destas árvores que o infeliz Judas se enforcou; e

2) Em virtude de serem tôdas as figueiras estéreis descendentes daquela sôbre a qual desceu o anátema de Jesus — que já vimos acima — "Nunca jamais coma alguém fruto de ti para sempre", *Jam non amplius in aeternum ex te fructum quisquam manducet*.

Muito bem que o trecho das Sagradas Letras explique a improdutividade dessa espécie de figueira. O que se não compreende é que a maldição de Cristo atingisse tôda a sua descendência — já que ela ficara sêca sob o pêso da excomunhão — e que essa mesma descendência se visse, de imediato, sob as garras do demônio.

A outra explicação diz respeito ao suicídio de Judas.

Ainda que a Sagrada Escritura não indique de que maneira o abjetó traidor enforcou-se — se numa árvore ou de qualquer outra maneira — a tradição muito antiga que há a respeito nos diz que êle deu cabo da vida suspendendo-se de uma figueira. Foi o quanto bastou para que a árvore caísse sob o poder do diabo.

Diz o povo da campanha que sob tais figueiras o diabo se acolhe para fazer mal aos Cristãos. Origina-se dessa crença o costume — que já me foi dado observar muitíssimas vêzes — de se persignarem as pessoas ao cruzarem por uma dessas árvores, principalmente quando ela avulta, solitária, no alto da cochila, em meio do campo ou à beira da estrada.

Quando chove não presta ficar embaixo duma figueira. O raio, inevitavelmente, a atingiria, com grande perigo do que sob ela se acolhesse.

E' curioso observar que tal crendice não faz distinção entre os vários tipos de figueiras: tôdas elas, neste particular, são vitandas, por atraírem os raios.

Outra tradição que corre entre o povo é aquela que afirma: "Queda de figueira uma parte não fica inteira". Cair de uma figuei-

ra, dizem, representa sempre queda mortal, ou, ao menos, gravíssima. A mesma crença tem curso em Portugal.

No **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**, de Gabriel Soares de Souza, há uma referência às figueiras do Brasil que quero para aqui transcrever. Diz o autor à páginas 179:

“As figueiras se dão de maneira que no primeiro ano que as plantam vem como novidade, e daí por diante dão figos em todo o ano, às quais não cai fôlhas; e as que dão logo novidade e figos em todo o ano são figueiras pretas, que dão mui grandes e saborosos figos pretos, e as árvores não são muito grandes, nem duram muito tempo, porque como são de cinco, seis anos, logo se enchem de carapatos que as comem, e lhe faz cair a fôlha e ensoar o fruto os quais figos pretos não criam bicho como os de Portugal. Também há outras figueiras pretas que dão figos bebaras mui saborosos, as quais são maiores árvores e duram perfeitas mais anos que as outras, mas não dão a novidade tão depressa como ela”.

Se há grande número de poesias sôbre a figueira, diminuto é o acervo de quadrinhas populares que dela tratam. Do livro **Os Gaúchos**, de Múcio Teixeira, extraí a seguinte quadra:

No oco de uma figueira
achei um ninho de anu;
para negar o que fazes,
ninguém melhor do que tu.

Plantar uma figueira é expressão popular para designar uma queda, um tombo.

O fruto da figueira entrou em vários vocábulos da nossa língua, como **sicófago**, **sicomancia** e **sicofanta**.

Essa última palavra, **sicofanta**, possui interessante etimologia. Significa pessoa mentirosa, caluniadora e velhaca. Tem sua origem em duas vozes gregas, **Sykon**, figo, e **Faino**, eu mostro ou descubro.

Consta que nas terras da Hêlada foi vedado, certa ocasião, aos negociantes a exportação de figos, negócio assás lucrativo naquelas priscas eras. Aquêles que a trôco de uma boa paga denunciavam os exportadores clandestinos vieram a ser apelidados de **sicofantas**.

Outros derivam a origem do vocábulo do fato de, numa determinada época terem sido as figueiras sagradas de Atenas despojadas sacrilégamente de todos os seus frutos. Os ladrões foram denunciados e **sicofantas** ficaram sendo chamados os delatores.

Em grego **Sykofântes** é a designação para o delator dos contrabandistas de figos, e, por extensão, de qualquer delator.

Mais tarde, por uma travessura semântica, é que a palavra veio a assumir o significado que hoje lhe conhecemos.

Aspectos do folclore guasca

por Noemy Valle Rocha

N. R.: — O que se vai ler é uma belíssima coletânea de material valioso do rico folclore guasca e integra a palestra "Conceitos gerais sôbre Folclore" que a distinta e culta autora proferiu, a 8 de agosto de 1953, na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, da qual faz parte.

LINGUAGEM

Um dos capítulos sem dúvida de maior importância do folclore, refere-se à linguagem do povo ou mais propriamente ao seu linguajar. Assunto vastíssimo, para volumes inteiros, como aliás, já existem vários glossários, não cabe senão em detalhes sucintos tratá-los aqui.

O que deve predominar nêsse capítulo, quiçá em todos os capítulos do folclore é a verdade. Deturpá-la será deformar, adulterar o próprio folclore. Se é verdade que muitos escritores usam de fidelidade quando reproduzem termos populares do caipira e no nosso caso em especial do mambira gaúcho, não raro encontramos exageros lastimáveis, que até deprimem os nossos camponêses. Reproduzir com sinceridade seu modo de falar, seus hábitos, suas coisas, enfim sua própria vida, é fazer patriótico estudo do folclore. O escritor que, se dedicar a êsse capítulo, tem naturalmente de investigar a procedência, a raiz das palavras empregadas diferentemente das pessoas cultas. É preciso levar em conta que muitas

delas provêm do próprio português antigo e em desuso. Outras dos povos que invadiram o território brasileiro.

Não é de boa norma e convenhamos até uma deslealdade alguns escritores exagerarem o caipirismo gaúcho. Levado a outras plagas, péssimo juízo farão do nosso povo. Será taxado de muito primitivo, sem evolução, o que aliás é falso.

Como exemplo de relance, pois não estamos fazendo sôbre isso estudo especializado, citemos o fato de escritores, até de renome, usarem nas suas produções no fim das palavras em lugar de **o** e **e** as letras **u** e **i**. É um êrro assim procederem; pois é a prosódia exata, dicionarizada, embora estejam ali presentes — as letras **o** e **e** Ex.: menino — meninu; êle — eli).

Alguns nortistas, é verdade, têm uma pronúncia mais aberta na acentuação postônica. Como também usam dar ao **x** o valor de **ch** em certas palavras, como por exemplo **reflecho** em vez de **reflexo**. A supressão do **r** no infinito dos verbos não é privilégio exclusivo do nosso matuto, ouvimos a todo instante entre pessoas cultas, porém descuidadas na dição se expressarem assim: dizê, querê, mandá etc.

Povos vizinhos — Como sabeis para orgulho nosso o Brasil tem limites comuns com os adeantados países Uruguai e Argentina. O entrelaçamento da nossa amizade com êsses países tão cordialmente amigos nos trouxe uma proximação e quase igualdade nos hábitos e modas.

Também nossos idiomas estão em muito confundidos ou misturados. É clara a influência platina na língua portuguesa. Vejamos em traços rápidos alguns exemplos: em português temos o sufixo **inho** ou **inha**, que seguidamente trocamos por **ito** ou **ita**, que é castelhano, assim dizemos: senhorita em vez de senhorinha, espacito em lugar de spacinho. Nas fronteiras abundam tanto as expressões platinas que pelo hábito de ouví-las parecem nossas. Citemos algumas corretamente ouvidas: arreglar, sombrero, bueno, plata, à la cria, à la fresca, cagetilha, miles, gracias, acordena, perro e muitas outras. Muitas delas já figuram frequentemente o influxo platino na palavra "**mui**" em vez de muito, principalmente na poesia. A forma apocopada da palavra "muito" foi antigamente usada, porém depois o seu uso tornou-se restrito. Posteriormente ela surge com mais frequência, talvez pêlo entrelaçamento maior nos últimos anos com os castelhanos.

Donde concluímos que o **mui** é agora uma influência platina. Da mesma maneira na fronteira ouvimos dizer: madre, em vez de mãe. Embora a palavra madre venha do latim, acreditamos que criaturas simples do campo nunca ouviram falar do latim (que é uma língua morta) quanto mai sconheceram as palavras que dêle derivam.

O estudo da linguagem caipira é antigo entre nós. Como homenagem aos seus méritos citaremos entre nós os escritores: Antônio do Vale Caldre Fião que usava termos regionalistas em seus romances e artigos (O corsário e Divina Pastora em 1852). Apolinário Pôrto Alegre — enunciar êsse nome não é apenas fazer uma citação entre autores, mas uma honra e glória, para nós riograndenses. Nenhum dos nossos escritores o sobressaiu na cultura vasta em todos os terrenos: poliglota profundo até do guaraní e quichua. Pêlos moldes de generalidades dêste tema, apenas citaremos os seus trabalhos regionalistas de indiscutível valor: O Vaqueano (romance em 1869), Lulucha, (novela em 1873), Bromélias (poesias em 1874), Paisagens (1875), O Gaúcho, poema; Pcpularium Sul-Riograndense

(ensaios), Cancioneiro da Revolução de 1835 (... folclore), Os Butiazeiros de Tia Anastácia (conto), Feitiço duns beijús (novela), Tapera (romance).

Múcio Teixeira — Flores dos Pampas, 1875. Graciano de Azambuja (1875) ocupou-se de trovas e dansas populares. Carlos von Koseritz colecionava poesias riograndenses e publicava-as nos jornais em 1880. Estão ainda entre os escritores antigos Ramiro Barcelos, Coruja (Dr. Sebastião de Leão).

Mais recentes: Vargas Neto; Nogueira Leiria; Darcy; Azambuja (No galpão, 1926); Alcides Maia, Simões Lopes Neto 1910, Cancioneiro guasca, 1912 Contos gauchescos, 1913 Lendas do Sul. Esses trabalhos, hoje estão reunidos em um só volume, sob o título — Contos Gauchescos e Lendas do Sul, obra de grande valor folclórico, com um glossário de 50 páginas. Paulo Arinos, Roque Callage (grande estudioso do vocabulário gaúcho), José Saldanha, Clemenciano Barnasque (No pago, Manchas pampeanas e outros trabalhos). Ainda em plena atividade, os brilhantes escritores, historiadores e conferencistas Dante de Laytano e Otelo Rosa, professores de folclore da nossa Universidade. As inteligências moças de Ciro Martins, Antônio Carlos Machado e Geraldino Ferreira, os dois últimos diretores da revista — Querência, que há alguns anos deixou de aparecer, infelizmente.

Walter Spalding em 1949 enviou ao Congresso Luso Brasileiro, em Lisboa, os trabalhos — Fandanguando, Cantigas e danças populares no Rio Grande do Sul, Coleção de superstições. Sua pena é fértil não só nesse terreno, mas também na história e literatura pátrias. Glauco Saraiva, Hélio J. Moro, Artur Ferreira Filho, Ari Martins e inúmeros outros, que torna-se impossível citá-los todos. Também o Rio Grande do Sul tem tido sociedades de intelectuais, que muito têm contribuído para a cultura em geral, fazendo dessa sorte parte integrante das nossas tradições. A mais antiga e importante foi o Partenon Literário, há mais de um século. Depois em 1872 a Sociedade Ensaio Literários. No seu seio, encontravam-se Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Barreto Filho etc.

Atualmente temos duas importantes entidades literárias em Pôrto Alegre: a Academia Sul Riograndense de Letras e a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. A primeira publica anais de sua atividade, a segunda, tem seu órgão de publicação trimestral, revista denominada "Atenéia". Ambas congregam elementos de valor cultural e interessados nas nossas tradições. Existem também outros valores não congregados.

Digno de nota no folclore gaúcho é a sociedade "35 Centro de Tradições Gaúchas" já pelos elementos de valor de que se compõe, já pela fidelidade com que apresenta os nossos costumes.

Em 1950 realizou-se uma exposição de coisas gaúchas no salão nobre do Correio do Povo, constou de apresentações de desenhos referentes às lendas gaúchas e fotografias dos pampas e cenas campestres, coleções de cerâmicas de tipos e costumes riograndenses, objetos antigos de montaria e pesca e apetrechos usados pelo homem do campo. Recentemente no dia 18 de julho p. p. data da Jura de la Constitución del Uruguay, o Rio Grande do Sul fez-se brilhantemente representar em Montevidéu pelo 35 Centro de Tradições Gaúchas. Esse Grêmio foi gentilmente acolhido pelo nosso embaixador Walter Jobim.

HABITAÇÃO — A habitação do mambira foi muito simples e primitiva. Chamava-se galpão. Este era construído com paus e co-

berto com palha de santa-fé. Era parcialmente fechado aos lados, não tinha portas nem janelas. O chão era de terra batida. Nêle se abrigavam os peões e cachorros, animais que são de estimação dos gaúchos. No galpão guardavam os arreios e instrumentos agrários. Faziam o fogo e em forquilhas, penduravam a chaleira para aquecer água para o mate. Sentavam-se em redor do fogo, sôbre os arreios ou ficavam de cócoras, contando casos (histórias) quase sempre relativos ao seu gênero de vida. Com o evoluir dos tempos suas choupanas foram melhorando, tendo mais comodidade e mais e mais utensílios úteis à sua vida.

INDUMENTÁRIA — A indumentária masculina do gaúcho tem sofrido modificações. O chiripá (que vem do quichua, chiri — frio e ppcha — roupa) era feita de fazenda espessa, com metro e meio, mais ou menos. Não tinha fecho. Era a fazenda passada por entre as pernas e as pontas presas à cintura por um cinto de couro chamado guaiasca. O chiripá não é mais usado. Foi substituído pela bombacha. Como calçado usavam e ainda usam as botas com esporas, chilenas, com rosetas dentadas e grandes. Também seus feitiços tem mudado. As rosetas são atualmente muito menores. O chapéu de pano ou palha, não tem as abas muito largas, como, às vezes, se vê em pinturas, porque o seu uso impediria o cavaleiro de atirar o laço. O camponês, pelo contrário, usa-o de abas muito largas para, nos trabalhos da lavoura, abrigar o rosto dos raios solares. O chapéu do Gaúcho é preso por um laço colocado sob o mento, chamado barbicacho.

O VESTUÁRIO FEMININO — É simples, porém sem harmonia de cores, saia franzida com babados. Conforme é o traje caseiro ou de festas, ornado com flores, rendas ou fitas. Também costumam usar fitas ou flores no cabelo, para os bailes.

Em Pôrto Alegre nos bailes caipiras vemos muitas moças desvirtuarem, por completo, o vestido da camponêsa. São trajos carnavalescos os que apresentam; como imitativos dos bailes da roça. Decotes exagerados, quando sabemos, quão recatadas são as nossas roceiras. Nos bailes juaninos aquí costumam dançar de chapéu as senhorinhas, com chapéu até enfeitados com flores, fitas ou plumas. Por ocasião do Congresso de Folclore, no ano de 1951, nesta capital, o Centro 35 de Tradições Gaúchas, nos apresentou dansas com os pares trajando típicamente.

TRABALHOS FEMININOS — A mulher no passado, dedicava-se quase exclusivamente aos afazeres domésticos, menos pesados, pois os mais grosseiros eram feitos pela escrava.

Pela manhã, em geral, punham a estrigas nas rocas e no fim do dia, vários fusos estavam cheios. Depois faziam as telas para os bordados quase sempre em linho. Nêsses e noutros labores nossas antepassadas açorianas eram peritas. Suas mãos ágeis trocavam com perfeição os bilros, dessa troca graciosa tiravam as mais lindas rendas com que guarneciam sua roupa de interior, a de cama e a de mesa.

O crivo, o delicado e maravilhoso crivo saía-lhe das mãos tão perfeito, tão alvo, tão puro qual a pureza dos pensamentos que as dominavam nas suas horas de trabalho. Para os bordados aproveitavam o fio colorido dos tecidos de procedência portuguesa, pois naquela época não havia linha de cores.

Para usar nos bailes faziam lenços, muito delicados com a barra bordada a ponto de cruz. Êsses lenços eram originalíssimos e as roceiras os carregavam na mão e com êles se entretinham quando estavam **avexadas**. Nalguns dêles eram bordados versos sôbre a barra.

Outro trabalho interessante era o — **picado** — que corresponde ao que hoje denominamos **arte aplicada**. Era porém aquêlê mais delicado do que êste.

O **nhanduti** e outros trabalhos em rendas de agulha faziam parte de suas prendas manuais, que hoje tanto apreciamos, como no futuro há de ser apreciado o tricô de uso relativamente moderno.

Nas regiões coloniais a vida da mulher no Rio Grande do Sul, é mais penosa, pois, além dos serviços domésticos, ajudam aos homens nas labutas campestres. Quase, por êsse motivo, não se dedicam a trabalhos ornamentais.

PATOLOGIA — Pelas condições de vida, trabalhos quase exclusivamente físicos, alimentação simples, o ar oxigenado dos campos, sono tranquilo em horas mais regulares e hábitos de castidade, os mambiras são mais sadios do que as pessoas, que residem nas cidades. Além disso pelas casas afastadas estão ao abrigo do contágio dalguma doença, que por acaso naquelas paragens surja.

Entretanto, observa-se várias verminoses principalmente provocadas pelos *ascaris lombricoides*, *oxiúrios*, *tricocefalos*, *tênias* e *ancilostomos*, *tripanosomíases* animais transmissíveis ao homem.

O **bócio**, infecção pelo *triatoma* que o matuto conhece pelos nomes vulgares de **barbeiro** ou **finção**. Não são também poupados pêlos acidentes do trabalho. A maior e a mais triste preocupação do mundo médico é sem dúvida a crescente estatística dos tumores malignos. O mais comum entre êles o carcinoma ou câncer que ceifa **impiedosamente milhares de vidas** no mundo inteiro. Infelizmente a ciência médica nêsse ramo tateia ainda em terreno escuro. Outrora na campanha não havia êsse mal horrível. Hoje, sem que saibamos como ou porque, os médicos do interior principalmente na região colonial, encontram-no, alarmados, com a sua frequência.

RELIGIÃO — Na quase totalidade os mambiras são religiosos, aproximando-se em suas crenças mais do catolicismo do que das outras religiões. Pela sua ignorância são muito supersticiosos.

Primitivamente os camponêses faziam nichos onde colocavam imagens depois surgiram as capelas, ali realizavam os officios religiosos. A vinda dos açorianos para o Rio Grande do Sul teve grande influência no terreno religioso. Uma das devoções mais tradicionais, oriunda de Portugal é a devoção ao Divino Espírito Santo, também com seus festejos externos. E a festa religiosa mais antiga e guarda sempre os mesmos princípios e características.

LENDAS — Existem no mundo inteiro lendas e superstições, nascidas do espírito exaltação de criaturas voltadas, para o sobrenatural.

O Brasil não podia fazer exceção à regra. Todos os seus estados possuem lendas, superstições, adágios e anedotas próprias. Mas o país é o mesmo. Pessoas que habitam o centro ou o norte transferem-se para o sul e vice-versa. Daí as lendas apesar de pertencerem ao sul, ao centro ou ao norte, são contadas, às vêzes e aprendidas sem saherem ao certo sua procedência.

Entretanto, aqui são mais conhecidas como lendas do sul, o **Negrinho do Pastoreio**, a única de fundo católico, se bem que as outras tenham um caráter religioso, pois as próprias superstições têm laivos de religião.

As **Uíaras**, o **Saci**, o **Lobisomem**, a **Mala-sem-cabeça**, a **Salamanca de Jaram**, o **Ibicuiretan** (ou **Lenda do Fusso da Areia**), o **Lunar de Sepé**, o **Botantam**, o **Monge de Botucuraf**, a **Lenda da Lagoa Brava**, a **da Curticeira** etc.

As superstições são incontáveis, assim como os adágios e anedotas e constituem um dos capítulos mais atraentes do folclore pela sua originalidade e graça. A ciência médica tem alargado de uma maneira brilhante, os seus horizontes no terreno das novas descobertas, — radioterapia, hormônios, vacinas, sulfas e ultimamente os antibióticos, que tantas vidas têm salvo.

Esses passos agigantados da medicina ficam em grande parte retidos nos centros de maior progresso. Médicos especializados, laboratórios e farmácias encontram-se aí. Ao passo que para a campanha seguem os médicos sem aparelhagem, indo lutar com uma série de dificuldades, pela falta de recursos que os auxiliem no diagnóstico e na cura.

Além disso a incultura do mambira e, às vêzes, a falta de dinheiro, habituado às medicações caseiras e as simpatias levam-no a esses meios de cura, de bom grado.

Não raro uma doença evolue para a cura espontânea. Daí o crédulo matuto atribuir à eficiência da *mézinha* que tomou ou a *simpatia* que lhe fizeram, a feliz resposta clínica obtida.

Tão lindo é o estudo das crendices nêsse terreno e também é nêle que temos maiores conhecimentos, que lastimamos não poder sermos prolixos.

As crendices no campo da medicina parece que são tantas como as estrelas do céu.

Por falar em estrêlas do céu, vou relatar uma abusão. E' crença geral entre a gente de fora que não se deve contar as estrêlas. No dia seguinte aparecerão nas mãos tantas verrugas, quantas foram as estrêlas contadas na véspera. Felizmente, o matuto crê num remédio eficaz para isso. Toma um cordão, vai contando as verrugas e dando tantos nós cegos quantas forem elas. Atira o cordel para as costas, sem olhar e as verrugas desaparecerão. Se não observar êsse propósito ficará na certa com as mãos embolotadas.

Não só as superstições antigas nos devem preocupar, mas também as crendices da época em que vivemos, pois o presente será um dia o passado distante. Se assim não fizermos cairão no olvido fatos de tal natureza que, pelas circunstâncias esquisitas que revelam, merecem ser relatados e conservados.

Recordamos um apenas como exemplo. Anos atrás foi assassinada pelo amante, traiçoeiramente, uma mulher, aqui no morro do Partenon. O corpo, como era natural foi sepultado no cemitério público. No local do crime ficou a mancha do sangue derramado sôbre êle. Meses depois, certa pessoa do povo, desejando obter uma graça, pediu-a em oração fervorosa áquela alma, que ali se evolara. Por casualidade obteve a graça pedida.

O fato foi relatado a várias pessoas. A seu turno novos pedidos se fizeram e novas graças foram obtidas, também por mero acaso. Desde então estabeleceu-se a crença na santidade daquela mulher que derramava sôbre os mortais os seus milagres.

Na terra onde caíu o sangue da vítima, ergueram uma sepultura, onde os crentes acendem velas e depõem flores, prosternando-se e orando à suposta alma milagrosa. Fato êsse muito conhecido nos arbaldes da Glória e Partenon. Pessoas ignorantes continuam acreditando nos supostos milagres da Maria degolada ou Maria do golpe, apelido que lhe foi dado.

A POESIA E A MÚSICA GAUCHESCAS — doces, maviosas e simples, pouco variam nos temas em que se inspiram.

São aspectos do lugar, seus prados, suas coxilhas, o cavalo, o boi

e o cão seus animais de estimação. Tocam e cantam às suas namoradas.

Nessas poesias de amor, muito o nosso gaúcho se assemelha ao argentino que, nos seus tangos é um eterno chorão, sempre se queixando de um amor ingrato e decantando saudades.

Faz versos também referentes à carreta, ao chimarrão e ao baio (cigarro feito de fumo crioulo e palha de milho).

Aos desafios ao violão ou à gaita, as toadas riograndenses eram em quadrinhas. Uma das mais populares, sem dúvida, foi o Boi Barroso. Entretanto não é de nossa origem, pois dizem que procede da Holanda. Mais acreditada é a hipótese de que não é toada portuguesa, foi pelos menos importada para cá, pelos açorianos como o fôra também a Chimarrita e a Nau-Catarineta.

A música do Boi Barroso conserva seu ritmo primitivo, porém os versos que a acompanham têm sido alterados, não se conhecendo fielmente as suas quadrinhas primitivas. A sua música é tocada em compasso de polca e entre os seus versos mais conhecidos encontramos:

Mandei fazer um laço
de couro de jacaré
prá laçar o boi barroso
em meu cavalo pangaré.

Meu boi barroso, ai!
Meu boi pitanga!
O teu lugar, ai!
E' lá na canga!

Meu boi barroso, ai!
Meu boi malhado!
O teu lugar, ai!
E' lá no arado!

Das guampas do barroso
Todo o mundo se assustou!
Deu dois canos de vapor
Inda das guampas sobrou!

Do couro do barroso
Muita gente se assombrou!
Deu trinta e tantos laços
Inda do couro sobrou!

Alguns sertanejos velhos conhecem outras quadrinhas assim:

No cruzar uma picada
Meu cavalo relinchou.
Dei de rédeas para a esquerda
E meu boi me atropelou!

Meu boi barroso
Que eu já contava perdido,
Deixando o rasto no areia
Foi logo reconhecido!

Montei no cavalo escuro
E trabalhei logo de espora,
E gritei — aperta, gente,
Que o meu boi se vai embora!

Nos tentos levava um laço
Com vinte e cinco rodilhas
Prá laçar o boi barroso
Lá no alto das coxilhas!

No terreno da música também existem superstições. Há pouco tempo palestrando com uma senhora sôbre música, falavamos de algumas músicas populares que caíram da moda. Então, ela muito temerosa, batendo com a mão sôbre os braços da cadeira ao mesmo tempo que batia com o pé no chão, dizia: faço assim porque tenho medo e quero isolar o peso. Mas, mesmo isolando não teve coragem de pronunciar o título da música. “Foi aquela que tocavam quando desabou o Cinema Avenida”, a senhora se recorda? Respondi: sim me lembro — A Ramona” Oh! a senhora não diga êsse nome. Achei graça no fato e contei-o a outras duas pessoas e sabem o que me responderam? “uma que rasgara a música e outra que quebrara o disco que possuía. É pena era uma música tão bonita! Dizendo, isto teve receio e acrescentou — Que Deus me perdôe... e assim morreu a Ramona...

No século XIX os nossos antepassados, privados das inúmeras diversões que o virar das página do tempo veio proporcionando, entregaram-se à dança, com mais entusiasmo do que hodiernamente.

Era uma necessidade a exteriorização da alegria íntima de sua vida simples e solitária. Os bailes lhes proporcionavam convivência com os vizinhos, assim chamados apesar de, às vêzes, morarem léguas de distância.

Entre as danças mais usadas no Rio Grande do Sul encontramos a **tirana**, a mais preferida, em cinco tempos diferentes: caminho da roça, cadeia, ramalhete, feixe de varas e zigue-zague. Além dessas partes, havia várias outras figuras coreográficas, alternadas com desafio à viola e recitativos. Dança também muito popular é o Boi Barroso. Nêle associam-se o bailar e cantar. Além dos versos que já citei com a melodia do Boi Barroso, são cantadas outras trovas gaúchas, como estrebilho, em outros lugares do interior. Entretanto, a mais conhecida e talvez a mais antiga é:

Meu Boi Barroso
Meu Boi Pitangá,
O teu lugar
é lá na canga.

Outro estrebilho também muito popular temos em:

Adeus priminha,
Que eu vou-me embora,
Não sou daqui,
Sou lá de fora.

Outra ainda:

Mandei fazer um laço
Do couro do jacaré
Para laçar meu boi barroso
Lá no passo do Pangaré.

Os tempos poéticos adaptados aos compassos musicais do Boi Barroso estão ligados aos costumes dos Estados do Brasil. Os diversos autores do folclore nacional os descrevem em romances e poesias espalhados pelo norte, centro e sul do nosso país.

A **Chamarrita** — Dança e música ao mesmo tempo, sua origem até hoje não está perfeitamente elucidada. Encontram-se nos autores divergências não só quanto à procedência, mas também quanto à grafia. Aqui no sul diz-se Chimarrita; no fandango paulista da ilha de Cananéia, dizem Chamarrita. Dizem alguns que uma personagem feminina deu nascimento a essa dança e versos.

Como já frizámos, não há ainda uma elucidação precisa sobre o nascimento ou ressurgimento da Chimarrita. Os que a julgam de origem portuguêsã, estribam sua opinião nestes conhecidos e humorísticos versos:

Chama Rita, chama, chama,
Já dormi na tua cama
Já gozei os teus carinhos
E outras coisas que eu cá sei...

Chama Rita, chama Rita
Chama Rita uma mulher
Sai de manhã para fora
Entra à noite quando quer.

A mulher do Chama Rita
é uma santa mulher
Dá os ossos ao marido
A carne a quem ela quer.

Devido ao primeiro verso desta última estrofe opinam alguns que o personagem que a inspirou era masculino. Entretanto, continua sobre o assunto um véu impenetrável.

No Rio Grande do Sul uma das trovas mais conhecidas e antigas que acompanham a chimarrita é:

A moda da chimarrita,
Veio de cima da Serra,
Pulando de galho em galho,
Foi parar em outra terra.

Chimarrita e Chimarrita
Chimarrita do sertão
Vai casar a sua filha,
Deu de dote um patacão.

Outra ainda:

A moda da Chimarrita
é uma Moda muito engraçada,
Dança a mulher com o marido
Dança o patrão com a criada.

Esta última quadrinha nos demonstra que nos fandangos a Chimarrita era dançada indistintamente entre as diversas classes sociais. Dêsse fato parece ter origem o apelido dado à Chimarrita de **Limpa Banco**, por ninguém ficar sentado. Consta que os caipiras do Paraná ainda dançam a chimarrita e que as mulheres são apelidadas de folgadeiras.

Querem alguns que a Chimarrita antes de ser conhecida no sul, já o era no norte, e citam a quadrinha:

Chimarrita, mulher velha,
Quem te trouxe lá do Rio?
Foi um velho marinheiro
Na proa do seu navio.

Nos bailes, antigamente chamados “fandangos”, figuravam as danças que estamos citando. Hoje está alterado o sentido da palavra fandango. Tem atualmente um cunho pejorativo. É um baile da classe baixa. No fandango antigo dançava-se também o **Anú** que era ao mesmo tempo sapateado e cantado. Um tanto semelhante no começo à quadrilha, todos davam-se as mãos, formando uma roda, que obedecia à voz do marcante, que ordenava — roda grande — e todos de mãos dadas faziam a roda, sapateando e cantando. Eis uma quadrinha do anú do sul:

O anú é pássaro preto
Passarinho de verão,
Quando canta à meia-noite
Dá uma dor no coração.

Há em Cananéia duas outras danças do anú, chamadas anú velho e anú corrido. Abstemo-nos de fazer sua descrição, pois de preferência nos referimos ao folclore gaúcho.

O **Balaio** — Foi também dança do fandango gaúcho. Sobre sua origem, se açoriana ou brasileira, discordam os escritores. As figuras coreográficas eram acompanhadas de versos. O poema gaúcho de Zeferino Vieira Rodrigues deixa entrever o uso dessa dança em nosso rincão:

Lá no fandango, de botas e esporas,
Danço a tirana, o folgazão balaio;
E ainda mesmo que me dêem pechadas,
Saio rolando, porém, qual! não caio.

O **Bambaquerê** — dança introduzida pelos escravos africanos era dançada em forma de roda, no centro do qual um par fazia medidas, enquanto que todos que formavam o círculo entoavam um cântico de procedência baiana:

Bambá, sinhá querê!
Bambá de lelê e bambá querê;
Tanta moça bonita, ô bambá
Mas não é prá você!

O **Queiroz** — Dança Saltitante trazida pelos açorianos, foi usada há mais ou menos 150 anos.

Também a **Rancheira marcada** e a **Rancheira simples**.

No fandango incorporavam-se outras danças que longo seria descrevê-las tôdas além de que nos faltam muitas fontes precisas de informações. Apenas podemos citar mais algumas com breves detalhes.

A *meia-canha* pela originalidade, merece referências. Conta-se que um rapaz saía a convidar uma moça para dançar, acenando-lhe com um lenço; esta fazia o mesmo gesto a um jovem que, por sua vez, repetia a cena, e assim iam sucessivamente juntando-se no meio da sala todos os dançadores. Depois formavam uma grande roda no centro da qual um par dançava em sentido contrário ao andar do círculo. Após, o moço do centro do par da roda ordenava ao tocador da viola parar, e dizia um verso para a dama que ficava têsna na sua frente. Eis um dêsses versos:

Eu plantei a sempre-viva.
Sempre-viva não nasceu,
Tomara que sempre viva
O teu coração com o meu.

E ela tôda dengosa, retrucava:

Tu plantaste a sempre-viva,
Sempre-viva não nasceu;
É porque teu coração
Não quer viver com o meu.

Depois outros pares seguiam o mesmo exemplo.

A *meia-canha* é de origem platina como o é também o *Pericor*.

O *Caranguejo* é de origem nordestina e foi usada no sul com arranjos poéticos de temas gaúchos.

O *Dandão* parece que foi pouco usado e era uma espécie de polca marcada.

A *Fieira* era dançada simultaneamente por todos os pares, mas começava por um moço ou moça que, estalando os dedos polegar e médio, fazia sinal para que o acompanhasse. Consta que também paravam para dizer versos. Não encontramos uma origem segura para que, com sinceridade e verdade, algo pudéssemos afirmar. Alguém nos relatou um verso que se dizia na roda:

Te mandei um ramallete
No meio vai uns goivos,
Te mandei perguntar
Quando seremos noivos.

No fandango também figuravam a galinha morta, a polca paraguaia, o chico-puchado, o quero-mana, a chula, a serrana, o sarrabulho, o recortado, o pézinho, pau de fita, balão tatú, rancheira da serra, do centro e do litoral.

O tempo correndo e crescendo a população, outras danças apareceram, principalmente nas cidades, há mais ou menos sessenta ou cinqüenta anos. Entre outras conheceram ou dançaram. Ei-las: Shote figurado, shote de duas damas, shote inglês, maçanico e rilo.

A *Quadrilha* com certa semelhança à tirana, tendo várias partes: caminho da roça, caminho de ferro, e outras figuras coreográficas que habitualmente eram marcadas em francês.

Recreio, *Lanceiros*, segundo algumas pessoas que tiveram opor-

tunidade de dançá-las nesta capital, eram danças usadas nas sociedades bailantes, porque exigiam salões, porque as figuras coreográficas eram feitas em conjunto de muitos pares, enchendo de vez o salão.

Depois houve em nosso território uma invasão de danças européias: a valsa de compasso ternário rápido e hoje em moda ainda, porém em ritmo lento; a polca, a mazurka, o shote simples, ou figurado, a polca de damas, uma única vês dançada em cada baile e que tocava às moças escolherem seus pares.

Vemos assim, como até nos bailes o sexo forte sempre foi prepotente. Em regra geral os bailes terminavam por uma peça de compasso rápido e esfalfante a que davam o nome de galope. A êsse tempo também havia diferença de maneira que os rapazes convidavam as moças para dançar. Diziam "a senhora tem par para esta marca? Ou ainda quer dançar esta peça comigo?"

Depois de cada dança os pares continuavam passeando pelo salão, de braços dados, palestrando, jurando amor, mentindo...

Ao mesmo tempo que nas cidades essas danças eram usadas, no interior do Rio Grande do Sul, nas regiões que foram dadas aos colonos de origem alemã, organizavam-se e ainda hoje efetuam-se bailes aos quais se dá o nome de Kerbs. Êstes duram de três a quatro dias e as danças sucedem-se em pequenos intervalos durante dia e noite. Tem a vantagem de estimular o comércio, pois os colonos distantes trazem seus produtos para serem vendidos nêsses lugares, onde armam barracas à feição de feiras-livres. Os bailes realizam-se em salas de armazens ou galpões. A êles comparecem famílias inteiras, as crianças dormem em salas separadas. Existe junto ao salão, uma espécie de restaurante com pratos simples — linguiça frita, conserva de repolho (sauerkraut), salada de batatas, carne de porco, bolo de milho, cucas, schimier, doces feitos com melado, rapaduras, vinhos, muita cerveja que serve de estimulante à alegria germânica. Todos os anos sei que se realizam kerbs nas imediações de Santa Cruz, Restinga-Seca e em outros pontos de núcleos alemães.

Da vizinhança do nosso estado com a Argentina, veio-nos o tango, ainda tão em moda. A América do Norte empurrou-nos o too-steep, o fox, juntamente com as suas músicas buliçosas e muitas vezes irritantes. Parece que, num movimento compatível com a nossa vida agitada, vieram a tempo, o samba, a rumba, o maxixe e últimamente o baião.

Citando coisas atuais, preparamos terreno para os estudiosos no futuro encontrarem nessa seara sementes que façam florescer e frutificar os seus estudos. Então, terão de, como nós o fazemos, agora, consultar livros, revistas, apontamentos, desenhos, gravuras para o estudo do folclore que não pode deixar de ser um trabalho de compilação através dos séculos.

Cousas do Folclore sul-riograndense

por Horácio Paz

"METEOROLOGIA POPULAR"

- 1 — Nascer do Sol, muito vermelho, é sinal de sêca. Pôr-de-sol sôbre uma barra escura de nuvens: sinal de chuva.
- 2 — Céu muito estrelado e brilhante, prenuncia chuva; pouco estrelado: tempo bom, firme.
- 3 — Lua Nova — quando está com os cornos voltados para cima, é sinal de tempo sêco durante todo o mês, pois acredita-se que o quarto de lua governa as variações do tempo durante todo o mês. Quando aparece com os cornos voltados para baixo "está escorrida"; logo: todo o mês será chuvoso.
- 4 — Chovendo na "nova" de abril, o inverno será chuvoso; não chovendo — inverno sêco. Chovendo na "nova" de setembro o verão será chuvoso e bom para a agricultura e pecuária.
- 5 — "Lua Cheia quando sai come a chuva" — significa: melhora de tempo.
- 6 — Se o dia 5 de cada mês fôr bom — a primeira quinzena será tôda sem chuva. Se o dia 17 também fôr sem chuva — tôda a segunda quinzena será de tempo bom.
- 7 — Quando chove na primeira têtça-feira do mês, todo o resto do mês será chuvoso; e o contrário se o dia fôr bom.

- 8 — Quando as rãs, à tarde, fazem “reco-reco” (coaxam) — é sinal de chuva próxima.
- 9 — Seriema (ave pernalta que vive nos campos) quando canta no baixo ou na canhada, prenuncia chuva; quando no alto da coxilha — estiagem prolongada.
- 10 — Manduruvá preto, do campo, quando cruza a coxilha, em pelotão, está pressagiando chuva, com temporal.
- 11 — Dia de vento, em que o gado se agrupa e desce para o fundo da internada — é sinal de temporal. Gado dormindo no alto da coxilha — sinal de tempo bom.

MEDICINA CAMPEIRA

1 — Para curar machucadura:

Nas lidas do campo é muito comum o gaúcho levar uma “roda-da”. Quando isto acontece e há machucadura “por dentro” (interna), fazem-no beber, em seguida, um bom caneco de salmoura. Quando a machucadura é externa, friccionam o local com azeite de mocotó e sal misturado, enrolando-o com um pano.

2 — Para curar quebradura (fratura):

Quando se trata de um braço ou de uma perna, encaenam com talas de taquara. Antes de colocar as talas, forram o membro ofendido com uma camada de toicinho. As talas vão por cima, e ao redor, sendo após amarradas firmemente. De 15 em 15 dias mudam as camadas de toicinho, até a soldadura completa da fratura.

3 — Para estancar sangue:

De um talho: Pó de café, em cima, o qual deve ser amarrado com uma tira de pano. Tratando-se de corte num dêdo, basta amarrá-lo com uma palha de milho diretamente sôbre o corte.

4 — Para curar talho arruinado:

Aplicar compressas quentes com água de creolina; evita a gangrena.

5 — Para curar queimadura:

Sendo de 1º gráu, urmiar em cima da queimadura. Há também quem aplique, no local, bosta verde de gado vacum.

6 — Para curar tosse comprida (coqueluche):

No ano de 1915, no município de São Francisco de Assis, um “curandeiro” utilizava o seguinte processo: Aparava bosta quente de vaca, numa vasilha; despejava em cima água fervendo, e, depois, ia coando num pano quantas vêzes fôssem necessárias para que a “chapeirada” ficasse com coloração bem esbranquiçada. Neste ponto ia ministrando ao doente — 6 colheres espaçadas durante o dia.

7 — Para curar espasmo:

O espasmo, "contração involuntária e convulsiva dos músculos", pode ser proveniente da pessoa pegar correntes de ar ou se molhar com o corpo suado. Algumas vêzes fica com os músculos faciais retorcidos e as pernas encolhidas. Para curá-la costumam ministrar um chá quente de Abrofo (abrojo, em espanhol) espécie de planta muito abundante no "cercado" das casas de campo.

8 — Para curar solitária:

Tomar semente de abóbora esmagada ou torrada. Também retiram a amêndoa e dão de comer às crianças.

9 — Para curar azia:

Três grãos de milho queimados no borralho; mastigá-los e engulir.

10 — Para curar soluço:

Tomar um copo de leite, de vaca preta, recém tirado.

11 — Para curar caimbra de sangue:

Tomar chá de casca de romã.

12 — Para curar câncer:

Abrir um sapo ao meio, e, ainda meio vivo, aplicá-lo diretamente sobre a ferida cancerosa.

13 — Para curar paralisia infantil:

Usam carnear uma rês, donde retiram o bucho, abrem-no, e, dentro dêle, ainda com todo o calor natural, colocam o doente por espaço de alguns minutos, sendo depois retirado e enrolado num cobertor de lã para não pegar "espasmo", e voltar à temperatura em que possa entrar para um banho morno, do qual sairá diretamente para a cama. Costumam fazer esta aplicação durante 3 dias seguidos.

14 — Para saber se uma pessoa é diabética:

No rincão de São Diogo, município de Tupanciretã, existe um gaúcho velho com manias de médico, que tem um "Laboratório" numa pedra do campo. Quando aparece um consulente, manda-o urinar sobre a referida pedra. E aí fica observando durante um bom espaço de tempo; se as formigas afluírem ao "laboratório", está feito o diagnóstico: a pessoa tem assucar na urina — é diabética. Quando é o gado que vem lamber a pedra, existe dosagem normal de sal no organismo do cliente. E quando são as moscas que a perseguem, é porque a pessoa tem muito pús na urina.

15 — Ainda, em casos de machucadura interna proveniente de tombos ou "rodadas", o gaúcho primitivo costumava dar de beber urina quente à pessoa machucada. Quando o fato

ocorria no campo, longe de qualquer recurso, não titubeavam em urinar na boca do acidentado, forçando-o a engulir tão singular e insípida **chapoeirada**, principalmente quando se encontrava em estado de desacordado.

BENZEDURAS

1 — Para curar cobreiro:

Te Benzo Cobreiro brabo,
te corto a cabeça e o rabo
para que não cresças,
nem permaneças;
para que morras escomungado.
Em nome de Deus e da Virgem Maria

2 — Outra para cobreiro:

Eu te benzo cobreiro
com água da fonte
que desce do monte;
retalho-te o rabo
e te corto a cabeça,
em nome de Deus e da Virgem Maaria.
(Benzem fazendo cruz com um galhinho de arruda)

3 — Para as mães benzerem seus filhinhos:

Alecrim é bento,
que a Virgem apanhou;
sara, meu filho,
assim como o Filho
da Virgem sarou.

4 — Para curar engasgo:

(Dizem que Jesus, quando andava na terra, foi chamado uma vez, para atender uma menina engasgada; curou-a com as seguintes palavras:)

Homem mau, mulher malina,
o que estiver na garganta desta menina
que saia para baixo ou para cima
em nome de Deus e da Virgem Maria.

5 — Para curar Empingem:

Empingem, rabije,
que quer rabijar,
salibe daqui,
que quer me matar.

6 — Outra para Empingem:

Empingem, rabije,
que quer rabijar,
com cinza do monte
e com água da fonte
te hei de curar.

7 — Para benzer tormenta:

Santo Antônio se levantou,
se vestiu e se calçou.
Nossa Senhora perguntou:
— Onde vai, Santo Antônio?
— Vou para o Mar Salgado
onde não tem pau,
nem grau,
nem Vera Cruz.
Amem. Jesus.

(A benzedura é feita com um raminho verde, fazendo cruz para o lado da tormenta).

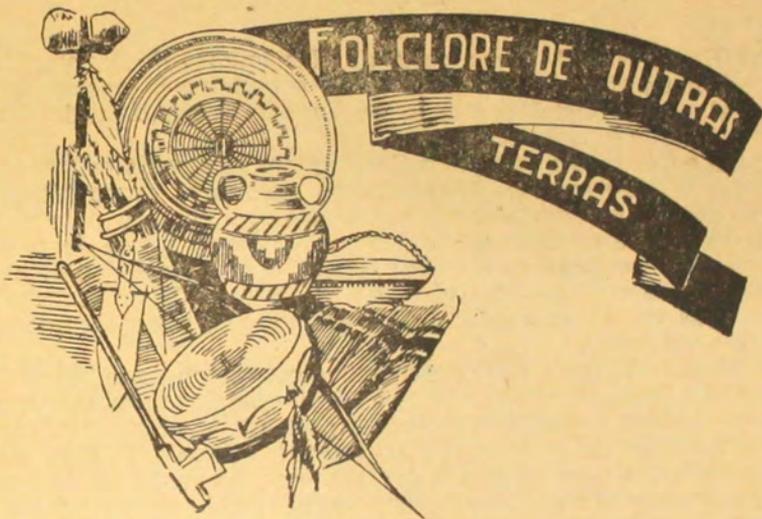
8 — Para afugentar pragas da horta ou do arvoredor:

Bichos malditos (dizer o nome da praga)
que as plantas comeis
e a Deus não louvais,
permita a Deus que saiam
todos aqui desta horta,
de sete a sete,
de seis a seis,
de cinco a cinco,
de quatro a quatro,
de três a três,
de dois a dois,
de um a um,
e que não fique nenhum,
em nome de Deus e da Virgem Maria.

9 — Para atrair Dinheiro:

Segurar uma moeda entre os dedos, elevá-la ao alto e dirigindo-se à Lua Nova, dizer:

Deus te salve, Lua Nova,
Lua de São Clemente.
Quando vieres outra vez
me tragas desta semente.



O ciclo português do Natal

Luís Chaves

N. R. — É honra insigne para o nosso BOLETIM agasalhar em suas páginas o trabalho que se vai ler de Luís Chaves, brilhante figura das letras etnográficas portuguêsas, autor ilustre de várias e importantes obras que são básicas no estudo das ligações do nosso folclore com o da Terra Lusa. É, o dr. Luís Chaves, diretor do Museu Etnológico de Lisboa.

O "Ciclo do Natal" nos costumes e nas tradições populares de Portugal compõe-se de três fases:

1ª. fase: — a preparação do Natal: **ante-Natal** ou **prê-Natal**;

2ª. fase: — a comemoração central e causal: — O NATAL;

3ª. fase: — a conclusão em continuidade: **post-Natal** ou **após-Natal**.

Sigamos cada uma destas fases, a primeira das quais prepara a comemoração central do "Ciclo", a fundamental, que o formou, e em torno da qual, por atração, circunstância e circunvolução, todo êle gira.

O "Dia de Natal", com a festa do Nascimento do Menino Jesus, começa à meia noite de 24 de Dezembro e termina à mesma hora de 25, no calendário oficial. É o centro e a razão de ser de tudo; o mais, e é muito, prepara e conclui.

Como a Quaresma prepara a Semana Santa e mais pròpriamente a Páscoa da Ressurreição, com todos os elementos etnográficos adequados, assim o Advento prepara o Natal com quanto nele se integra no espírito e na ação convenientes. No Natal nasce Jesus como Homem; na Páscoa ressurgue como Deus. Nos dois períodos coincidem e prolongam-se o "Ciclo Litúrgico" da Igreja e o "Ciclo Etnográfico", ambos, cada um a seu modo, com a preparação, a continuidade e a conclusão respectivas.

O "Ciclo Litúrgico" veio cristianizar o correspondente "Ciclo Etnográfico" dos dois períodos, que nos ritos oficiais do paganismo romano envolviam e celebravam com práticas simbólicas o equinóxio primaveril (Páscoa) e o solstício hibernal (Natal). O **Dies natalis invicti**, começo do ano agrícola, era comemorado a 25 de Dezembro; mas, antes dêle, propiciavam-se com festas rituais as divindades protectoras da agricultura: — as **Consoalia**, a 15, em honra de Conso, guarda e patrono dos frutos; — as **Saturnalia**, de 17 a 23, em honra de Saturno, deus das sementeiras e do seu êxito; — as **Juvenalia**, a 24, em honra dos rapazes, como frutos da sementeira dos homens e promessa social. Em honra de Saturno, celebravam-se nas **Saturnalia** banquetes solenes, com o sentido superior da fraternidade dos homens deante do deus de quem dependia, pela felicidade dos campos da lavoura, a felicidade dos homens; trocavam-se presentes, que eram repetidos, com outro objectivo e outras perspectivas, no dia primeiro do ano, — as **calendinae strenae**. O "Ciclo Etnográfico" assim formado, e com as concomitâncias dos ritos e costumes similares dos povos submetidos a Roma e influenciados pela romanização, foi cristianizado pelo "Ciclo Litúrgico" do Cristianismo, que substituiu as divindades pagãs, mais ou menos espirituais, mas pagãs, pela divindade de Cristo. Onde materialmente se olhava às interessadas conveniências agrícolas, dispersas pelos patrocínios de deuses naturais, ficava a contemplação, com o respectivo culto, do Deus uno, senhor de tudo, protetor de tudo, mas dos homens acima do mais, simples complemento da ação dêles. E, porque no paganismo era celebrado o começo do ano, principiou a ser comemorado na mesma época o nascimento de Cristo, renovador dos homens, o jovem salvador, poetizado por Virgílio. O **Dies Natalis** cristianizou-se e deu o Natal, o nosso Natal. Não admira que nele perdurem certos costumes como a queima do **madeiro** no adro paroquial, ou na praça do povoado, e na lareira doméstica, os banquetes e as fórmulas de fraternidade entre os homens na família, (as **consuadas**), que abrangem a comunidade dos vivos e dos mortos, a troca de presentes (**strenae**), a crença de que os pedaços restantes do "madeiro" ou "cêpo" queimado servem para livrar a casa e os homens dela em ocasião de trovoadas, etc.

Desta forma, o Natal tem dois estratos humanos: o pagão, como secundário nas suas práticas, embora espiritualizadas e convergentes na adoração festiva do Menino, e o cristão, que absorveu todo o fim e todas as intenções da comemoração.

Paralelamente à seriação dos fatos preparatórios da Páscoa (terços cantados, amento das almas, calvários, martírios, autos e entremezes, etc. (jejuns e temporas), tem-na também o Natal: novenas do Menino, "calhandras", jaculatórias especiais, e ladainhas cantadas

em comum como os terços, os calvários, etc., jejuns e ladainhas e tēmporas, e a preparação do madeiro, que vai ser queimado alegremente, e do **presépio**, a descerrar entre cânticos na **Missã do Galo**, à meia noite.

Jaculatórias: publicou algumas, com a música respectiva, Pedro Fernandes Tomás, nas **Velhas Canções e Romances Populares Portuguezes** (1). “Calhandras”: são feição das “novenas do Menino”; a gente do Gerês assiste de madrugada, nove dias a fio, a novena; a igreja está enramada de plantas rústicas; alguns homens vão vestidos de pastores; a música tradicional é a da gaita-de-foles, com a percussão de ferrinhos, pandeiros e castanholas ou castanhetas; descreveu-as Tude de Sousa no curioso livro **O Gerez** (2). Repare-se em dois fatos: primeiro, no nome de “calhandra”, a ave matutina (as “calhandras” foram sempre de manhãinha) a cantar e a esvoaçar às primeiras luzes do dia (do gr. *kalandra*); segundo, na indumentária pastoril, quando no teatro do Natal e nas figurações espetaculares fora da igreja e do teatro as “pastoradas”, as “pastorelas”, as “pastorinhas” e os “pastorinhos”, obedeciam a lição evangélica da adoração dos pastores, os primeiros a quem o Anjo anunciou o nascimento do Messias, e primeiros homens que O visitaram no presépio; pela mesma razão tiveram sempre o primeiro lugar nesse extraordinário quadro social, que é o **Presépio**, em todo o mundo cristão. Derivados desses grupos são ainda as “calendas” (repare-se no nome) de Cascais, e nos grupos-cantores dos “Natais”, das “Janeiras” (“Janeiradas” e “Janeirinhas”) e dos “Reis” (“Reisadas”), se bem que essa derivação seja utilitária, todavia dentro do espírito da quadra e, em alguns casos, o produto de quanto recebem seja para Missas pelas Almas.

A refeição festiva do dia de Natal, a “Consuada” ou “Consoada”, reúne os vivos à mesa comum. Os familiares, que o podem fazer, acorrem de longe, numas “férias de Natal”, a tomarem parte no banquete da família. Há ementas consagradas que só cabem a êsse dia e, algumas delas, repetem-se, com o complemento ocasional e próprio, nos outros dias festivos do período, a prolongarem e acentuarem a unidade comemorativa: Ano-Bom ou Ano-Novo (Circuncisão do Senhor) e Reis. No Minho, a explicar bem a unidade na continuidade da comemoração, há a “Consuada do Natal” e a “Consuada dos Reis”, uma no princípio, outra no final.

Os vivos não esquecem os mortos da família. Crê-se que as almas dêles se sentam à mesma mesa. Fialho de Almeida, nas **Aves Migratórias**, deixou um trecho, que revela êste sentimento de caridade e piedade pelos mortos. Lembremo-lo: primeiro, o espírito de união e fraternidade dos vivos:

— “Naquela noite de cordealidade, tão íntima na vida do campo alentejano, em que o primogenito da família tem obrigação de consagrar aos criados o primeiro **toast** da ceia...” (3).

— depois, a recordação e o respeito pelos mortos:

“... à direita dela [a avó], marcando intervalo na mesa, um talher inactivo aguardava o avô, que fazia já onze anos de falecido quando eu tocava os dezeseis. Ai! êsse talher era a grande nota solemne da ceia, o symbolo sacrosanto do espírito de família, perpe-

(1) Coimbra, 1913, págs. 97 e ss.

(2) T. de Sousa, **O Gerez**, 1927, págs. 111 e 112.

(3) Fialho de Almeida, **Aves Migratórias**, no conto de “O Snelro de Santa-Agatha”, Lisboa, 1922, pág. 80. Põem-se talheres para os mortos: Leite de Vasconcelos, **Ensaio Ethnográfico**, vol. II Esposende, 1903, pág. 92.

tuando o respeito do nome atravez das revoluções da idade. O copo estava cheio, o guardanapo desdobrado, e chegado à mesa o tamborete. A todo o instante ia entrar na sala do phantasma do velho lavrador, com a sua matilha de galgas argelinas, e uma daquelas grandes risadas que êle dava em nos vendo felizes a todos" (4).

Em Barroso não se levanta a mesa depois da refeição, para que as almas possam ir comer as migalhas (5). No Minho põem à porta de casa um prato com bocados de toda a comida, que foi à mesa; destina-se à participação das almas na festa da família (6). Quando não é deixada a comida, levantam-lhes as orações pelo seu eterno descanso, a melhor comunicação de almas na comida espiritual da prece comum. As orações abrangem os mortos e os ausentes. É bem, na prática, o pensamento de Goethe: ausentes na vida ou na morte, todos se conservam na continuidade dos tempos e das gerações.

O centro, porém, de todo o "Ciclo" está no **Dia de Natal**: é nele, na hora do descerramento do **Presépio**, em casa ao dar a meia-noite o relógio familiar, na igreja ao soltar do hino de glória (**Gloria in excelsis** ...) na exaltação do celebrante da **Missa do Galo**, de braços erguidos para o Altíssimo, é nesse momento solene que o Natal precisamente se abre em flor. Cânticos de cultura superior ou de nível e de dimensões populares sobem com entusiasmos de comoção religiosa nas naves, silenciosas na expectativa do grande momento. Onde não ha órgão ou harmonium, revelam e excedem-nos em impulso de alegria as gaitas-de-foles, os gaiteiros de trupe completa; em vez do canto dos coros das capelas, a que os assistentes correspondem na sua parte, a colaboração nas aldeias da Província é total, porque todos no templo cantam em coro os vilancetes e as loas ao Menino, que as gerações trouxeram na sua tradição artística e sugestiva até aos nossos dias.

Acendeu-se o madeiro no terreiro; homens e rapazes trouxeram-no a tempo, com ar de festa, dos arredores, aqui oferecido pelo lavrador, além escolhido entre muitos e abatido sem licenças. Veja-se o que da Beira, em Idanha-a-Nova informa Jaime Lopes Dias: — "Em Idanha-a-Nova são as mordonias de São João, do Espírito Santo, etc., constituídas por gente moça, que, enfeitando os carros e os bois com grandes fitas multicolores, entre vivas aos santinhos e fazendo-se acompanhar de uma grande caldeira de cobre cheia de vinho, de onde todos bebem por um copo de lata, vão carregar grandes troncos de velhas árvores que hão-de arder no adro da igreja ou junto das capeias daqueles santos". (7) O enorme facho, a alumiar o Menino, que é essa fogueira, todos o visitam à entrada e à saída da Missa, e, voto livre que representa, ali arde toda a noite e todo o dia até se consumir; cantam em volta as loas e outras canções do Natal, muitas delas perfumadas de alto encanto na sua simplicidade e ingenuidade. E, diz um rifão, "quem quer fogo, busque lenha". Dito e feito!

Em casa, os que partiram para a Missa do Galo, já deixaram aceso o cepo lareiro da família; é necessário que, ao dar a meia-noite, o fogo crepite ali.

E o lume sagrado, vindo de profundas épocas humanas, arde até acabar o madeiro e ficar em carvão e cinzas o cepo do lar. Este facto é por si um símbolo de permanência e de continuidade. Ex-

(4) Fialho de Almeida, Id, pág. 79.

(5) Fernando Barreiros, in Revista Lusitana, vol. XIX, Lisboa, 1916, pág. 95.

(6) Martins Sarmento, in Revista de Guimarães, vol. XXII, pág. 153.

(7) J. Lopes Dias, Etnografia da Beira, vol. I, Famalicão e Lisboa, 1926, pág. 138.

tinto o facho, acesso para o Menino, quer em casa, quer ao ar livre, guardam-se tições apagados e pedaços que não chegaram a arder; não de ser muito bem conservados em casa, para pôrem a ardem, quando os trovões ameaçarem os homens e os seus bens.

Admiram-se os presépios e as lapinhas (Ilha da Madeira), visitam-nos amigos e desconhecidos, como na Quinta-feira Santa (En doenças) todos visitam as igrejas preparadas para os receber na adoração do Senhor. Grupos entram e grupos saem. Foi de tradição que êsses grupos cantassem loas em cada presépio visitado. Passaram as "pastoradas" na rua a cantar; quando foi possível, vestiam de pastores e percorriam os presépios nas casas que as queriam receber e nos templos em que sempre eram recebidos. Era o dia próprio dos autos, ramos, entremezes, estrelóquios, tôda a gama do teatro de Natal. Um esquema de auto é a verdadeira "pastoradas" de Duas Igrejas (Miranda do Douro), renascida pela dedicação e poesia do actual pároco da freguesia P. Antônio Mourinho: um Anjo, guiado por uma estrela, conduz os pastores ao presépio, exposto na capela-mor da igreja matriz (8).

Artistas populares, escultores de Arte, freiras nos seus mosteiros, senhoras em suas casas, sacerdotes nas igrejas, uns com arte, outros com o empenho das habilidades femininas, de maior valia artística ou de pobre composição e humilde feitura, todos com a emoção do Menino, fizeram, colaboraram, prepararam, criaram, embelezaram, contribuíram, o que quer que fosse e no que quer que fosse, para o Presépio corresponder, nos seus limites de horizontes diferentes, ao significado real com que nasceu e perdurou.

Há notícias de presépios portugueses, a partir do século XVI. O período áureo foi no século XVIII, como consequência da riqueza do tempo, o da exploração febril do ouro do Brasil, e da Escola de Mafra, que formou valioso grupo de escultores, no ambiente artístico de pleno barroco. Encheram-se catedrais, abadias, mosteiros, masculinos e femininos, igrejas paroquiais, capelas solarengas e palacianas, por tôda a parte. No estilo da composição e da figuração religiosa e profana, prolongaram a arte da Escola de Machado de Castro e Antônio Ferreira, para não falar de mais, os artistas populares, a armarem presépios populares. Dos grandes centros, principalmente de Lisboa, mas paralelamente de Porto, Coimbra, Aveiro, partiram artistas de diferentes valores e saíram influências profundas; as oficinas de cerâmica, os seus trabalhos e os colaboradores em níveis artísticos de avulsa competência fizeram o resto, e Portugal inundou-se de presépios de tôda a escala de valores artísticos e aparatosos. Em terras de Província, ainda hoje se fazem figuras de presépio. Estremoz, Lisboa, Gaia, Coimbra, etc.; e se arguem presépios: encontram-se composições notáveis, de arranjo e composição populares, em Estremoz; singelos e de impressionante modéstia, até pobreza, de factura, mas ricos de espiritualidade, em Barcelos; de figuras numerosas, de inverosímil aproveitamento de figurantes, em Gaia; agrupamentos típicos, na temática local, dentro das normas tradicionais, nas lapinhas da Madeira. E não se fala das figuras já industrializadas e de feição especial, embora mantendo os tipos tradicionais, dos presépios de santeiros estabelecidos.

Porque o presépio popular está dentro dos horizontes espirituais de quem os faz, revela-se neles a irreverência de certas figu-

(8) Pe. Antônio Maria Mourinho, em *Mensário das Casas do Povo*, Lisboa, ns. 16 (Outubro de 1947) e 17 (Novembro).

ras, já aparecida no entanto nos presépios grandes, em que os escultores incluíram ou deixaram incluir, com o pretexto da colossal ro-maria à choupana do Menino, tôda a grandeza e tôda a miséria da alma humana em seu estendal, como aconteceu sempre e acontece hoje, apesar de incisivo policiamento, mas romarias de hoje: alei-jados, meliantes, folgazões dos mais variados carimbos. A ir-reverência instintiva, o choque de desafronta, a licenciosidade, o próprio espírito de inovação recreativa ou caricatural, enriqueceram de personagens novas os presépios que os barristas po-pulares fizeram. A falta de proporções e a incongruência de épocas e costumes, com a presença anacrônica de tipos, facultou a estes pre-sépios pitoresco inexcédível: num deles, de obra de Estremoz, alas de soldados do tempo da Guerra Peninsular (grandes barretinas, correa-me branco largamente cruzado no peito, espingardas de baioneta fixa) ladeiam o caminho dos Reis Magos, a descêrem para a gruta, no fun-do de tudo. (9)

Mas, todos eles, desde que não estejam em Museus, surgem à luz festiva do Natal, que representa em todos a festividade do dia. O que eles são em expressão plástica, apoteótica, em imenso conjunto das parcelas representadas e todas elas juntas constituem o Natal com todos os episódios evangélicos do mistério, vive deante dos olhos dos espectadores nos autos e em toda a série dramatúrgica do Natal. Pre-sépio e autos completam-se e integram-se ao vivo nas práticas, ser-mões e homilias litúrgicas da Igreja; por isso o teatro do Natal, na prática espetacular dos Mistérios medievais, foi catequese e ilustra-ção do culto e para o culto das festas grandes; aqui, a festa do Natal. Em povoados portugueses foram notáveis os autos do Natal (10) e em outros procura-se fazê-los ressurgir (11). Romances de Natal, vi-lancicos, cantos de pastores, quadras avulsas, loas, saíram dos autos, foram integrados neles, ou continuam o mesmo espírito, que os ani-mou, e formam o ambiente especial da época.

Passou o dia de Natal com toda a sua poesia. No dia 26, festa de Santo Estêvão, protomártir, permanecem restos de antigas práticas, que o Abade de Baçal (12) e o Pe. Firmino Martins (13) revelaram em Terras de Bragança; têm evidente origem medieval e continuam nessa região devido principalmente ao seu afastamento no NE tras-montano: são as danças simbólicas, os mascarados, a distribuição do "pão de Santo Estêvão", vestígios dos banquetes, que vêm continuar as "consuadas"; em conjunto formam a "festa dos rapazes", porque são eles, como num desforço de disciplina, contida no dia de Natal, quem domina. A 28, dia litúrgico dos Santos Inocentes, de sentimento e evocação estreitamente ligados ao Natal, e tanto que em muitos pre-sépios figura o episódio dramático da "Degolação dos Inocentes",

- (9) Os "presépios" foram permanentes e estiveram em permanente exposição em templos (como hoje ainda em Lisboa os da Sé Catedral e da Basílica do Sa-turales, ou improvisados nas vésperas do Natal, quando vai "armar-se o de servirem sobre altares e sobre mesas, até aos de cela monacal.
- (10) Cardoso Marta, Os "Autos Pastoris", da minha terra (Figueira da Foz) na revista *Língua Portuguesa*, Lisboa, 1935, vol. IV, págs. 150 e ss. Pe. Firmino Augusto Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, vol. II, Lisboa, 1939, págs. 193 e ss.
- (11) Pe. António Mourinho, *Mensário das Casas do Povo*, ns. 12 (Junho de 1947), (Julho), 14 (Agosto) e 71 (Maio de 1952): Oberammargau em Portugal, etc.
- (12) Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, *Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança*, vol. X, Porto, 1910, págs. 178 e ss.
- (13) P. Firmino Augusto Martins, *Folklore de Concelho de Vinhais*, vol. II, págs. 10

bem como nos autos, continuam os banquetes simbólicos e as danças de mascarados. Não é de admirar que no dia 27, entre o Santo Estêvão e os Inocentes, dia em que se festeja liturgicamente São João Evangelista, os banquetes e as mascaradas liguem entre si os de 26 e os de 28, três dias de um post-Natal, a continuarem-no como se fôsem as migalhas do Natal, mas um arrebanhar de restos de data próxima e de séculos há muito passados, com sintomas de caricatura e excessos do rapazio.

No dia 31 é a festa de S. Silvestre; ha frio; clama velho rifão: *Va-lha-me S. Silvestre e a camisa que veste. Acaba o ano. Foi costume* aparecer em certas povoações portuguezas um manequim ou andar pelas ruas um homem vestido de velho de barbas, que representavam o **Ano Velho**, vestígio certamente de mais antigo simbolismo do demônio do Inverno. Cantam-se as **Janeiras**, que se prolongarão no dia seguinte: “janeiras” e “janeiradas”; de porta em porta, vão os ranchos cantando louvores ao Menino e à gente da casa. À meia noite, faz cada um o ruído máximo que possa, a afugentar o ano velho, não venha fazer mal ao que nasce; espanta-se o demônio do Inverno. No dia seguinte, o Ano Novo ou **Ano Bom**, passeava pelas ruas, por onde passara o espectro do Ano Velho, um rapaz airoso, que representava o **Ano Novo**, a esperança de novos tempos e mais felizes. Banquetes de consuada, troca de presentes (das *strenae* romanas viera as **etrennes** francesas de brindes e boas festas), família unida como no Natal, autos e janeiras, enchem de alegria as horas. Nos presépios, onde isso era possível, punham de pé o Menino: pois não era o dia da circuncisão?.

Pelas sombras da noite de dia 5 principiavam a cantar os ranchos os “Reis”, casa a casa: romances dos Reis, loas ao Menino, elogio da gente da casa, petição dos “reis”, condenação sarcástica, por vezes violenta, dos que se recusavam a satisfazer os “ogos. Nesse dia e no “Dia de Reis”, gosavam-se os banquetes do dia: as consuadas dos Reis (Minho) continuavam os ranchos a sua peregrinação, representavam-se os “Autos dos Reis”, subiam aos estrados, sob telha ou na praça a descoberto, os “Reiseiros” e as “Reisadas”, que haviam de deixar profundo rasto nos “Reisados” do Brasil e em outros bailados dramatizados, afins dêles e por eles influenciados. À meia noite apagavam-se as luzes dos presépios, fecham-se capelas e oratórios, recolhiam-se os que se desarmam ou guardam sem possibilidades de visita e apresentação até ao Natal seguinte. Desde então, só os vemos nas capelas dos templos, onde são permanentes, e nos Museus, que guardam os que por fortuna e acaso lá foram parar. Em nossas casas, abrimos as portas do oratório ou contemplamos os presépios pelo vidro que os resguarda.

Van Gennep estudou “*Le Cycle des Douze Jours (Noel-Premier de l'An-Rois) dans les Coutumes et Croyances populaires de Savoie*”, e publicou os resultados na *Revue de l'Institut de Sociologie*, de Bruxelas. (14). O Abade de Baçal applicou-os em pesquisas na região de Bragança, e encontrou elementos preciosos com a mesma orientação. Podemos porém ampliar, como fica dito, os quinze dias, se atendermos à preparação do Natal, que faz parte integrante da comemoração; um anexim português seja lembrado: — Pela vigília se conhece o Dia Santo; ora, se a vigília faz parte da festa, bem longa é a que prepara o **Dia de Natal**, com as novenas, as ladainhas, as jaculatórias, etc.

(14) Vol. III, n. 1, (Janeiro-Março).



A F o l g a

(Ilha do Faial — Açores)

por **Júlio Andrade**

De ilha para ilha e até mesmo entre freguesias, os costumes do nosso povo, por vezes, são tão diversos que embora já relatados por outros, não resisto à tentação de o fazer, mas relegando-o para a minha terra natal.

O homem a quem cabe arrancar à terra o pão cotidiano para sustento próprio nas mais árduas tarefas, tem também necessidade de expandir-se em folguedos. Está mesmo averiguado que, enquanto manufatura o artigo ou desempenha qualquer mister, assobiando ou cantando, produz, com diferença apreciável, superior rendimento no trabalho. Razão esta porque se criaram as bandas regimentais e os cantos patrióticos para as grandes marchas.

Não quer isto dizer que a necessidade de expansão esteja reser-

vada ao elemento plebeu. Até as classes privilegiadas foram buscar os velhos serões desopilantes à vida sedentária. Desde o minueto, à gavota, etc., até ao fox e recentemente o baião foi a dança ou o bailho entretenimento de velhos e moços das altas esferas sociais.

Nas aldeias deram-lhe um tratamento mais comezinho, mais plebeu. Chamaram-lhes **folgas**. Mas, se nas cidades se requeria profusão de luzes, candelabros de prata, castiçais dourados, sanefas de veludo, poltronas de damasco carmezim, cortinados de rendas finas e os traços mais aprimorados da época, nas aldeias os castiçais eram substituídos por canudos de cana pregados nos tabiques de madeira donde escorriam pingos de cebo. Cobria-os um teto forrado de **cambadas** de milho. Um arquibanco, duas ou três cadeiras de pau, floreira a um canto e numa pequena mesa, entre jarrões de flores, o Emblema do Divino Espírito Santo ou oratório, muitas vezes, causa desses bailaricos por promessas feitas em horas de angústia, são o mobiliário da maioria das casas de aldeias. Quanto à indumentária — a roupa domingueira se não é a do trabalho que se abandonou naquele instante. Nem causa espanto se virmos algum campônio descalço e roupa remendada bailando a Chamarrita animadamente.

A folga é, pois, um serão campestre, reunião de rapazes e raparigas (e alguma gente de mais idade) bailhando ao som duma viola — instrumento semelhante ao violão (viola francesa) mas que tem somente 5 ordens de cordas (mi, si, sol, ré e lá), as primas (mil), as segundas (si) e toeiras (sol), dobradas, e os dois bordões (ré e lá) acompanhadas de mais duas cordas, oitavas destas. As toeiras e uma de cada cordão são de arame amarelo. Tem, por conseguinte, 12 cravilhas.

Em folgas de **mais opinião** (de mais fama ou de maior nomeada) é a viola acompanhada de violão e violino.

Não lhe tirem, porém, o ambiente campeзино com a sua naturalidade rude, mas sã, livre, mas sem pecado. Temos verificado que transportada à luz do Sol da cidade e à selecta assistência torna-se um bailho sensaborão, enfático e sem vida. Falta-lhes aquilo que não lhes podemos dar — o seu meio.

Ainda o século passado eram as folgas animadas com diversidade de bailhos como o Sapateia Corrido e de Cadeia, o Caracol, a Tirana, Abana, Práia, Mangericão; Matias Leal, Meu Bem e mais. Neste número incluía-se a Chamarrita, aquele que hoje predomina. Contradança alegre, cheia de calor, mais desopilante às agruras, desta vida que as mornas danças de outróra de cântico dolente e doentio.

Qual a origem destes bailhos?

Algumas destas ilhas açorianas incluindo a de que tratamos, começaram a ser povoadas pelo ano de 1466. Se já no ano de 1514 as folias ou danças de mascarados foram autorizadas no interior das igrejas (e os bailhos são próximos parentes daquelas pela semelhança) é porque anteriormente existiam sem a supradita cláusula. Mediando entre aquelas datas apenas 48 anos, é de supor que são contemporâneas da sua colonização. Sendo esta ilha povoada por Flamengos e Continentais, seriam eles que as trouxessem e que aqui deixassem vinculados os costumes das terras donde procediam.

Já vimos no continente as danças de Maços, das Fitas ou Cadarços, dos Arcos, etc. Serão de criação nacional? Viriam para o continente através das ilhas depois de importadas da Flandres?

Diz-nos o sr. Luís Chaves no **Viriato, herói da Lusitânia** que um século antes de Cristo, Diodoro Sículo fazia referência às Danças dos Lusitanos. Parece-nos, pois, confirmar-se origem continental, embo-

ra povos extra fronteiras houvessem no seu folclore bailhos a assimilar-se.

Outro ponto a esclarecer: Se foi a Chamarrita ascendente de alguns bailhos ou se foram estes que originaram aquela ou ainda se todos importados.

O meu colega Manuel Dionísio, trabalhador incansável em assuntos etnográficos, diz ser a Chamarrita uma sequência de As Vacas, bailho Flamengo. Talvez... Mas cingindo-me às evoluções deste bailho, verifico que esta só por si, encerra quase todas as marcações dos chamados **antigos** ou **velhos**. Donde deduzo ser este de criação mais recente, como necessidade duma expansão mais activa, mais alegre, de espalha máguas, consoante a renovação do Tempo que caminha de ha muito a passos agigantados para o chamado dinamismo.

E o nome de Chamarrita será uma composição do verbo **chamar** e o substantivo próprio **Rita** (Chama a Rita!) de qualquer imperativo para que esta mulher viesse fazer parte do Bailho e que tivesse ferido a nota irônica do vulgo?

O certo é que nos últimos tempos ao organizar-se uma **folga**, é a Chamarrita o bailho da noite e se qualquer ancião saudoso da sua juventude tenta renovar os do seu tempo — os bailhos velhos, tem a opposição de toda a mocidade. E é esta que sempre vence.

Vamos, pois, dar algumas indicações como se inicia a **folga** campestre.

Não teremos os complicados convites das contradanças fidalgas da cidade. Convidados, sim, os tocadores sem os quais, nada feito. O resto, rapazes e raparigas do lugar são eles que se encarregam de propalar o acoptecimento e quem vai emprestar vida e brilho á folga do vizinho ou do parente.

Ao fechar da noite encaminham-se para a casa da Folga e verificado número suficiente, os mais atrevidos (o dono da casa, desde este momento, perde todo o ascendente à sua propriedade que fica sendo terra de ninguém) vão para o centro da sala ou quarto (pequeno compartimento que nem sempre tem, 16 metros quadrados) de braços levantados, estalando dedos como a imitar castanholas ou cantando, enquanto as pequenas por convite ou moto-próprio e ainda levadas pelas companheiras, dão começo à primeira Chamarrita.

Este bailho pode ser bailhado com 4, 6, 8, etc., pares. Poucas são as salas que comportam mais do que este último número.

Bailham duas vezes no fim das quais as mulheres deixam a roga sendo portadoras dos convites e indicações que os homens fizeram para que com eles formem par, as raparigas da sua afeição. Dado o caso de alguma destas haver sido já convidada (tirada) é vulgar ficar a mesma pequena a fazer par com quem havia dançado primeiro. E o bailho prossegue invertendo-se os papeis. São agora os homens, depois de já terem também bailhado duas Chamarritas, que saem da roda e vão tirar o cavalheiro indicado pela mulher. E nesta continuação cerimonia se leva toda a noite.

Presentemente são 4 as Chamarritas que se bailham. — Chamarrita Nova, em sol maior, Chamarrita de Cima, em lá menor; Chamarrita do meio, em ré maior e Chamarrita do Caracol, em ré menor.

Em tempos mais recuados bailava-se uma outra chamada — a do Torreão. Esta compunha-se de todas as marcas das outras, mas condenadas, porém, aquelas em que os pares se tocassem. Iniciava-se o bailho em cruz, por isso também conhecida por Chamarrita de Cruz, que terminava sob a mesma formação.

Com o andar dos tempos os pares foram-se aproximando, tocan-

do e prendendo até que se ajustaram como nos nossos dias. Se até o nome se perdeu !

Como é sabido, nestes bailhos, entusiasmos e animação crescem e aumentam, por vezes, que nos surpreendem contadores com interessantes improvisos e rimas espirituosas. Vou tentar recordar alguns:

No mês de Dezembro, com tempo chuvoso, foi um aldeão à freguesia vizinha envergando umas calças de linho branco (o linho doutros tempos de urdidura caseira!) quem sabe se por extrema pobreza!

Como fôsse algo enlameado, um dos cantadores sai-se com esta:

Menino das calças brancas,
Mande-as ensaboar,
Que as calças brancas vêm sujas
Para quem vem namorar.

Outra: Saiu dos Flamengos um **rancho** de rapazes e raparigas na véspera de S. Mateus de Longe que ainda hoje se festeja na igreja do Capelo. Era, então, costume irem em romaria fazendo paragem, no regresso, em Castelo Branco. Um dos tocadores da época que deveria acompanhar o rancho, adoeceu. Como estava de namoro com uma das raparigas da romaria, lá foi esperá-la a C. Branco onde bailhavam animadamente, e, ao vê-la canta:

A noite pede desculpa
Por estar escura e chuvosa,
Mas sempre te venho ver
Meu lindo botão de rosa.

Em tempos que vão longe, a cantar nas **folgas** não era exclusivo dos homens como vemos hoje. O elemento feminino fazia parte integrante nos cantarés e, vamos lá com Deus! sem reбуço pelo decoro, muitas vezes.

Uma dessas cantadeiras afamadas lançou-se ao desafio com um velhote também cantador de fama que, vendo o caso mal parado, saiu aborrecido a caminho de casa. Conta a história ao filho, um rapagão também considerado bom cantador. Este, veste-se e todo ufano comparece na folga. Lá estava ela ainda, cantando sempre. Acabada a cantiga o rapaz invetiva:

Eu venho de lá tão longe
Para ver o que aqui vai,
Para ver uma atrevida
Que descompôs o meu pai.

Ato contínuo ela responde:

Diga lá, senhor cabreiro,
Onde pasta as suas cabras,
Se as pasta na rocha alta...
O meu... pasta suas barbas.

O dito grósseiro na boca duma mulher é sempre desagradável. No entanto a hilariedade foi tão estrondosa que o rapaz ficou corrido e desapareceu. Dera-se isto com um homem e talvez o caso desabasse em desforço pessoal.

O tempo rola e com ele as boas maneiras e apuro de educação. Assim, ainda me lembro das folgas serem animadas com o gargateado das raparigas mas cada qual aprimorando o conceito e rimas das cantigas. Exemplos:

Eu era ainda criança
Mas lembra-me ainda bem,
Meu pai tocava viola
Pra ouvir cantar minha mãe.

Quando ouço uma viola
Paro e tiro o chapéu,
Não me importa morrer
Se houver violas no céu.

Ó viola portuguesa,
O teu tocar é sublime!
Os teus harpejos tristeza
Onde a minha alma se exprime.

Também Castelo Branco deu afamadas cantadeiras. Falemos de umã de quem não me recordo o nome mas que está ainda na memória de alguns velhos que assistiram aos seus contundentes desafios de que levava sempre a melhor. Tinha ela um conversado que por impossibilidade nem sempre a acompanhava, mas ela é que não perdia folga mesmo fora da freguesia. Lá caminhava, só, bailando com a animação de sempre. Defrontou-se então, com um moço artilheiro com fama de cantador.

Ela:

Belos dias, belas noites,
Belas manhãs as tenhais,
Vamos falar à saude:
Estou bem, vós como estais?

Resposta dele:

Sou soldado artilheiro
Venho da guarda rendido,
Eu também estou muito bem
Vos fico muito agradecido.

Ela:

O sol belo quando nasce
Deita raios em Cacilhas,
Já soubemos um do outro
Como vão as mais famílias ?

Ele:

Gostava de vir mais cedo,
Tive um desvio, não pude,
Agora à minha partida
Ficou tudo de saúde.

Ela:

Tenho a lembrança de tudo,
Tudo está a meu cuidado,
Ficou tudo de saúde
Nisso lhes fico obrigado.

Mas ele é que não estava satisfeito pois queria saber do noivo dela e canta-lhe:

Melro preto quando canta
Põe o pé no alecrim,
Já soubemos um do outro...
Como vai o **Manel Jaquim** ?

||

Como era natural, causou esta cantiga um certo murmúrio e um tal Zé Inácio por alcunha **O faz cancelas**, intermete-se:

Quem deixou o seu amor
Para vir aqui bailhar,
É bom quando lá chegue
Ache outro no seu lugar.

Resposta dela:

Retira-te dessa porta,
Meu pé de orego acamado (1)
Pra que trazes na lembrança
O que não te dá cuidado?

E ela dando fim à Chamarrita, disse, sempre cantando: — Marilas Campos Presinas!

Lembremo-nos que os fins da Chamarrita são dados pelos cantadores com o trivial **Tirolé**, depois do mandador da mesma ter dito: **Chega a pares ou Cada um aos seus lugares.**

As mulheres para fugirem ao ritual **Tirolé** dos cantadores, preferem a frase já citada de **Marilas Campos Presinas** que, por mais que deite o bestunto a moer não sou capaz de saber o seu significado. Continuemos:

Num arrufo de namorados. Ela:

Tenho dentro do meu peito
Um cravo branco riscado;
Está disposto em águas firmes
Que por ti tenho chorado.

Ele:

Tenho dentro do meu peito
Um canivete dourado
Para partir a rosquilha
No dia do teu noivado.

(1) O termo deve ser orégão.

Ela:

Olha o mar tão chocalheiro
Em garrafinhas de vinho;
Levantai lá as carrancas
Que tendes para comigo.

Ele:

Estava para escrever
Amor, a tua lindeza,
Ficou-me o papel em casa,
A pena em cima da mesa.

Ela:

Ainda ontem estive ouvindo
Num leilão apregoar
As juras que os nomes fazem
Mas ninguém as quis comprar.

E assim se divertiam rapazes e raparigas dando largas às suas paixões amorosas no meio do seu grande entusiasmo e ardor em épocas de tantas privações mas que sabiam aproveitar êsses momentos com a alegria que Deus lhes proporcionava suavizando assim um pouco do seu sofrer.

Não será preciso esclarecer que dêstes despiques, muitas vêzes nascia... um casamento!

Cantigas de um homem do Pico:

Quando fôr ao Faial
Hei-de ir lá cima à Cruz
Para te perguntar
Se voltas ao Bom Jesus

Adeus, ó Largo da Cruz
Aonde o sol arroteia,
Onde mora o meu amor
Não pode haver coisa feia.

Adeus, ó Largo da Cruz,
Caminhos de cravos brancos,
Aonde o meu amor passeia
Domingos e dias santos.

Esta rua não tem nome,
Eu hei-de lhe mandar pôr...
Chama-se a rua das rosas,
Onde mora o meu amor.

Aqui fica como que uma introdução aos Bailados e Danças de Entrudo que pretendo concretizar e desenvolver de forma a que os homens de amanhã possam reconstituir quaisquer das danças coreográficas que se dançavam e bailavam na ilha do Faial em tempos recuados.



Refranerillo de la alimentación

Castillo de Lucas

1. — NECESSIDAD DE COMER

Sin beber y sin comer no hay placer
El mucho comer trae poco comer
El hambre es mala consejera
Hombre con hambre no sabe lo que hace
Hambre y frío entregan al hombre a su enemigo
El estómago no se convence con razones
Estómago con hambre, no quiere razones, sino panes.
Hay que comer para vivir, y no vivir para comer
Todos los extremos son viciosos
Abusar es mal usar
De hambre a nadie vi morir; de mucho comer, a diez mil

No aprovecha lo comido, sino lo digerido
No es lo mismo tragar que comer
Si quieres cedo (pronto) engordar, come con hambre y bebe a va-
gar (despacio).

Lo que entra con el capillo, sale con la mortaja
Sopas de la niñez hay regüeldos en la vejez
Quien bien come y bien bebe, razón es que carga lleve
El buen alimento cría entendimiento
Donde no hay gordura, no hay hermosura
A la mujer y la mula, por el pico — o por la boca — les entra la
hermosura.

Mienturas el gordo enflaquece, el flaco perece
El que no come, su casa descompone
Que el que bien come y bien digiere, solo de viejo se muere.

II. — LA HORA DE LAS COMIDAS

A la mesa y a la cama, a la hora horada
El que no llora, no mama
No hay mejor mediodía que cuando hay gana
Comer tarde y cenar presto, la merienda quita de en medio
Come poco y cena más; duerme en alto, y vivirás
Come poco y cena más poco
Más mató la cena, que sanó Avicena
Come poco y cena más poco
No le quiere mal, quien hurta al viejo lo que ha de cenar
Por mucha cena, nunca noche buena
Por grandes cenas están las sepulturas llenas
Cena temprano y vivirás sano
La mejor hora para comer es cuando hay hambre, habiendo de
qué.

III — LA MESA

Ni mesa que se ande, ni piedra en el escarpe
Comer y beber, sentado, y dormir, echado
En la mesa no se debe hablar de muertos
Comida hecha, compañía deshecha
En la mesa y en el juego, la educación se ve luego
Ni a tu mesa ni a la ajena te sientes con la vejiga llena
Comer, a gusto, y vestir, al uso.

IV. — EL APETITO

A mucha hambre no hay pan duro
Quien come bien el pan, pecado es el ajo que le dan
Aceituna, una es oro; dos, plata, y la tercera, mata
Aceituna, una; dos, mejor; tres, peor
Comiendo comiendo, el apetito se va abriendo
El comer y el rascar, hasta empezar
El comer sin apetito, hace daño y es delito
Más mató la gula que la espada
Quien come de más, menos tiempo comerá

V. — MASTICACIÓN Y DEGLUCIÓN

Comer y engullir no es todo uno
"No huelo nada, que estoy romadizada", dijo la zorra taimada
Que en más se ha de estimar un diente que un diamante
Boca sin muelas, molino sin piedra
Buena salsa es el hambre
De lo que me gusta, hasta que me tupa
De lo que no te agrada, no comas nada, y nunca mucho de lo que
te agrada.
Más come el ojo que la boca
Más malo es de hartar el ojo que el paladar
Quien come despacio, como dos veces
Bocadito regular, que se pueda mascar
Bocado engullido, sabor perdido
Leer sin fruto sacar, es mascar y no tragar
Al que come y canta, un sentido le falta.

VI. — LEGUMBRES, VERDURAS Y FRUTAS

A poca rarne, muuha berza
Aceite de oliva, todo mal quita
Espinacas, comida sana
El tomate hasta que se remate
Si quieres tener el cuerpo sano, no le metas a hortelano
Comer verdura, y echar mala ventura
De gazpacho, no hay empacho
La carn estreny, la verdura allarga (valenciano)
Entre el arroz, que atapa, y las uvas, que sueltan, está la cosa
revuelta.
Con la ensalada, o vino o nada
Quien tras la ensalada no bebe, no sabe lo que pierde
Con melón, o sobre peras, o sobre brevas, vino bebas
Sobre el pepino, vino
Agua al higo, y la pera, vino
Sobre caracoles, higos y peras, agua no bebas, o vino bebas, y
tanto, que caracoles, higos y peras anden nadando.
Sobre las uvas y la miel sabe mal el vino, pero hace bien
Tras lo crudo, puro
Ensalada y agua bendita, poquita
Arrós, que fa el ventre grós (valenciano).
Arrós, peix y pebrót, el vi ben fórt (valenciano)
El arroz, el pez y el pepino, nacen en agua y mueren em vino
Arrós y beguda, fóc de brasa (valenciano)
La paella cremá, esta millor sue la que no está (valenciano)
Arroz crudo, para el diablo rabudo
Arroz de munición, para el diablo rabón.
Es mejor no menear el Arroz, aunque se pegue
Coles y nabos, para en una son entrambos
Caldo de nabos, ni lo quieras ni lo des a tu hermano
La calabaza, ni engorda ni embaraza, pero llena la tripaza
Eres más sosa que la calabaza
La berenjena para nada es buena
Caballero, tente en piernas: mal te harán las acelgas
Como verdolaga en huerta
Hácese más presto que se cuecen los espárragos

Los espárragos, o los cardillos, o los rábanos de abril, para mí; los de mayo, para mi amo o para mi hermano, y los de junio, para ninguno o para mi burro.

Más valen dos bocados de vaca, que siete de patatas

Espinacas, comida sana

El tomate, hasta que se remate

Con tomate, hasta el chocolate

El cardo y el queso, al peso

No tomes caldo de habas, que hace a las mujeres bravas

De lo que come el grillo, poquillo

Ensalada y visita, poquita

La ensalá, salá, poco vinagre y muy aceitá

Quien tras la ensalada no bebe, no sabe lo que pierde

Con la ensalada, vino o nada

Las frutas bien sazoadas, con razón son estimadas

Fruta de secano, muy sabrosa; fruta de regadío, aguanosa

A la fruta verde y al hombre mal barbado, dales de lado

Pera que dice "rodrigo", no vale un higo

La mujer y la pera, la que calla es buena

Pera que cruje y melón que rechina, a la cochina

Fruta cara, no es sana

La fruta, para que no haga dañó, cuándo la coma el soldado

De los colores, la grana; de las frutas, la manzana

Una manzana diaria, aleja al médico de casa

Fruta como la uva, ¿Quién la ha visto?, pues le dió su sangre a Cristo.

La naranja y la granada, antes que nada

De la naranja, lo que quisieres; de la lima, lo que pudieres, y del limón cuanto tuvieres.

¿Quieres un bocado? El níspero despestanado

Al hombre harto, las cerezas le amargan

El melón-o-la naranja, por mañana es oro, — o — en ayunas, oro; al mediodía, plata, y por la noche mata.

De la miel el higo es buen amigo

Uvas con queso, saben a beso

El rey fué viejo a Toro y volvió mozo

Los huevos, frutas y legumbres, no dan más que pesadumbres

Agua al higo y a la pera vino

Tras lo crudo, vino puro

VII. — CARNES Y PESCADOS

Carne, hace carne, y, vino hace sangre

La carne, pone carne; el pan, panza, y el vino, guía la danza

Carne cría carne, y peces, aire

Toda la carne es sospechosa, más la muerta es venenosa

Carne de hoy, pan de ayer y vino de antaño, y vivirás sano

El lechón, de un mes, y el pato, de tres

Carnero, comer de caballero

De la mar, el mero, y de la tierra, el carnero

De enero, a enero, carnero

Ave por ave, el carnero si volase

La vaca, bien cocida y mal asada

Carne de pecho, carne sin provecho

De la vaca flaca, la lengua y la pata

El caldo de lomo, no lo echos al perro

Cena carnero, y amanecerás muerto
Si carnero asado cenó, no preguntes de que murió
La mesa pobre, es madre de la salud rica
De la carne de cerdo, cuanta más, menos
Si quieres ver tu cuerpo, mata un cerdo
Carne de cochino, pide vino
Puerco fresco y vino fresco, cristianillo al cementerio
El jamón y el vino añejo, estiran el pellejo
El tocino y el vino, añejos
Sin tocino la olla, el diablo que la coma
Ni olla sin tocino, ni sermón sin agustino
El tocino hace la olla; el hombre, la plaza, y la mujer, la casa
De mala sangre, malas morcillas
Longaniza corta, sabrá más que longa
Carne en calceta, para quien la meta
Carn de pluma, aunque sea de grulla
Carne de pluma, quita del rostro la arruga
La gallina hace la cocina
Gallina vieja, buen caldo hace
De aquella me deje Dios comer, que deja los pollos y comienza
a poner.

Capón de ocho meses, para mesa de reyes
El pato y el lechón, del cuchillo al asador
De las aves, la perdiz, y sobre todo, la codorniz
Perdiz azorada, medio asada
Tapar la nariz y comer la perdiz
A perdiz por barba, y caiga el que caiga
O perdiz, o no comerla
De la perdiz, lo que mira al suelo; del conejo lo que mira al cie-

lo.
Siempre perdiz, hasta el obispo cansó
De las perdices hastiado, el rey pidió gazpacho
¿Quieres comida mala?, come liebre asada
Carne, carne cría, y peces agua fría
Más vale agua de carne que carne de agua
Todo pescado el flema, y todo juego postema
El besugo mata mulo, y gana mulo
El pez freco, gástale presto
El huésped y el pece, a los tres días hiede
El ojo, al besugo; al enfermo, el pulso
Mala boca, peces coma
Mentir y comer pescado, quieren cuidado
Pescado de mar, siquiera con cuchar
De los pecados, el mero; de las carnes, el carnero
Buena es la trocha, mejor el salmón; bueno es el sábalo, cuan-

do es de sazón.
El sermón y el salmón, por la cuaresma tienen sazón
En los meses que no tienen erre, no comas peces
El pece de mayo, a quien te lo pidiere, dalo
Si no te quieres casar, come sábalo por San Juan
Al clérigo y a la trucha, por San Juan los busca
Por San Blas, besugo atrás
Cuando el gochu está en sazón, truchés non (Asturias)
Las sardinas, frecas, frías y fritas
La sardina y longaniza, al calor de la ceniza
La angula, enpanada, y la lamprea, escabechada

No comas lamprea, que pones la boca fea
Pescado cecial, ni hace bien ni mal
De la pescada, la rabada
Quien come pescado y bebe vinada, ni come ni bebe nada
Si a tu marido quieres matar, dale caracoles en el mes de San

Juan.

Quien come caracoles en abril, prepárese a morir
Con caracoles, higos y peras, vino bebas
La langosta hace la tripa angosta
Después de los peces, malas son las leches
Quien come besugo y agua bebe, no preguntes de que muere
El arroz, el pez y el pepino, nacen en agua y mueren en vino
Al escabeche, eche....
La sardina, lo que requieres es pica y bebe
Carne y pescado en una comida, acortan la vida

VIII. — LOS HUEVOS

El huevo, fresco, y el pan, moreno
Quien se come un huevo sin sal, se come a su padre si se le dan
El huevo por la yema, y la mujer, por fuera
Los huevos y las legumbres, no dan más que pesadumbres
Huevos solos, il manjares, y para todos
El huevo, cuanto más cocido, más duro
Un huevo es poco almuerzo; dos, algo son; tres, almuerzo es, y
cuatro, ya es demasiado.
Tras el huevo, blando o duro, vino puro

IX. — LA LECHE Y SUS DERIVADOS

La leche, al pie de la vaca
La leche sale del mueso, o del pienso, y no del hueso
La mujer que cría, es más madre que la que solamente pare
Leche, sangre y manteca, todo de una teta
La leche de abril, para mi; la de mayo, para mi amo, y la de
junio, para ninguno.
Lo que en la leche se mama, en la mortaja se derrama
La leche y el vino, hacen al viejo niño
Leche, miel y mosto, hacen al viejo mozo
Come leche y bebe vino, y hacerte has de viejo niño
Leche, de cabras; queso, de oveja, y manteca, de vacas
Dijo la leche al agua: "¡En hora mala vengas, herman!"
"Tras la leche", dijo el teatino, "No bebas vinagre, agua ni vino"
Encima de la leche, nada echas
A la leche, eche, agua y vino de camino
A la leche, nada le echas; pero le dice la leche al aguardiente:
"¡Dejate caer, valiente!"
Dijo la leche al vino: "¡Seais bien venido, amigo; pero no uses
mucho este camino!"
La leche con vino, tórnase venino
El queso es sano que da el avaro
Ni comas mucho queso, ni de mozo esperes seso
Del queso, un pedazo, y que te dure un año
Todo el año queso, y al año un queso
Queso, de ovejas; leche, de cabras, y manteca, de vacas
El queso y el barhecho, en mayo sea hecho

El queso de mayo, para guardallo
El queso, ciego
El queso, pesado, y el pan, liviano
Queso ciego y pan con ojos, quitan a mi hijo los enojos
El cardo y el queso, al peso
EEl cardo y el queso, al peso
El cuero y el queso, comprarlo por péso
Algo es queso, pues da por peso

X. — EL PAN

A Aquel loar debemos cuyo pan comemos
Ni mesa sin pan, ni ejército sin capitán
Pan de trigo, leña de ensina y vino de parra, sostienen la casa
Quien más de pan de trigo busca, sin seso anda
El pan de Astorga, mucho en la mano y poco en la andorga
Harina mala, mal pan se amasa
Pan casero, de ese quiero
Pan casero, satisface; pan de panadero, a la hora, hambre
Pan caliente, mucho en la mano y poco en el vientre
Con aceitunas y pan caliente, se muere la gente
Pan caliente mata a la gente
Pan de ayer, vino de antaño y carne del día, dan al hombre la vida.
Pan tierno, casa sain gobierno
El pan reciente, abrirle el gollete
Con pan caliente, no bebas de la fuente
Agua fría y pan caliente, mal para los dientes
Mas vale pan duro que ninguno.
A buena hambre, no hay pan duro
A pan duro, diente agudo
El pan, por el color, y el vino, por el sabor
El pan, blanco, y la mujer, morena
Pan de centeno, con hambre es bueno
El huevo fresco, y el pan moreno
De los olores, el pan, y de los sabores, la sal
Bocado de mal pan, ni lo comas ni lo des a tu can
Quien bien come el pan, no ha menester manjar
El que come bien el pan, pecado es el ajo que le dan
Pan con ojos y queso sin ojos, quitan a mi hijo los enojos
Más vale pan con amor que gallina con dolor
A más molletes, más mofletes
No sólo de pan vive el hombre
Pan, vino y carne, crian buene sangre
Pan, jamón y vino añejo, son los que hinchan el pellejo
Pan, solo enmagrece
Pan, a hartura, y vino, a mesura
Pan con pan, comida de tontos
Come pan y bebe agua y vivirás vida larga
Agua fría y pan caliente, nunca hicieron buen vientre
Con pan y vino, se anda el camino
Pan e vino, juega, que non camisa nueva
Donde no hay harina, todo es mohina-o tremolina
Contigo, pan y cebolla
Bueno es el pan, pero mejor con algo que agregar

XI. — LAS BEBIDAS Y LA SED

Ni comer sin beber, ni firmar sin leer
Mál mascado y bien remojado
Beber, para comer, y aún eso, sin exceso
Cuanto más bebo, más sed tengo
Beber con medida, alarga la vida
A quien bebe, hablar no se debe
Beber, de codo, y cabargar de payo
No bebes sin ver, ni firmes sin leer
La bebida, fría, y la comida, caliente
Comida fría y bebida caliente, nunca hicieron buen vientre
La bebida moderada, es salud para el cuerpo y alegría para el alma.

XII. — EL VINO

El vino, como rey, y el agua, como buey
Ni vino que hierve, se puede beber ni bien con reposo se puede tener.
Vino del año y día; pan, de antedia, y carnero-o carne, del mismo día.
El vino añejo, leche es para el viejo
Ei vino aplaca el hambre
Cuesta más alimentar un vicio que criar un hijo
Dijo el Sabio Salomón, que el buen vino alegra el corazón
El vino alegra el ojo, limpia el vientre y sana el diente
El vino no pruebe quien mal vino tiene
El vino bueno es caro, y el malo, hace daño
Camisas donde no hay lino, borrachos donde no hay vino
Abrigo contra el frío, estar bien bebido
Más abrigan buenas copas que malas ropas
El vino es pan y medio
Vino por fuera y vino por dentro, cura todos los males al momento.
En habiendo vino, aceite y manteca de cerdo, media botica tenemos
El vino, en la botica,
El vino con agua es salud del cuerpo y del mismo paño
El vino, usado, y el vino, mudado
El vino ha de ser comido y no bebido
Sopa en vino, no emborracha, pero gacha
Vino bueno, no hay mejor beleño
El agua, para un susto, y el vino, para un gusto
El vino, para que sepa a vino, se ha de beber con un amigo
El vino demasiado, ni guarda secreto, ni cumple palabra
Do mucho vino es, luego es la lujuria y todo mal después
A mucho vino, no hay cabeza
De vino abastado, de razón menguado
Do entra beber, sale saber
Donde el vino entra, la verdad sale.
La vida del perdido, poco dinero y harto de vino
El vino no tiene nada de verguenza
Tabaco, toros, naipes y vino, llevan al hombre a San Bernardino
Entre Baco y Venus, deja su vida el indiscreto
Ninguno se embriaga del vino de su casa

El agua, para los peces, y el vino, para los hombres
La primera es la de la sed; la segunda, por compañía; la tercera
es alegría y la cuarta, borrachería
El vino da fuerzas y el vino las quita
El mejor vino se torna vinagre
El vino sacado, hay que beberlo
Vino acedo, pan de centeno y tocino añejo, mantienen la casa
en peso
Detras de todo, detrás, vino beberás
El español fino, con todo bebe vino
Tras lo crudo, vino puro
Con la ensalada, o vino, o nada
Carne de cochino, pide vino
Con caracoles, higos y peras, vino bebas
Al escabeche, eche.
El arroz, el pez y el pepino, nacen en agua y mueren en vino
Con pan y vino se anda el camino
Carne cría carne, y el vino, sangre
Fruta como la uva, quien la ha visto, pues le dió su sangre a
Cristo?
Beber buen vino, no es desatino; lo malo es beber vino malo
Bebe vino cada día, pero nounca en demasía
Bebe que te rías del vino, y déjalo antes que se ría de tí el vino

XIII — EL AGUA

Algo tiene el agua cuando la bendicen
El agua, ni envejece, ni empobrece
El agua, ni enferma, ni embeoda, ni adeuda
Lo que poco cuesta, poco vale
El agua cara es siempre mala
Agua manantial, de fuente viva
Con agua y con aire, no convides a nadie
Sin olor, color ni sabor es el agua mejor y hala de ver el sol
Agua que hueela, no la bebas
Agua que algo huele, o a algo sabe, otro la trague
Agua manantial, fresca y limpia
Agua corriente, no mata a la gente
Agua estantía, mala bebía
Agua estancada, agua envenenada
Quien mucha sed tiene, de cualquier agua bebe
Agua mala, hervirla y colarla
Agua perdida, colada y hervida
Agua de sierra, y sombra de piedra
Cuando más el hidrópico bebe, más sed tiene
Agua en ayunas, o mucha o ninguna
Agua fría y pan caliente, nunca hicieron buen vientre
A la hora del sudado, el agua fría a un lado
Beber sudando agua fría, da catarro o pulmonía
Agua caliente, no daña el diente
El agua, aunque tan blanda, todo lo ablanda
Come pan y bebe agua y vivirás vida larga
No me echas agua en el vino, que andas gusarapos por el río
Baco a muchos ha matado, Neptuno, a ninguno
Borrachera, de agua; que la de vino es cara y sale a la cara
El agua aclara la vista
Bendita sea el agua, por cara y por barata

XIV — BEBIDAS Y ALIMENTOS AROMÁTICOS

Agua cocida, alarga la vida
Jurado tiene la menta, que al estómago nunca mienta
Las cuentas, claras, y el chocolate, espeso
Eso no cuela ni con chocolate

XV — CONDIMENTOS Y GUISOS

Huir del perejil y salir en la frente,
Dormirse sobre los laureles
No vale un comino
Eso es canela fina
Buene es el culantro, pero no tanto
¿Qué sería de los villanos, si de la noche a la mañana se perdie-
ran los ajos?
El ajo es la triaca del villano
Pecado es el ajo que le dan, al que come bien el pan
Sobre el bien comer, ajo
La pimienta es chica y pica
La pimienta escalienta
Falte en tu mesa el pan, y no falte la sal
Sin sal, todo sabe mal
Sin sal, ni plática ni manjar
No comas mucha sal, que te harás viejo
A buenas ganas, huelan las salsas
Caliente la comida y fría la bebida
Lo caliente es lo que hace buen vientre; lo frío, échalo al río
El fuego ayuda al cocinero
A ese manjar me allego que se allega al fuego
No comas crudo, ni andes con el pie desnudo
Carne mal lograda, primero cocida y después asada
Ni de amigo reconciliado, ni de manjar dos veces guisado
Caldo recalentado, dalo al diablo
Lo mejor de la cocina, es no abusar de ella
No preguntes de qué murió quien carne asada cenó
Quien cena carne assada, la fosa tiene preparada
Duro de cocer, duro de comer
Lo cícido, bien cocido, y lo asado, mal asado.
Lo frito, calentito
Las sardinas, frescas, fritas y frías
Lo de todos los días, cansa y hastía

XVI. — LA OLLA

Más vale vuelco de olla que abrazo de moza
Una olla y una vara, el gobierno de una casa
Ni olla sin tocino, ni boda sin tamborino, — o, ni sermón sin
agustino, ó, ni cena sin vino
Olla sin sal, no es manjar; al gato se le puede dar
La olla sin verdura, no tiene gracia ni hartura
Olla sin piedra, marido sin cena
Ni olla descubierta, ni casa con dos puertas
Olla reposada, no la come toda barba
La olla y la mujer, reposadas han de ser
Olla que mucho hierve, sabor pierde

Olla, ¿Por qué no cociste? — Dueña, porque no me meciste
Moza, ¿Para qué me hurgas, pues el suelo no me mudas?
Después de Dios, la olla, y todo lo demás es bambolla
El garbanzo y buen ladrón, de..... son
Si comes potaje, comes carne
Todos los días olla, amarga el caldo
Cada día gallina, amarga la cocina
Al buey cansado, mudarle el pienso
A olla que hierve, ninguna mosca se atreve
Caldo de Toledo, resucita a un muerto
Sopas, lo mismo da muchas que pocas
Toma después de la sopa un trago, y ríete de médicos y boticarios
Si quieres ver a tu marido gordito, después de la sopa dale un
traguito
El buen caldo, al buen vino le abre camino
El caldo, con taza y sin asa
Caldo de gallina, y precaución, a discreción
Precaución y caldo, nunca hicieron daño
El casamiento y el caldo, pelando
Caldo recalentado, doilo al diablo
Después de Dios, la olla; todo lo demás es bambolla

XVII. — HIGIENE POST-PRANDIAL

Después de comer, dormir; y de cenar, pasos mil
Quien come y deja, dos veces pone mesa
Mejor es quedar con gana, que estar enfermo mañana
Mejor es gana que empacho
No comerá mucho quien mucho come
Quien comió hasta enfermar, ayune hasta sanar
Más mueren de ahitos que de aflitos
O con oro, o con plata, o con biznaga, o con nonada
O tea, u oro, o biznaga, y mejor es nada, o sola agua
Después de comer, ni un sobrescrito leer
El español fino, después de comer tiene frío
Barriga caliente, pie durmiente
Comida sin siesta, campana sin badajo
Bien cenar y mal dormir, juntos los vi ir
El hombre bien comido bien bebido, no es acostado cuando es
dormido
Tras la cena, pasea; tras la comida, siesta tranquila

XVIII. — EVACUACIÓN INTESTINAL

Con orinas y cámaras, se desayuna el médico todas las mañanas
Entre cámaras y tapón, está la buena elección
Al comer y al vaciar, no se apresurar
A hombre recién levantado, ni le propongas negocio ni le pidas
prestado
Cursos, catarros y caída, quitan al viejo la vida
Tres "ces" matan a las viejas; caída, catarro y cagalera
El estreñimiento siempre muere de cámaras
Jeringa, ayuda, clíster y lavativa, son una cosa misma
Cinco ayudas, una purga
Día de purga, día de sepultura
Cuando blando, cuando duro, nunca le faltan achaques al culo

RESUMEN

El hambre no tiene espera
El hambre es mala consejera
El hambre no admite fiador
El hambre echa el lobo al campo
El hambre aguza el ingenio
El hambre carece de ley
Las viandaspreciadas, con miedo son agraz
Conforme sea tu vivir, será tu morir
Comer, santa palabra es

APÉNDICE. — REFRANERILLO DE UNA COMIDA ESPAÑOLA

No hay mejor melodía, que el buen apetito
En ayunas, el melón — o la sandía, e soro; a mediodía plata, y
por la noche, mata
Aceituna, una; dos, mejor, y tres, peor
Aceituna, una es oro; dos, plata, y la tercera mata
Las sardinas, frecas, frias y fritas
Jamón y vino añejo, hinchán el pellejo
Con tomate hasta el chocolate
El tomate hasta que se remate
Arros, que fa el ventre gros (valenciano)
Arros, peix y pebrot, el vi ven fort (valenciano)
El arroz, el pez y el pepino, nacen en agua y mueren en vino
Arros y beguda, foc de brasa (valenciano)
La paella cremá está millor que la que no está (valenciano)
Arroz crudo, para el diablo rabudo
Arroz de munición, para el diablo rabón
Es mejor no menear el arroz, aunque se pegue
Arroz y tartana y casaca a la moda (valenciano)
Hacerse más presto que se cuezan los espárragos
Los espárragos de abril, para mí; los de mayo, para mi amo, y los
de junio, para ninguno
A perdiz por cabeza — o — para dos perdices dos
O perdiz o no comerla
De la perdiz lo que mira al suelo; del conejo, lo que mira al cielo
Todo el año, queso, y al año un queso
Queso de ovejas, leche de cabras y manteca de vaca
Fruta como la uva ¿quien la ha visto?, pues le dió su sangre a
Cristo
Agua cocida, alarga la vida
Ni mesa sin pan, ni ejército sin capitán
Ni comer sin beber, ni firmar sin leer
Vino de Yepes y Ocaña, la mejor cosa de España
Vino de Jerez, no hay mejor medicina para la vejez
Si Castilla fuera vaca, Rioja la ríñonada
En la mesa donostiarrá, lo primero, sidra
Vino de manzanas, ni es vino ni es nada, béalalo la gente asturiana
Tolo el que bebe licores sufrirá mil sinsabores
Beber buen vino, no es desatino; lo es beber vino malo
Contra el flato, bicarbonato
Contra el flato, plato
Mas alimentan patatas en paz, que tajadas en guerra



El Tabaco en el Folklore

Felix Coluccio

La civilización conoce al tabaco como un "alimento nervioso". Es indiscutible que tal denominación o clasificación está acertada. No nutre al organismo, es cierto; no provee de vitaminas, es verdad, pero Letourneau, al incluirlo como tal en su **Dictionnaire des Sciencis Anthropologiques** editado em Paris (s/f), sabia perfectamente que el tabaco era y es consumido por millones de seres de ambos sexos por una apetencia nerviosa del organismo humano, tan desesperada a veces, que hay quienes podrian pasar varios dias sin probar alimento alguno, sin poder en cambio resistir, sin perturbarse psiquicamente, unas pocas horas sin aspirar el aroma de un cigarrillo.

Lo interesante es que el tabaco, como muchísimas plantas estupefacientes (la cosa por oje) nó, se incorpora de diferentes mane-

ras al folklore universal, integrando el mundo de las leyendas, empleandolos en la medicina popular, enriqueciendo el lenguaje vulgar, dando origen a costumbres curiosas etc. etc.

En las leyendas, aparece el tabaco vinculado a la lechuza Lehmann-Nitsche, a quien tanto debe el folklore argentino fué de los primeros que pudo constatar esta correlación, la que es difícil poder explicar de otra manera que vinculándola a la onomatopeya. Así por ejemplo en la versión siguiente de la provincia de Tucumán: La lechuza se dedicaba a la venta de tabaco. De su bondad se aprovechaba la vizcacha, a la que los paisanos llaman **Juan Cruz**. La venta a fiado fue tan grande, que la lechuza veía quebrar su negocio, decidiendo por ello exigir que se le pagara lo adeudado. Entonces la vizcacha hizo una cueva y se metió en ella. Desde entonces, la lechuza (la **vizcachera**) vive apostada a su entrada y cuando la ve, grita: “¡ José Cruz, tabaco, tabaco!”. La versión entrerriana es algo diferente: Trés muchachos que ennoviaban habían reunido cierta cantidad de tabaco en la casa de sus novias, de oficio planchadoras.

Pero estas abandonaron el trabajo y se dedicaron a fumar el tabaco recojido sin dejar entrar a sus prometidos. Fueron estos a consaltar a una bruja, y esta transformó a las novias en vizcachas y a los jóvenes en lechuzas, condenándolos a vivir en las proximidades de sus cuevas, donde siempre gritan: **! trrra'el tabaco!...! trrra'el tabaco...! Ni pizca!... Ni pizca!**

El tema del tabaco que como decimos admite la interpretación onomatopéyica del canto o chistido de la lechuza, también aparece en una leyenda de San Luis, variante desde luego, de las anteriores:

Un arriero encuentra en su camino a un anciano (que no es otro que Dios mismo) que le pide tabaco. Como se lo niega, lo transforma en lechuza, repitiendo siempre este cantar: “Traís tabaco? Traís tabaco?” Las mulas se transforman en tierra de la que brotan numerosas plantas de tabaco.

Una leyenda santafecina es similar en su sentido a las anteriores: La lechuza y el sapo forman un matrimonio bien avenido. La primera gustaba extraordinariamente del tabaco, y el segundo, de la bebida. Por eso, cuando una vez la lechuza lo mandó a comprar tabaco, el sapo se gastó el dinero en la bebida y se embriagó. Cuando legó, ella le preguntó: **Trais tabaco?** Y el le contestó: **Ni pa un pucho.**

No pudiendo con su genio, la lechuza lo devoró, y es desde entonces que todas las lechuzas gritan: **Trais tabaco?** Y los sapos responden: **Ni pa un pucho.**

Leyendas sobre las lechuzas hay por cientos en el resto de América, pero que sepamos, no aparece en ellas vinculadas el tabaco. En el Alto Amazonas, Watrin recogió una muy curiosa de como entró entre los indios ocaynas el conocimiento del tabaco y su uso: “La madre del perro tenta del tabaco una sola planta que dió una hoja enorme. Ella la arrancó y llenó una cesta estando bien torcida y prensada la suspendió para secarla encima del fogón. Cuando el perro volvió de caza y vió el tabaco creyó que era un excremento...” Es ésto repugnante, tira esta sueiedad, qué ideas tienes tú de guardar isto? ;! que sueiedad! “y el tira el tabaco afuera. La madre del perro llora, va a recoger el tabaco que limpia, diciendo:.. “Es esto tabaco; yo voy a enseñarte como se utiliza”. Y así nos ha venido el tabaco que nos otros hemos conservado.”

En la parameología popular hallamos incorporado el tabaco en varios refranes y aún en coplas. Antiguo es aquél que dice: **Baco, Venus y tabaco ponen al hombre flaco**, equivalente poco más o me-

nos al siguiente: **tabaco, mujer y vino, con tino**. Los españoles tienen una copla muy sugestiva para reemplazar a estos refranes demasiados claros:

Tabaco, vino y mujer
dañan a la juventud;
pero tomados con regla
son para el hombre salud.

Hay un dicho muy conocido en nuestro país, Uruguay y Chile: **Acabase ele el tabaco**, con el que se expresa que se acabó algo que uno tenía, por ejemplo dinero, buena voz, buena suerte, una amistad ventajosa etc. En México, en sentido figurado, tabaco significa bofetada y también valiente, esforzado, y reservan el nombre de **tabaco amarillo** para la marihuana, estupefaciente de triste renombre. Y en casi toda América Central, **ponerse uno de mal tabaco** significa poner se de mal humor.

Agreguemos por fin, que en casi todo el mundo, las hojas de tabaco a falta de ellas, las que forman ya recortadas los cigarros, se emplean para cicatrizar heridas; mientras tanto en nuestra Puna Jujeña, el tabaco molido con sal lo emplean los indígenas para tratar enfermedades dentarias.

Queremos agregar que el uso del tabaco en ceremonias mágicas y ceremonias de amistad es extraordinario en toda América y que la **pipa de la paz** jugó papel importantísimo em todo el continente, especialmente en su parte norte.

Bibliografía:

Robert Lehmann Nitsche, in *Las aves en el folklore sudamericano*.

El Hornero, vol. 2, n. 4, p. 276-289, Buenos Aires, .. 1920-1922.

Félix Coluccio: *Diccionario Folklórico Argentino*, 2a. edic. Buenos Aires El Ateneo 1950.

Antonio Serrano: *El uso del tabaco y vegetales narcotizantes entre los indígenas de América*, in *Revista Geográfica Americana*, a. II, no. 15, p. 415-429, Buenos Aires 1934.



A propósito do nosso último Boletim e da apresentação de "O Vilão" (de São Francisco do Sul), no Festival Folclórico de São Paulo, do festejado homem-de-letras cearense, dr. Florival Seraine, recebemos esta manifestação:

"Fortaleza, 27-9-54.

Prezado am^o. e confrade Walter Piazza.

Agradeço-lhe a remessa do último número do "Boletim", que se acha excelente do ponto de vista intelectual e sem dúvida, melhorado em sua feição material, principalmente devido à sobriedade da sua capa.

Quero externar-lhe aqui, porque não me foi dado fazê-lo no momento, a extraordinária impressão que me causou, em São Paulo, a exibição do folguêdo catarinense, de S. Francisco — **O Vilão**. Entre a maioria dos que o assistiram então, e que eu ouvi manifestar-se a respeito, foi êle considerado em pé de igualdade com os folguedos alagoanos, isto é, colocado em plano superior aos demais que se exibiram àquela noite no Ibirapuera".

CONFRONTO AÇORIANO-CATARINENSE

Do ilustrado e culto homem-de-letras dos Açores, Cel. José Agostinho, recebeu, o nosso diretor, as notas que se seguem, em caráter particular, mas, dadas as circunstâncias da proveniência e para um confronto dos nossos leitores não podemos fugir à publicação.

(Ref. Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore, Ano V, N. 17/19)

Achêgas à Poranduba Catarinense, por Lucas A. Boiteux.

Ditos populares açorianos, análogos a alguns dos mencionados pelo Sr. Boiteux. Superstições, etc.

Das grandes celas estão as sepulturas cheias.

As sopas não são para quem as miga mas para quem as papa.

Barriga chela, pé dormente.

Pão virado à mesa é de mau agoiro.

Quando se leva um bocado à boca e este cai é sinal de que alguém nos quer falar e não pode.

Com o vinho: — Antes da sopa, molha-se a boca; sopa acabada, goela molhada.

Sonhar com a queda de um dente é sinal de morte próxima de parente ou pessoa amiga.

Uivo de cão é de mau agoiro.

Derramar tinta é também de mau agoiro.

O defunto no caixão deve ficar com os pés para o lado da porta da rua. Muita gente não gosta de colocar a sua cama de modo que fique em posição análoga...

A vestimenta d'alma deve ser completa. (Dizemos "vestimenta" e não "coberta").

Para se livrar de visita incômoda, deitar sal no lume.

É de mau agoiro passar por debaixo duma escada encostada a uma parede exterior.

Livrar de trazeira de mula e de deanteira de frade.

Para alcançar bom tempo rezar:

Santa Clara esclareai,
Santo Estevão, esteai!

—

A Chamarrita é um baile popular em todas as ilhas dos Açores, desde Santa

Maria ao Corvo, tendo contudo variantes de ilha para ilha. Descrição dum baile na ilha do Pico com pormenores da Chamarrita, encontra-se no livro de Maximiliano de Moraes "Histórias das Ilhas".

Sobre o Quicumbi, seria interessante comparar os bailes referidos no artigo do Sr. Dr. Walter Piazza com as danças que aqui na ilha Terceira é costume organizar nalgumas localidades e que percorrem as ruas do lugar, vão mesmo visitar outras freguezias e vem até por vezes à cidade. Há cinquenta anos algumas dessas danças eram de pretos (indivíduos com a cara mascarada de negro).

Há contudo quem suponha que estas danças vieram do Brasil para aqui..

Um problema. Muito interessante a descrição da dança dos pescadores, no Faial, do Sr. Júlio Andrade.

Orações populares:

É vulgar a oração:

Com Deus me deito

Com Deus me levanto,

Nossa Senhora me cubra com o seu manto.

Também se praticava aqui o modo de curar o Sol na cabeça, descrito a pág. 44. ("Orações populares" — Domingos Vieira Filho).

BALANÇO DE REALIZAÇÕES

Sob o título acima, o ilustre membro da Comissão Nacional de Folclore, Prof. Manuel Diégues Júnior, pela sua coluna "Folclore e História", no "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, de 11 de julho pp., assim se expressa:

"Agora que se aproxima o Congresso Internacional de Folclore, quando vamos reunir, em nosso país, especialistas vindos das várias partes do mundo — de Oropa, França e Bahia, para falar a própria linguagem do folclore — parece oportuno que façamos um exame de consciência do que temos realizado e do que temos feito; e principalmente do que vamos apresentar aos folcloristas, aos mestres, aos homens que vêm de mundos diversos para êsse encontro cordial e especializado. Êste exame de consciência nos permitirá um balanço não só de nossas realizações, mas igualmente de nossas idéias.

No campo das realizações creio que muito poderemos apresentar. É certo que nos falta um organismo central de pesquisas e estudo do nosso folclore, um serviço de investigações e de análises, tal como já o têm alguns países americanos; o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore (agosto, 1951) incluiu entre as suas recomendações — e o fez por sugestão do presidente Getúlio Vargas, quando recebeu os congressistas — a de ser instituído um órgão dessa natureza; o Segundo Congresso reiterou a sugestão; e até agora nada. É claro que

um serviço de coordenação de atividades em todo o país, de realização de pesquisas, de elaboração de estudos, sómente poderá contribuir para o desenvolvimento de nosso folclore e o aperfeiçoamento das pesquisas.

Um dos nossos primeiros assuntos, ao iniciar-se esta seção em 1953, foi justamente a criação desse organismo; e o fizemos porque áquela época (comêços de 1953) se cogitava da reforma administrativa, já encaminhada ao Congresso, aliás, e seria a oportunidade adequada para a criação de um órgão destinado á defesa do folclore e das artes populares, sob a jurisdição do Ministério da Educação e Cultura. Infeizmente, está parada a reforma, e além disso do projeto encaminhado pelo Executivo não consta o sugerido órgão; contudo, ainda seria tempo de o Congresso incluir, no campo de atividades do Ministério da Educação e Cultura, um serviço de folclore e artes populares.

Temos em atividade a Comissão Nacional de Folclore que, criada em 1948, está hoje ramificada em quase todos os Estados. De atuação puramente normativa, sem forças nem recursos para executar, todavia, se tem feito sentir sua ação benéfica, sobretudo porque tornou possível a aproximação entre os vários especialistas espalhados pelos Estados, uns isolados, sofrendo o diabo para fazer alguma coisa, outros estudando, metendo os peitos, pesquisando e publicando. Em resultado, as Comissões Estaduais, órgãos da Nacional, vêm produzindo alguma coisa, tanto quanto permitem, de um lado, o entusiasmo dos respectivos secretários estaduais. Assim umas apresentam saldos positivos, outras ainda não chegaram a dar saldos. Mas, de qualquer forma, vão fazendo força.

Por iniciativa do Primeiro Congresso, 1951, o I. B. E. C. C., instituição nacional da UNESCO, tem realizado convênios com os Estados, alguns até agora, para fins de proteção aos folguedos populares, ás artes populares, ao artesanato; todavia, o auxilio estadual, a proteção, o amparo, de modo geral, ainda continuam precários na maioria das Unidades da Federação. Em alguns Estados consta em orçamento uma verba de auxilio á Comissão Regional, verba, porém, quase sempre insuficiente para movimentá-la; em outros os folguedos continuam pagando impostos ou taxas, motivo por que, quando em vez, os jornais estão noticiando a interferência de Renato Almeida — cabeça, vida, alma do movimento folclórico atual — na defesa dos folguedos; em vários existe muito palavreado, muito discurso, e os respectivos governos nada fazem.

Há, porém, como referi, os saldos positivos. **Em Santa Catarina, em São Paulo, no Espírito Santo divulgam-se publicações do folclore, mantidas pelas respectivas Comissões Estaduais;** no Rio de Janeiro e no Paraná saiu o primeiro número, e só. São publicações que honram o movimento folclórico atual, e mostram a riqueza de possibilidades que estão em potencial desafiando realizações. Em São Paulo, em PERNAMBUCO, no Rio Grande do Sul realizam-se cursos de folclore; em Minas Gerais, no Paraná, há cursos de folclore nas respectivas Universidades. **Em São Paulo, em Paraná, nas Alagoas, no Espírito Santo, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul fazem-se pesquisas bem orientadas, algumas em marcha de divulgação, outras não.** De qualquer forma realiza-se alguma coisa de positivo; faz-se algo no campo de investigações, de estudos, de divulgação do nosso folclore. São atividades, de certo modo, isoladas, em que pese o poder de ordenação da Comissão Nacional de Folclore, que justamente veio

dar ânimo, apôio, entusiasmo a muitos que trabalham isoladamente, não raro anônimamente, por vêzes com enormes sacrifícios.

O campo de realizações é animador, apesar de tôdas as dificuldades, de tôdas as deficiências, dos altos e baixos que apresenta; devemos orgulhar-nos de, em menos de seis anos, ser possível apresentarmos algumas revistas de folclore, dois Congressos Nacionais, quatro Semanas Regionais, numerosos trabalhos publicados, um boletim informativo e outro bibliográfico mantidos pela Comissão Nacional, e um Congresso Internacional em perspectiva. No setor das idéias, por outro lado, os saldos serão satisfatórios como os registrados no campo das realizações? Para repetir uma frase de Kipling, que se tornou um lugar comim, como tantos e excelentes lugares comuns de rara oportunidade, isto já é outra história, e para ela reservaremos espaço no próximo domingo”.



O CONGRESSO INTERNACIONAL DE FOLCLORE

Sob o patrocínio da Comissão Nacional de Folclore e da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo reuniram-se, de 16 a 22 de agosto pp., na Cidade de São Paulo de Piratininga, folcloristas nacionais e estrangeiros, onde se destacavam:

Tobias Rosemberg, Horácio G. Rava, Maria Teresa Ávila e Felix Coluccio (Argentina); Cesta Arguedas (Polónia); Marius Barbeau, (Canadá); Tomás Lago (Chile); Fernando Ortiz (Cuba); Prince-Mars, Pierre Rigaud e J. M. Messidor (Haiti); padre Rafael Arboleda e Gerardo Reichel (Colombia); Stith Thompson e Ralph S. Boggs (Estados Unidos); coronel Ramón C. Bejarano (Paraguai); Luís Valcarcel e Efraim Mórte Best (Perú); Lauro Ayestarán e Ildefonso Pereda Valdez, além de um brilhante grupo de alunos do Curso de Folclore de Paulo Carvalho Neto, (Uruguai); Kikuko Kanal e Riebo Taira (Japão); A. Marinus (Bélgica); Egon Kraus (Alemanha); Henri Riviere (França); Ette Becker (Austria); Maud Karpeles, Lake Barnett, Douglas Kennedy (Grã-Bretanha); Nieves de Hoyos Sancho, Castillo de Lucas e García Vinales (Espanha); A. Charbuliez (Suíça); Jorge Dias, Luís Chaves, Jaime Lopes Dias e Armando Leça (Portugal).

Entre os grandes nomes do Folclore Nacional, ali presentes, sobressaiu o Prof. Luís Heitor Correa de Azevedo, que representou a UNESCO.

O temário estabelecido para o Congresso Internacional de Folclore foi o seguinte: I — **Características do fato folclórico.** Considerar os elementos fundamentais a fixar no fato folclórico; até que ponto pode ser prescindido o elemento tradicional e como se pode aceitar o aparecimento de um fato folclórico. II — **Folclore e educação de**

base. Importância do folclore na formação dos educadores. III — **Música folclórica e música popular.** Fronteiras existentes entre a música folclórica e a música popular. Características da música folclórica. IV — **Folclore comparado.** Base para fundamentar as afinidades humanas e as afinidades de uma área cultural comum. V — **Cooperação internacional entre folcloristas.** Meios e condições para realizá-la. Convênios entre Estados e organizações semi-oficiais e não-governamentais.

Da discussão dêsse temário surgiram muitas e importantes decisões.

Assim, a conceituação de fato folclórico fêz com que o plenário se movimentasse.

Dentre as decisões acatadas pelo plenário sobressaem:

“O Congresso Internacional de Folclore, reunido em São Paulo, de 16 a 22 de agosto de 1954, — CONSIDERANDO:

1) que os especialistas dos diversos países e disciplinas reunidos neste Congresso, se encontram num domínio comum de estudos: o das sociedades que alcançaram um estado de desenvolvimento musicista e o das sociedades em contacto com as mesmas;

2) que o estudo geral dêsse domínio designado, segundo os países e as escolas, sob o nome de folclore, civilização popular, Volkskunde, Folklliv, etnografia, etc., pertinente a uma disciplina mais ampla denominada, segundo os países e as escolas, Etnologia ou Antropologia Cultural;

3) que cada um dos aspectos do domínio interessado — tais como a literatura oral, a música, as estruturas sociais, a cultura material, diz respeito igualmente a disciplinas especiais tais como a história literária, a musicologia, a sociologia, a tecnologia, sem limitação de país ou de níveis sociais;

4) que, se existe um domínio comum de estudos, os métodos e a terminologia estão longe de ser unificados;

5) que é impossível ao Congresso, em tais condições e atendendo às diversidades das opiniões expressas por seus próprios membros, fixar uma terminologia unificada,

Propõe o seguinte voto:

que uma reunião limitada de especialistas, representando as principais tendências, seja convocada oportunamente sob os auspícios da UNESCO, com o objetivo de aprofundar o estudo destes problemas e, se possível, propor soluções.

(Ass.) **Antonio Jorge Dias — Stith Thompson — Joaquim Ribeiro — Luis E. Valcarcel — Georges Henri Rivière”.**

E, ainda, a seguinte, fruto da Conferência de Música Folclórica, na mesma oportunidade promovida pelo Conselho Internacional de Música Folclórica:

“A música folclórica é o produto duma tradição musical que evoluiu por meio da difusão oral.

Os fatores que condicionam ou condicionaram essa tradição oral são os seguintes:

1º) A **continuidade**, que liga o presente ao passado,

2º) A **variabilidade**, que emana dos impulsos criadores tanto individuais quanto coletivos,

3º) A **seleção** no seio de uma comunidade, que determina a forma concreta em que a música folclórica sobrevive.

Esta concepção da música folclórica aplica-se, em consequência, a todo gênero musical que teve como ponto-de-partida uma prática

musical rudimentar existente numa comunidade que permaneceu indiscutivelmente sem contacto com a música popular ou culta.

É válida também para a música que, embora criada por um compositor individual, foi aceita pela e incorporada na tradição oral viva duma comunidade.

Entretanto, tal concepção não poderá englobar, em caso algum, a música popular que foi aceita por uma comunidade, sem ter sofrido a influência dos fatores acima mencionados, fatores que são precisamente os determinadores do caráter nitidamente folclórico dum gênero musical.

(ass.) **Antoine E. Cherbuliez**, presidente — **Oneyda Alvarenga** — **Maud Karpeles** — **Douglas Kennedy** — **Egon Kraus** — **Jaap Kunst** — **Francisco Curt Lange**".

EXPOSIÇÃO DE ARTES E TÉCNICAS POPULARES

Na grande marquise do Parque Ibirapuera foi montada a Exposição Interamericana de Folclore, onde todos os Estados Brasileiros se fizeram representar, bem como algumas nações do Continente.

Naquela mostra folclórica o Estado de Santa Catarina, graças á boa vontade do seu Governôo conseguiu apresentar-se de forma destacada.

Assim, apresentamos uma canoa com todos os petrechos de pesca litorânea, artigos de cerâmica utilitária e ornamental, bem como rendas e trançados.

Durante a visita dos congressistas estrangeiros á nossa mostra folclórica lhes foi ministrada uma ligeira explicação da utilidade e do modo de confeccionar os objetos ali expostos.

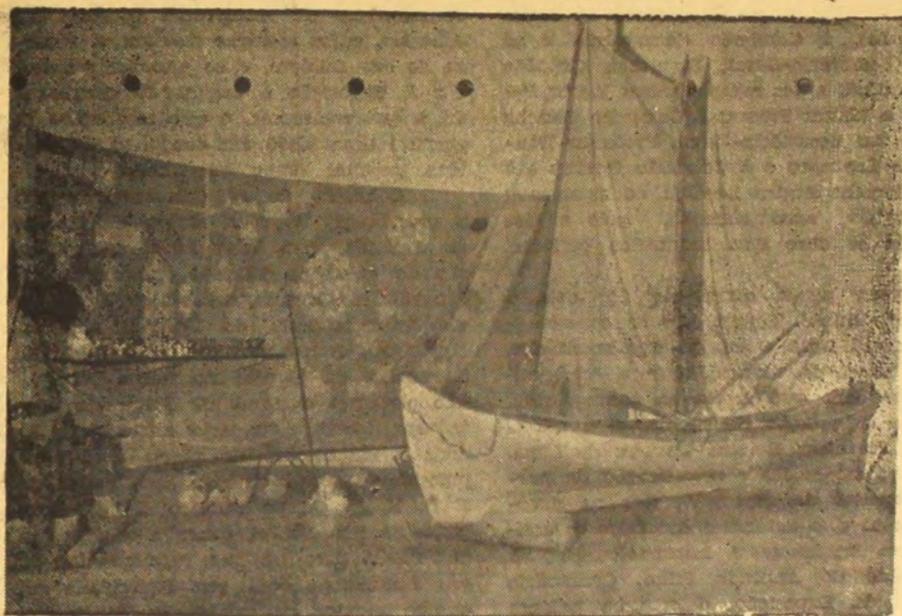
Como parte das comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, foi inaugurada, a 10 de setembro último, na Grande Marquise do Parque Ibirapuera, na progressista Capital Bandeirante, a Exposição de Artes e Técnicas Populares.

Na ocasião o Ministro Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, pronunciou o seguinte discurso:

"Graças á minha alegria em declarar inaugurada, em nome do Professor Lourenço Filho, Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, a Exposição de Artes e Técnicas Populares, sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário de São Paulo. Com ela concluímos a nossa tarefa de mostrar a São Paulo, ao Brasil e ao Mundo, o folclore brasileiro, as expressões legítimas da nossa arte popular, o gênio fabuloso e a lirica incomparável da nossa gente.

"Outros dirão, com mais autoridade e brilho, do sentido desta mostra. Quero, tão somente, nesta hora, recordar e agradecer a quantos nos trouxeram o seu concurso tornando possível a realização de tão alta iniciativa.

Aos companheiros da Comissão Amazônica e ao seu Secretário-Geral Professor Mário Ypiranga Monteiro; aos da Comissão Paraense e ao Dr. Armando Boddalo; ao Prefeito de Fortaleza, que nos ofertou a jangada aqui exposta, á Comissão Cearense e a Dra. Henriqueta Galeno e Dr. Florival Seraine; ao Governôo do Rio Grande do Norte e ao Professor Luis da Câmara Cascudo; á Comissão Pernambucana, ao Professor Getúlio César e ao Dr. René Ribeiro, bem como ao Secretário da Educação de Pernambuco e ao Diretor do Departamento de Cultura de Recife; á Comissão de Alagoas e seu Secretário-Geral Dr. Theo Brandão; á Comissão de Sergipe e ao seu Secretário Geral, Dr. Felte Bezerra; ao Prefeito de Salvador, á Comissão da Bahia e ao dr. Albano Marinho; ao Governador do Espírito Santo, á Comissão Capixaba e seu Secretário-Geral, Professor Guilherme Santos Neves; ao Governador de Minas Gerais, á Comissão Mineira e ao seu Secretário-Geral, Professor Ayres da Mata Machado Filho; á Comissão Fluminense e ao seu Secretário-Geral, dr. Luis Palmer; á Comissão Paranaense e ao seu



Um aspecto da mostra catarinense na Exposição de Folclore do
IV Centenário de São Paulo



Na demonstração de "O Vilão", no parque Ibirapuera

Secretário-Geral, Professor Aryon Dall' Igna Rodrigues; ao Governador de Santa Catarina, à Comissão Catarinense e ao seu Secretário-Geral, Deputado Oswaldo R. Cabral, e aos companheiros Victor Peluso e Walter Piazza; à Comissão Gaúcha e ao seu Secretário-Geral, Professor Dante de Laytano; e à Comissão Goiana e à Senhorinha Regina Lacerda, consigno meu comovido agradecimento, pois a eles muito se deve este magnífico certame.

"Quero agora dirigir-me aos colegas de São Paulo. Foram eles os construtores dessa obra e eu sei dos sacrifícios, das lutas, da tenacidade sem esmorecimento com que a ela se consagraram, sob a orientação do admirável e admirado Professor Rossini Tavares de Lima. Não só na coleta e organização da parte paulista da exposição, mas na devoção com que cuidaram de todos os conjuntos, nacionais e internacionais. A Oswaldo de Andrade Filho, Comissário Geral da Exposição, devo uma palavra muito especial. Foi o batalhador pertinaz, não raro o mártir, mas hoje o herói glorioso desta jornada. E a quantos em São Paulo nos ajudaram, em particular as Prefeituras de Ilha Bela, Atibaia e Aparecida do Norte, para citar alguns entre muitos, deixo a nossa sincera gratidão.

"Desejo ainda ressaltar o sentido da contribuição de numerosos países da América, cujas mostras revelam a riqueza de seu folclore, e se não foi possível dar à Exposição a amplitude continental a que aspiramos, o que recebemos já permite uma visão em conjunto da cultura popular deste hemisfério.

"A Comissão do IV Centenário, sob a presidência do meu amigo Guilherme de Almeida, com uma larga compreensão do valor do folclore, permitiu que dessemos ao Mundo, através de Congressos Internacionais, do Festival e desta Exposição, o testemunho da sabedoria, da arte e da técnica do nosso Povo. Não olvidarei o nome de Francisco Matarazzo Sobrinho, a cujo entusiasmo se deve o alargamento do plano desta Exposição, que ora entrego, em nome do I. B. E. C. C., ao público da generosa terra de São Paulo, quando celebra a gigantesca obra da sua inteligência, do seu dinamismo, e da sua capacidade em quatro séculos de existência, construindo esta maravilhosa metrópole, que é um orgulho de todos nós.

"Está inaugurada a Exposição de Artes e Técnicas Populares".

Nesta Exposição o nosso Estado de Santa Catarina está representado com um bem montado "stand", onde se colocaram vários produtos artesanais.

FESTIVAL FOLCLÓRICO

A 22 de agosto pp., no Parque Ibirapuera, teve lugar o grandioso festival folclórico, fêcho de ouro da grandiosa semana dedicada aos estudos das tradições mais caras aos povos de todos os quadrantes.

Compareceram e exibiram-se grupos folclóricos de Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e do interior de São Paulo.

Santa Catarina não faltou, também.

Graças ao prestimoso Deputado Francisco Mascarenhas foi possível o comparecimento de um grupo folclórico catarinense, cuja escolha recaiu na dança "O Vilão", de São Francisco do Sul.

A exibição desse grupo folclórico agradou plenamente a numerosa assistência e recebeu as mais encomiásticas manifestações dos folcloristas ali presentes.

UMA MOSTRA DE ALTO VALOR FOLCLÓRICO

Os meios culturais florianopolitanos apreciaram, a partir de 19 de dezembro último, a 3a. Exposição de Motivos Folclóricos do Prof. Franklin Cascaes, sob o alto patrocínio do Governo Estadual, por intermédio da sua Secretaria de Estado da Educação, Saúde e Assistên-



"O Vilão", de São Francisco do Sul, desfilando no Festival Folclórico do IV Centenário

cia Social, cujo titular esteve presente ao ato inaugural, que, também, foi engrandecido com a presença de outras altas autoridades.

A mostra aludida apresenta 38 peças divididas em seis quadros, intitulados: Farinhada, Rancho de pescadores, Tecelagem manual, Rendeiras, Mulheres, e um sem título.

Dos quadros sôbre a farinhada, o rancho de pescadores e a tecelagem manual de expressivo valor para aquêles que apreciam as artes populares, discriminamos as figuras: casa de engenho; maquinismo em miniatura, para o fabrico da farinha de mandioca; carro de boi transportando mandioca; mulheres raspando mandioca; homem cevando mandioca; homem prensando a massa de mandioca cevada; mulheres peneirando massa de mandioca prensada; homens fornecendo massa de mandioca, peneirada; mulher fazendo roscas e brôas; homem fazendo cigarro de palha; homem tirando fogo do isqueiro para acender o cigarro; mulher fazendo café no engenho; rancho de sapé; homem fazendo linha para espinhel; homem recolhendo o espinhel no balaio; homens preparando a rede para pescar; mulher fiando tucum; homem torcendo tucum no fuso; homem fazendo tarrafa de tucum; mulheres descaroçando algodão; mulher batendo algodão descaroçado; mulher fiando algodão batido; mulher urdindo fio para teer; e, mulher tecendo no tear.

A Comissão Catarinense de Folclore e a Direção dêste Boletim prestigiaram a sua inauguração, onde esteve presente o Diretor dêste órgão, Prof. Walter F. Piazza.

DOCUMENTÁRIO CINEMATOGRAFICO

Graças à gestão do Diretor dêste Boletim e da anuência do Secretário-Geral da nossa Comissão de Folclore foi acrescido o nosso documentário cinematográfico, com a aquisição de um filme de mais de trezentos metros, em 16 mm., do Festival Folclórico realizado no Parque Ibirapuera, por ocasião do Congresso Internacional de Folclore.

O valor dêste documentário está na fixação de várias doenças, e, entre elas, com especial destaque, a do "Vilão", que representou o folclore catarinense, naquela demonstração de arte e deslumbramento.



Ênio de Freitas e Castro — *As cavalhadas de Vacaria* — Publicação da Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul — 32 págs.

E' mais um valioso estudo que vem se alinhar nas prateleiras daqueles que se dedicam aos estudos de folclore.

A contribuição, em aprêço, só por si vale como um repositório de importantes subsídios ao Folclore gaúcho.

* * *

Alceu Maynard Araujo — *Instrumentos musicais e implementos* — Separata da Revista do Arquivo, n. CLVII, São Paulo, 1954 — 162 págs.

Trata-se de um trabalho que se fazia necessário, como complemento aos que se tem publicado a respeito do Folclore paulista e, ainda, como orientação àquêles que estudam os tradicionalismos de outras populações do nosso Brasil.

Está fartamente ilustrado com desenhos do Prof. Osní Tavares de Azevedo, e do próprio autor.

* * *

Michelson P. Hyppolite — *Les origines des variations du créole haitien* — Collection Haitiana — Imprimerie de l'État, Port-au-Prince, 1950. — 90 págs.

Com uma introdução onde exprime o Autor sôbre a necessidade da sua obra, ali encontramos um amplo campo para os estudos das variações linguísticas, sofrendo as mais diversas influências, com as devidas localizações geográficas.

E', portanto, um estudo que se impõe, não só pela importância da matéria tratada, mas, também, devido ao seu modo de expor.

* * *

Victor A. Litter — *Clasificacion decimal de la bibliografia antropologica* — I. D. E. A., Buenos Aires, 1953 — 44 págs.

É um meticuloso estudo de como se deve fazer a classificação decimal da bibliografia antropológica e, assim, interessando o folclore, como disciplina de antropologia que é.

* * *

Antonio Castillo de Lucas — Folklore del aparato digestivo — separata dos Archivos Iberoamericanos de História de la Medicina, 1952, vol. V. — 12 págs.

Do insigne folclorista espanhol que tanto tem contribuído para o enriquecimento da bibliografia folclórica êste estudo, apesar de curto, vem, mais uma vez, demonstrar aos estudiosos a importância dos trabalhos parciais.

É o que vemos nos esforços de Castillo de Lucas.

* * *

Juan Comas — Los Congresos Internacionales de Americanistas, edição do Instituto Indigenista Interamericano, México, 1954.

É um repositório de utilíssimas informações.

Trata-se, pois, de valioso repositório para aquêles que se dedicam às matérias relacionadas com a vida do homem americano, especialmente no que tange as indicações bibliográficas do variado e importante repertório contido nos "Anais dos Congressos Internacionais de Americanistas.

Bem acertados andam aquêles que organizam bibliografias, pois, elas facilitam os trabalhos dos pesquisadores.

Juan Comas merece, por isso mesmo, os mais vivos e efervorosos aplausos.

* * *

Nieves de Hoyos Sancho — Bordados y encajes — Temas Españoles n. 30, Madrid, 1953 — 30 pp.

A ilustre Autora apresenta um manancial valioso de subsídios para o estudo dos bordados e encaixes espanhóis.

Analisa a evolução dos bordados e das rendas e a sua disseminação pelos quadrantes da Terra Espanhola.

Desta forma, e, daqui por diante, mais uma inestimável fonte de consultas para aquêles que desejarem estudar as interligações dos povos d'Aquém e d'Além — Atlântico.

* * *

Manoelito de Ornellas — O Rio Grande tradicionalista e brasileiro — edição do "35 — Centro de Tradições Gaúchas," Porto Alegre, 1954. — 18 págs.

É um notável discurso pronunciado, por aquêles homem-de-letras gaúcho, no 1º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, levado a efeito, no mês de julho p. p., na cidade de Santa Maria da Boca do Monte.

É uma notável peça oratória — repetimos — pelo seu conteúdo que, às vezes, alcança o trágico da realidade nacional, nas suas importantes declarações.

Bem certo andou o "35 — Centro de Tradições Gaúchas" mandando imprimir aquêles grito de alerta do tradicionalismo pátrio, por uma das suas mais autorizadas vozes.

* * *

Luiz Otávio — Trovas — ed. Acaiaca, Belo Horizonte, 1954. Contém cem trovas versando os mais variados temas.

* * *

Boletim do Centro Beirão de São Paulo — números referentes a Junho de 1953 e Julho de 1954. Dirigido por José Inácio Alpendre. Contém muita e interessante matéria.

* * *

Luiz Tenório de Brito — Memórias de um ajudante de ordens, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 1951.

Contém depoimentos bem valiosos para o futuro analista da quadra atual da vida brasileira.

* * *

Henrique da Silva Fontes — A Beata Joana Gomes de Gusmão — Florianópolis, 1954. — 32 págs.

Trata-se de uma comunicação sôbre a vida daquela santista, da família ilustre do Padre Voador e do Ministro Alexandre de Gusmão, apresentada ao Congresso de História, comemorativo do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo.

Apresenta-se fartamente ilustrada.

* * *

Fausto Teixeira — Medicina Popular Mineira — ed. Organização Simões, Rio, 1954 — 168 págs.

O esforçado Autor que se afirmara, anteriormente, no campo folclórico com "Estudos de folclore", apresenta-nos nas 168 páginas de sua nova obra um rico repositório da medicina popular mineira com interessantes e utilíssimas notas informativas sôbre as constâncias folclóricas, das "benzeduras" citadas, em outras unidades de Pátria Brasileira e em países estrangeiros.

Além de ser valioso estudo sôbre as doenças e os seus tratamentos populares, dá-nos, ainda, um pujante vocabulário da terra das Gerais e, finalizando, a indispensável bibliografia.

* * *

Ana Birgitta Rooth — "The cinderella cycle", Lund, 1951.

Trata-se, como se vê pelo título, de um estudo acêrca do ciclo da Cinderela. É leitura das mais atraentes e vem, mais uma vez, demonstrar a universalidade dos sentimentos e conhecimentos populares, nas suas histórias.

A autora realiza, com êste seu trabalho, importante tarefa de metodização da pesquisa do referido assunto, onde estão presentes todos os continentes.

* * *

Rig — Revista de Cultura, História e Folclore, Stocolmo.

Iniciando o nosso intercâmbio com a Suécia, de lá recebemos a revista epigrafada, nos números referentes aos anos de 1951, 1952 e 1953.

Todos êles contêm farto e estimável material para estudos comparativos.

BOLETIM DA ASSOCIACION TUCUMANA DE FOLKLORE — Ns. 47/49

Tobias Rosenberg, o erudito folclorólogo argentino, vem realizando importante obra de divulgação da Ciência do Povo através do Boletim em epígrafe, onde, sempre, se encontram boas e eruditas colaborações, tendo a destacar-se o material riquíssimo do folclore tucumano.

Nêste ligeiro registro fazemos votos que aquela confreira prossiga, sempre, na sua senda de esclarecimento e deleite cultural.





COLABORADORES

Nacionais:

Acílio Acacio Pereira Pires
Adão Carrazoni
Almiro Caldeira de Andrade
Alceu Maynard Araujo
Alvaro Tolentino (†)
Pe. Alvino Bertoldo Braun, S. J.
Altair Mazon
Bento Aguedo Vieira
Constantino Medeiros
Custódio F. de Campos
Carlos da Costa Pereira
Domingos Vieira Filho
Egon Schaden
Elislário Pereira
Euclides J. Felipe
Pe. Evaldo Pauli
Eduardo Campos
Eustorgio Wanderley
Florival Seraine
Fausto Teixeira
Felix Lima Júnior
Felte Bezerra
Francisco Machado de Souza
Hermínio Millis
Henrique da Silva Fontes
Hildegardes C. Vianna
Horácio Paz
Hermógenes Lima Fonseca
Ildesonso Juvenal
Jaime Mazon
Jefferson Davis de Paula
João Dornas Filho
João Palma da Silva
João dos Santos Areão
Pe. João Reitz
Jorge de Lacerda
José Jorge
José de Lima
Leví Hal de Moura
Lucas A. Boiteux
Luiz Alípio de Barros

Luiz R. de Almelda
Maria de Lourdes Henriques
Mariza Lira
Mario Campos Birnfeld
Moacyr Santana
Neusa Nunes
Orlando F. de Melo
Oswaldo Melo Filho
Othon D'Eça
Otávio Silveira
Plácido Gomes
Renato Almelda
Renato José da Costa Pacheco
Rossini Tavares de Lima
Ruben Ulisseia
Rui Vieira da Cunha
Saul Martins
Silveira Junior
Teobaldo C. Jamundá
Téo Brandão
Tassilo Spalding
Urbano V. Gama Salles
Veríssimo de Melo
Victor B. Caminha
Vitor Peluso Jr.
Walter Spalding
Zedar Perfeito da Silva

Estrangeiros:

Antonio Castillo de Lucas — Espanha
Augusto C. Pires de Lima — Portugal
F. Carreiro da Costa Açores
Fermin A. Anzalaz — Argentina
Fernando de Castro Pires de Lima —
Portugal
Felix Colluccio — Argentina
Júlio Andrade — Portugal
J. A. Pombinho Jr. — Portugal
Jorge Ramos — Portugal
Luiz Chaves — Portugal
Manoel José de Andrade — S. Domingos
Tobias Rosenberg — Argentina
Wilhelm Giese — Alemanha